

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**FERNANDA BEATRIZ CARICARI DE MORAIS**

**ENTRE ALHOS E BUGALHOS - OS USOS DO CLÍTICO *SE* NA ESCRITA  
ACADÊMICA**

**DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA  
LINGUAGEM  
São Paulo  
2013**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**FERNANDA BEATRIZ CARICARI DE MORAIS**

**ENTRE ALHOS E BUGALHOS - OS USOS DO CLÍTICO *SE* NA ESCRITA  
ACADÊMICA**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do grau de Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob orientação da Profa. Dra. Leila Barbara.

**DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA  
LINGUAGEM  
São Paulo  
2013**

## Banca Examinadora

---

---

---

---

---

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese por processos fotocopiadores e eletrônicos.

Assinatura\_\_\_\_\_ Local\_\_\_\_\_

Data\_\_\_\_\_

*Poeme-se...  
Leminski-se  
Drummond-se  
e que o mundo  
Quintane-se!*

*Musique-se...*

*Buarque-se  
Lenine-se  
e que o mundo  
Caetane-se!*

Vânia Jordão

## **Agradecimentos**

Primeiramente, aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado. Agradeço o amor, o apoio, a compreensão e a torcida.

Ao meu marido, companheiro, amigo e confidente Ricardo pelo amor, carinho e incentivo constante.

Quero agradecer, de forma especial, a minha orientadora Profa. Dra. Leila Barbara pelo profissionalismo, dedicação, carinho, disponibilidade, broncas e puxões de orelha. Por ter me ensinado a “ler” o mundo e a escrever de forma acadêmica. Em especial, por me inspirar e ser uma pesquisadora.

À minha família em São Paulo, em especial, minha tia Ana Maria, minha prima Maíra, seu marido Everton e seus filhos Luquinhas e Thiago, pela hospedagem, pizzas, brincadeiras, conversas e risadas.

À minha amiga Priscila pela hospedagem e passeios em São Paulo.

Aos meus pais portugueses, Manoela e Getúlio, pela acolhida, amizade, incentivo e carinho. Por tornarem a minha estadia muito mais agradável!

Às Profa. Dra. Célia Macedo e Profa. Dra. Sara Scotta Cabral pelas inúmeras contribuições nos exames de qualificação, pela disponibilidade e discussões preciosas. À Profa. Dra. Heloisa Collins pelas contribuições no primeiro exame de qualificação.

À Profa. Dra. Astrid Sgarbieri, com quem tive a oportunidade de iniciar a pesquisa, na iniciação científica, agradeço o carinho, o apoio e a amizade de sempre.

Ao Prof. Dr. Carlos Gouvêa por ter me recebido na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, durante o estágio sanduíche, pelo carinho, pelas orientações, discussões e dicas de Lisboa!

Aos meus colegas do grupo da Universidade de Lisboa pelas contribuições nos encontros de Sistêmico. Em especial, à Claudia Natividade, companhia de passeios e discussões teóricas.

Aos meus colegas de grupo pelas discussões, apoio e carinho. Em especial, a minha colega Aline que emprestou o gravador e fez anotações importantes no último exame de qualificação.

À querida M. Lúcia, funcionária do LAEL, pela eficiência e carinho.

Ao CNPq e a CAPES pelas bolsas concedidas.

Por fim, a todos que de uma maneira direta ou indireta contribuíram para a realização desta tese.

## Resumo

Este trabalho está inserido em um contexto maior, o projeto SAL (*Systemics Across Languages*) desenvolvido em parceria com pesquisadores da China, Argentina, México e Tailândia que procuram entender as características específicas e universais que partilham as línguas. No Brasil, o projeto visa estudar a linguagem de artigos científicos. Esta tese objetiva analisar os diferentes usos e funções que o clítico *se* desempenha em artigos científicos. As funções excluídas são: o *reflexivo* e a *conjunção*, pois seus usos são claramente descritos e não estão relacionados ao desfocamento de participante e com construções agnatas. O corpus de estudo, corpus do projeto SAL, contém 1225 artigos científicos de diversas áreas do conhecimento coletados da plataforma *Scielo*. A multiplicidade de funções é uma das características do *se*, um dos problemas mais interessantes da língua portuguesa e de outras como francês, espanhol e italiano. Uma das controvérsias em torno desse clítico é a possibilidade de o participante estar ou não indeterminado, como discutem as pesquisas de Nunes (1991), Monteiro (1994), Bagno (2000), Camacho (2002, 2003), entre outros. O mesmo ocorre com o *on* em francês, *se* em espanhol e *si* em italiano, conforme trabalhos de Ruwet (1972), Suñer (2002) e Cinque (1988). A base teórica, a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994, 2004), tem como foco a língua em uso e permite analisar as escolhas gramaticais do autor em textos (escritos ou falados) com base no contexto de cultura e de situação em que se realizam. Segundo a proposta desta tese, os usos do *se* podem ser classificados em três categorias: *se em construções médias* – as ações que acontecem por si só, um processo é causado por ele mesmo (*self-caused process*); *se em construções com desfocamento de participante* que ocorrem por ser irrelevante sua menção, parte do estilo do gênero acadêmico/científico e *se em construções agnatas* – verbos que quando se ligam ao *se* têm significados relacionais e/ou existenciais. Espera-se que esta pesquisa contribua com os estudos sobre o uso desse clítico em língua portuguesa e, também, auxilie na elaboração de materiais didáticos e de cursos instrumentais que visam atender a produção e compreensão escrita de textos acadêmicos.

**Palavras-chave:** clítico *se*; artigo científico; Linguística Sistêmico-Funcional.

## Abstract

This study is part of SAL - *Systemics Across Languages*, a project, developed in association with researchers from China, Argentina, Mexico, Colombia and Thailand, whose aim is to study specific and universal features of languages. In Brazil, it project focuses mainly the study scientific language. This dissertation aims to analyze the different uses and functions of the clitic *se*. This study excluded *se* when functioning as a *reflexive pronoun* or as a *conjunction* since their uses are clearly described and they are not related with the focus of this investigation: defocus of the participant and creation of agnates. The data, SAL project's data, consists of 1225 scientific papers from many areas of knowledge collected from *Scielo* database. *Se* functions typically as a grammatical item in a number of uses, therefore, one of the most interesting problems in Portuguese and others language such as French, Spanish and Italian. One of the controversies about this clitic is its possibility, in all those languages, of the participant being clearly expressed or not, as discussed in Nunes (1991), Monteiro (1994), Bagno (2000), Camacho (2002, 2003), or others with respect to Portuguese or Ruwet (1972), Suñer (2002) and Cinque (1988) for other languages. The theory underlying this research, Systemic Functional Linguistics (Halliday, 1994, 2004), focuses language in use and analyzes the grammatical choices in texts (spoken or written) based on their context of culture and of situation. This thesis shows *se* occurs in three categories: in *middle constructions (self-caused process)*; in constructions that defocus participants, and in *agnate constructions*. We hope this description helps material and courses designers focusing production or comprehension of academic texts specifically and other context of occurrences.

**Keywords:** Clitic *se*; science papers; Systemic Functional Linguistics.

# SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Fundamentação Teórica	7
2.1 A Lingüística Sistemico-Funcional	7
2.2 As metafunções da linguagem	10
2.2.1 A metafunção textual	11
2.2.2 A metafunção interpessoal e o Sujeito	13
2.2.3 A metafunção ideacional: Transitividade	18
2.3 Ergatividade segundo a perspectiva Sistemico-Funcional	30
2.3.1 Ergatividade em outras abordagens	34
2.4 As controvérsias sobre a partícula <i>se</i>	36
2.4.1 A posição das gramáticas normativas	37
2.4.2 A posição dos lingüistas	40
2.4.3 Estudos sobre o <i>se</i> em outras línguas	54
2.4.4 Estudos sobre outros fenômenos que envolvem o clítico <i>se</i>	66
3. Metodologia	71
3.1 O Corpus	71
3.2 A utilização do programa WordSmith Tools	73
3.3 Percurso e metodologia de análise	74
4. Análise dos dados e discussão dos resultados	81
4.1 Categoria 1: SE em construções médias	83
4.1.1 Construções médias com processos materiais	87
4.1.2 Construções médias com processos verbais	92
4.1.3 Construções médias com processos comportamentais	95
4.2 Categoria 2: SE em construções com desfocamento de participantes	97
4.2.1 Desfocamento de participantes com processos materiais	104
4.2.2 Desfocamento de participantes com processos mentais	111
4.2.3 Desfocamento de participantes com processos verbais	119
4.3 Categoria 3: SE em construções agnatas	126
4.3.1 Agnatos com <i>se</i> e significado de <i>ser</i>	130
4.3.2 Agnatos com <i>se</i> e significado de <i>estar</i>	140
4.3.3 Agnatos com <i>se</i> e significado de <i>ficar</i>	144
4.3.4 Agnatos com <i>se</i> e significado de <i>permanecer</i>	148
4.3.3 Agnatos com <i>se</i> e significado de <i>acontecer/ocorrer</i>	150
4.3.3 Agnatos com <i>se</i> e significado de <i>haver/existir</i>	156
5. Considerações Finais	158
6. Referências Bibliográficas	164

## Índice de Quadros

Quadro 1: Características das metafunções	11
Quadro 2: Dar e pedir bens e serviços ou informação	13
Quadro 3: Funções de fala e as suas respostas	14
Quadro 4: Tipos de Sujeitos	17
Quadro 5: Tipos de Sujeitos de acordo com as metafunções	17
Quadro 6: Limite entre processos	26
Quadro 7: Informações estatísticas do corpus	72
Quadro 8: Agrupamento inicial de acordo com os testes feitos	76
Quadro 9: Grupos semelhantes	81
Quadro 10: Síntese dos usos das construções médias	97
Quadro 11: Síntese dos processos utilizados em construções com desfocamento de participante	125
Quadro 12: Resumo dos verbos que ocorrem em construções agnatas com <i>se</i>	129
Quadro 13: Síntese dos usos das construções agnatas	157

## Índice de Figuras

Figura 1: Modelo Sistêmico-Funcional: diversificação metafuncional e estratificação	10
Figura 2: Interpretação da transitividade e da ergatividade na perspectiva da LSF	31
Figura 3: Categorias do uso do <i>se</i> em artigos científicos	82
Figura 4: Graus de desfocamento de participantes	103
Figura 5: Sistema dos usos do <i>se</i> em artigos científicos	162

## Índice de Gráficos

Gráfico 1: Apagamento do clítico conforme idade	68
---	----

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Supressão de <i>se</i> por nível de escolaridade	69
Tabela 2: Números de artigos por área do conhecimento	72
Tabela 3: Verbos utilizados nas construções médias	86
Tabela 4: Verbos utilizados nas construções com desfocamento de participante	99
Tabela 5: Agnatos com <i>se</i> e significado de <i>ser</i>	130
Tabela 6: Agnatos com <i>se</i> e significado de <i>estar</i>	141
Tabela 7: Agnatos com <i>se</i> e significado de <i>acontecer/ocorrer</i>	150

## 1. Introdução

Esta tese investiga os usos do clítico *se*<sup>1</sup> ligados à omissão de um participante (em termos sistêmicos) em artigos científicos, ou seja, o *se* que está ligado à impessoalidade, desfocamento do participante (Ator, Dizente, Existente, etc.), bem como a sua renúncia no texto ou em descrições (em construções relacionais e existenciais); buscam-se as implicações nos textos e suas funções nas diferentes seções dos artigos, excluindo-se o *se* conjunção e o *se* pronome reflexivo que possuem funções claras e que não estão ligadas à omissão de um participante.

A escolha desse tema foi motivada por minha experiência profissional em curso instrumental de língua portuguesa para estudantes de pós-graduação, cuja principal necessidade era a produção escrita de artigos científicos em Língua Portuguesa (LP). Inicialmente, partiu-se da análise da estruturação em termos das escolhas léxico-gramaticais dos artigos da área de estudo desses alunos (Odontologia), em periódicos nacionais. No decorrer dessa análise, foi-se observando que o clítico *se* era das palavras mais utilizadas nos artigos, com uso relacionado a mecanismos de impessoalização que, no decorrer dos trabalhos, passou a ser denominado desfocamento de participante.

Os alunos tinham dificuldade ao se depararem com construções consideradas erradas pela gramática tradicional, mas muito utilizadas para omitir o autor/pesquisador dos artigos científicos. Assim, este estudo visa contribuir para a compreensão e para o ensino de um dos pontos linguísticos mais nebulosos da LP, e que talvez pudesse ser descrito detalhadamente com base em estudo de seus contextos de ocorrência em texto de autores referências em suas áreas.

As controvérsias sobre esse clítico estão relacionadas com a classificação que se deve dar a ele e com a possibilidade de o sujeito estar ou não indeterminado. Essa indeterminação também pode ser questionada, pois, dependendo do contexto, o clítico pode fazer referência a qualquer pessoa (uso

---

<sup>1</sup> Nesta tese, preferiu-se usar o termo *clítico* em oposição aos termos *partícula* ou *índice* que estão associados a conceitos tradicionais de partícula apassivadora e de índice de indeterminação do sujeito.

mais genérico) ou grupo de pessoas (mais pessoal), portanto, nesse caso, não totalmente indeterminado.

Segundo as gramáticas (Rocha Lima (2002), Cegalla (1996) e Cunha & Cintra (1985)), o *se* deve ser classificado como partícula apassivadora, quando acompanhado de verbo transitivo direto, tendo sujeito definido simples, que deve concordar com o verbo que se encontra na voz passiva sintética ou como índice de indeterminação do sujeito, quando acompanhado de verbos intransitivos, transitivos diretos ou de ligação, que devem ser empregados na terceira pessoa do singular. Um dos problemas dessa visão é a ocorrência de construções consideradas agramaticais que ocorrem com frequência nos textos do corpus de estudo e, também, em outras variantes cultas, conforme apontam pesquisas de Nunes (1991), Monteiro (1994), Bagno (2000), Camacho (2002,2003), entre outros.

Muitos pesquisadores discutem seu uso frequente e questionam se existe de fato voz passiva sintética, de que forma os falantes compreendem orações com o *se* partícula apassivadora e até que ponto se pode falar em sujeito indeterminado. Monteiro (1994) e Bagno (2000), por exemplo, consideram a interpretação passiva das construções com *se* um equívoco da gramática tradicional. Rollemberg *et al* (1991) discutem se as noções de sujeito e Agente devem ser consideradas de natureza semântica ou gramatical.

Dentro da concepção da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), Hawad (2002, 2004) analisa as construções passivas (analítica e sintética) como alternativas para a realização de diferentes significados no nível da metafunção textual, pois elas contribuem de modo diferente para o fluxo informacional do texto, mostrando diferenças semânticas entre elas.

Os entraves da interpretação do clítico *se*, tanto em língua portuguesa, como em outras línguas, conforme estudos acima, bem como o seu uso frequente em textos de linguagem mais elaborada são justificativas para a relevância deste trabalho.

Armbrust (2006) analisa o apagamento do Agente em Português e Inglês em editoriais de jornais. Verifica, também, qual a proporção de construções passivas que omitiram o Agente, os processos mais comuns empregados em construções passivas com função de apagamento do Agente,

além de discutir se as razões que motivam o uso dessa construção são as mesmas nas duas línguas.

Segundo a hipótese de Nunes (1991), o surgimento do *se* indeterminador se deu pela reanálise sintática da construção com *se* apassivador. Seu estudo constata o desaparecimento do clítico *se* na linguagem oral em algumas regiões do Brasil, chamando este fenômeno de supressão do *se*.

A imprecisão terminológica dos conceitos de indeterminação e até mesmo de sujeito, equiparando sujeito a agente, tem implicações para a compreensão dos usos do *se*, entraves também na interpretação de construções consideradas indeterminadas também em outras línguas, como no espanhol, italiano e francês. Suñer (2002) discute que construções impessoais com *se* em espanhol acarretam na interpretação de um predicado que se aplica a um conjunto não específico de seres humanos, representado pelo *se*.

No italiano, Cinque (1988) analisa o papel do *sí* impessoal, equivalente ao *se* do português e do espanhol, propondo que há variantes ligadas ao seu uso. Há um *sí* que ocorre com todos os tipos de verbo que, segundo a autora, é uma mera marca sintática que ajuda a identificar o sujeito (genérico).

Ruwet (1972) diferencia as orações médias das demais, discutindo que elas são neutras, sem Agente, porque sua presença não é recebida e o acontecimento é apresentado como se ocorrido espontaneamente. Esses e outros estudos são detalhados na fundamentação teórica desta tese.

O artigo científico é um importante meio de divulgação do trabalho de cientistas, escrito por membros altamente letrados da comunidade, usando sua variante mais elaborada da linguagem (usando linguagem elaborada nos termos de Bernstein (1971)), é escrito e revisado com cuidado, para ser avaliado por pares e aceito ou não para uma revista considerada de alto nível. Além dos formatos especificados pelas revistas, o gênero exige clareza, precisão e síntese e se caracteriza ainda pelo uso de passiva e de outros recursos para omissão de participantes. Esses aspectos discutidos por ampla gama de pesquisa desse gênero – alguns expoentes no exterior são Swales (1989, 1990), Swales & Feak (1999), Bazerman (1984), Bhatia (1993), Atkinson

(1996) e no Brasil: Aranha (1996, 2002, 2004, 2007), Motta Roth (1995, 2006), entre outros<sup>2</sup>.

Para analisar os usos do clítico *se* em artigos científicos, buscou-se observar seus contextos de ocorrência para discutir a possibilidade de haver usos diferentes. Por essa razão, esta pesquisa fez uso do corpus do projeto SAL<sup>3</sup>, composto de mais de um mil artigos científicos coletados da biblioteca *scielo.br* que reúne artigos de pesquisadores prestigiados, apresentando trabalhos de ponta a seus pares, portanto, usando no gênero uma linguagem mais elaborada, em que a omissão do autor e dos participantes da pesquisa, é especialmente desejável, além de esta forma ser a de maior ocorrência.

Além de muito frequente, a 9ª palavra mais que mais ocorre no corpus, com 57.112 usos (abaixo apenas das preposições *de*, *do*, *da*, *em*, dos artigos *o*, *a*, da conjunção *e* e do pronome *que*), o clítico *se* ocorre em praticamente todos os textos, segundo dados da ferramenta *WordList*, do programa *WordSmith Tools* (Scott, 2008).

Este trabalho parte da análise de textos reais com o auxílio teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional, para descrever o funcionamento de um clítico complexo da Língua Portuguesa que tem sido objeto de muitos estudos como os mencionados. Dentre eles, ainda não foi encontrado nenhum baseado em uma análise minuciosa de textos produzidos em situação real de comunicação, com o uso de ferramentas computacionais e de metodologia qualitativa da Linguística Sistêmico-Funcional.

Os artigos foram submetidos ao tratamento computacional possibilitado pelo programa *WordSmith Tools 5.0* (Scott, 2008) e suas ferramentas entre as quais a mais usada é o concordanciador, que organiza os dados a partir de um termo selecionado permitindo o estudo sistemático dos diferentes contextos em que o clítico *se* ocorre.

As listas de concordância são analisadas qualitativamente com base na Linguística Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (1985, 1994, 2004) e seus seguidores, que têm como foco a língua em uso, permitindo analisar as

---

<sup>2</sup> Destacam-se algumas pesquisas do LAEL, como a de Shergue (2003), que analisa artigos e apresentações orais de médicos, Spinelli (2004) que discute formas de avaliação em *abstracts* de medicina e Vivan (2010) que analisa a representação da mensagem e o posicionamento do autor em artigos científicos de Linguística Aplicada.

<sup>3</sup> Projeto SAL (*Systemics Across Languages*).

escolhas gramaticais feitas pelo autor em um texto (escrito ou falado) com base no ambiente situacional e cultural. Essa teoria possibilita analisar a linguagem dos artigos científicos através de fatores que dão forma a uma situação de comunicação definida por três variáveis: *campo* (atividade social envolvida), *relações* (natureza da conexão entre os participantes) e *modo* (forma de transmissão da mensagem). Essas variáveis são realizadas pelas 3 metafunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual, respectivamente.

No âmbito das metafunções ideacional e interpessoal, as análises quantitativas são realizadas, buscando responder às perguntas de pesquisa:

Pergunta geral:

Quais são os diferentes padrões de uso do clítico se em artigos científicos? Como esses padrões se distinguem do ponto de vista semântico e léxicogramatical?

Perguntas específicas:

1. Tendo em vista os processos com que o clítico se ocorre, a) Quais são os que frequentemente se ligam a esse clítico? b) Como os usos desses processos se distinguem? c) Que funções eles desempenham nas seções dos textos?
2. Tendo em vista o desfocamento de participantes com o uso do clítico se, a) Que tipos de desfocamento são produzidos? b) Em que seções ocorrem e como são utilizados?
3. Tendo em vista a ausência de participantes, a) Que tipos de processo permitem esse tipo de construção? b) Em que seções essas construções ocorrem e que funções desempenham?

Acredita-se que esta pesquisa conta, portanto, com as condições para observar e analisar o uso do clítico se em contexto e está organizada em três capítulos:

No capítulo 1, apresenta-se a teoria linguística adotada, a Linguística Sistêmico-Funcional, proposta por Halliday (1985, 1994, 2004) e seus seguidores, descrevendo as metafunções, a noção de ergatividade segundo a LSF e segundo outras correntes teóricas. Na segunda parte, são discutidos os estudos já realizados sobre o clítico se em língua portuguesa e em outras línguas, entre eles os citados nesta introdução.

No capítulo 2, Metodologia, são descritas as características dos textos analisados, os procedimentos metodológicos, a ferramenta computacional utilizada para auxiliar a análise linguística, bem como os procedimentos de organização, descrição e análise dos dados.

No capítulo 3, são apresentadas as três categorias de análise que respondem as perguntas de pesquisa acima por meio da descrição e da análise quantitativa e qualitativa dos diferentes usos do se com base nos pressupostos da LSF.

Por fim, as considerações finais retomam as perguntas de pesquisa discutidas de acordo com a análise feita, apontando delimitações desta tese e estudos futuros.

Espera-se que esta pesquisa levante recursos para auxiliar professores na elaboração de materiais que facilitarão o desenvolvimento da escrita de artigos científicos de alunos de graduação e pós-graduação de diversas áreas do conhecimento.

## **2. Fundamentação Teórica**

Neste capítulo, são apresentados os princípios da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), utilizados como arcabouço teórico-metodológico desta pesquisa. São enfatizados os aspectos teóricos mais relevantes para o tema desta tese. Dessa forma, primeiramente, é apresentada a visão de linguagem segundo essa perspectiva, descrevendo as metafunções da linguagem, em especial, as metafunções interpessoal e ideacional. Em seguida, a visão de ergatividade na perspectiva Sistêmico-Funcional é descrita, assim como a visão de ergatividade em outras perspectivas. Na última parte do capítulo, são apresentados estudos em língua portuguesa sobre o clítico *se* e estudos sobre esse clítico em outras línguas – espanhol, italiano e francês, e, por fim, são abordados estudos sobre outros fenômenos que envolvem esse clítico.

### **2.1 A Linguística Sistêmico-Funcional**

A abordagem Sistêmico-Funcional (Halliday, 1985, 1994, 2004) fornece uma ferramenta poderosa para estudar a gramática de uma língua em particular como potencial de significado, ou seja, as escolhas léxico-gramaticais disponíveis ao falante podem produzir diferentes significados dependendo dos contextos de usos.

Para Caffarel (2006:4), um importante aspecto da LSF é a relação natural entre gramática e semântica, em que a gramática é interpretada como a que constrói, nos fraseados (*wordings*), os significados. As categorias gramaticais e semânticas são categorias de significados.

Dessa forma, a gramática, na abordagem da LSF, é modelada sistemicamente como um recurso para construir significados em textos (orais ou escritos). Halliday (2004:3) discute que, para um gramático, *texto* é algo rico, um fenômeno multifacetado que significa em muitas maneiras diferentes e pode ser explorado de diferentes pontos de vista. O autor compara o modelo funcional (da LSF) ao modelo formal, discutindo que o formal utiliza o texto como objeto, enquanto o funcional utiliza o texto para analisar aspectos da

linguagem em sociedade, pois o texto é entendido como unidade semântica e não apenas gramatical.

A abordagem funcional da linguagem investiga, antes de tudo, como a linguagem é usada, mostrando quais os propósitos de uso e como os usuários atingem esse propósito através da fala, da escrita, da leitura e da compreensão oral. Mas, significa mais que isso, significa explicar a natureza da linguagem em termos funcionais - como ela é “modelada” para o uso e de que forma a linguagem pode ser determinada pelas funções que envolvem seu uso. (Halliday, 1973:7).

A LSF investiga, conforme exposto por Thompson (1996:8), as escolhas e os tipos de significado que se quer expressar; os tipos de fraseados que se usa para expressar determinado significado. Para identificar os significados das escolhas, é preciso voltar-se ao contexto e refletir:

- Na sociedade, o que determinada escolha pode dizer?
- Quais são os fatores contextuais que fazem um conjunto de significados mais apropriados do que outros?

Nessa abordagem, é preciso identificar as opções linguísticas, isto é, possibilidades estruturais e lexicais que o sistema linguístico oferece para o uso, e explorar o significado de cada opção expressa. Thompson (*op. cit.*) exemplifica essa perspectiva caracterizando-a como *bottom up* (de baixo para cima), das escolhas lexicais ao contexto.

O termo escolha não implica necessariamente um processo de seleção consciente do falante. Para Thompson (1996:30), as escolhas podem ser inconscientes, embora não sejam aleatórias e uma escolha pode determinar ou ser determinada por outra, dependendo dos elementos gramaticais que estão presentes no contexto.

Os modos como as pessoas usam a língua em um contexto de situação (nos termos de Malinowski, 1946:307) e do contexto de cultura acontecem na relação sistemática entre o ambiente social e a organização funcional da língua. Na abordagem Sistêmico-Funcional há duas dimensões que permitem caracterizar o contexto social das escolhas linguísticas da natureza de um determinado tipo de texto: as teorias de gênero e de registro.

O gênero representa os processos sociais em etapas orientadas para um objetivo comunicativo em determinada cultura. Os gêneros são formas que

usuários da língua utilizam a linguagem (oral ou escrita) para atingir um determinado propósito e, em geral, são rotulados pelo contexto de cultura. O contexto de cultura, então, determina a natureza do código (Halliday 1994:31).

Para Halliday e Hasan (1989), o gênero é uma atividade organizada em estágios e orientada para uma finalidade. Os estágios formam a estrutura esquemática do texto que se compõe de elementos obrigatórios, opcionais ou recursivos. O gênero pode ser definido pelos elementos obrigatórios da estrutura esquemática. Entre os gêneros mais conhecidos estão: gênero literário, gênero educativo, entre outros.

A teoria de registro, por sua vez, refere-se ao contexto de situação, ou seja, descreve o impacto das dimensões do contexto imediato da situação de um evento no modo como a linguagem é utilizada. O registro, nessa teoria, é organizado pelas três variáveis contextuais: campo, relações e modo.

Essas três variáveis podem explicar a maneira como os usuários da língua a utilizam em diferentes situações, para escrever ou falar (variação de modo), para falar com a mãe ou com o chefe (variação de relações) e, ainda, para falar de Linguística ou de futebol (variação do campo).

As variáveis estão ligadas a outras três categorias do sistema semântico, que são as três metafunções da teoria sistêmica, descritas adiante, que representam as possibilidades de opções semântico-linguísticas que o usuário pode utilizar para realizar as funções de ação e informação em uma interação de troca.

Quando um texto (oral ou escrito) é produzido, são realizados três tipos de significado simultaneamente. Significados relativos à representação da experiência através da língua; significados relativos às representações de poder e solidariedade, atitudes em relação ao outro e aos papéis sociais assumidos; e significados relativos à organização do conteúdo da mensagem, relacionando o que se diz ao que foi dito. Na LSF, cada um desses tipos de significado está relacionado a uma metafunção da linguagem *ideacional*, *interpessoal* e *textual* (Halliday (1985, 1994, 2004)).

Dessa forma, o campo realiza-se pela função semântica ideacional, marcado pelos acontecimentos, ou pela natureza da ação social; as relações realizam-se pela função interpessoal, da organização da realidade social das

peças que interagem; e o modo (escrito/falado) é expresso pela função textual.

É através dessa perspectiva teórica que o tema desta tese é estudado, com base nas metafunções que são descritas a seguir.

## 2.2 As metafunções da linguagem

O termo metafunção foi adotado para sugerir que a função do significado tem um papel fundamental dentro de toda a teoria. São as metafunções que permitem descrever e analisar as dimensões específicas do significado em uma oração (Halliday, 2004:31). Elas são utilizadas na descrição da experiência de mundo dos falantes/escritores, na interação com as outras pessoas e na organização da mensagem.

A figura abaixo mostra que as três metafunções apresentam características distintas: a ideacional encontra-se voltada ao campo, abrangendo o conhecimento e experiências de mundo dos falantes, a interpessoal enfatiza as relações entre os participantes e seus posicionamentos e a textual refere-se ao modo, à tessitura da mensagem.

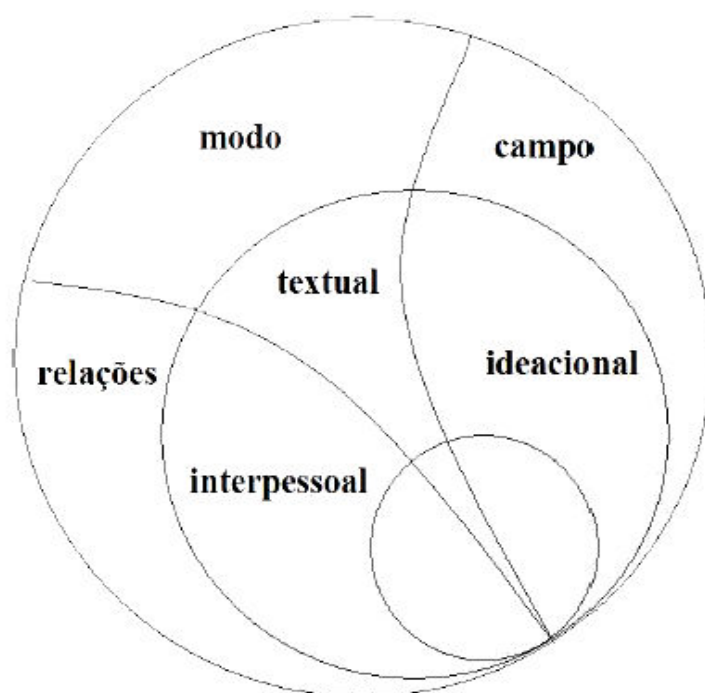


Figura 1: Modelo Sistêmico-Funcional: diversificação metafuncional e estratificação (adaptado de Caffarel, 2006:6).

Abaixo, o quadro de Halliday (1994:36) resume o status das metafunções com seus reflexos na gramática:

<b>Metafunção</b>	<b>Definição</b>	<b>Status correspondente na oração</b>
Textual	Oração como mensagem	Cria relevância para o contexto
Ideacional	Explica um modelo de experiência	Oração como representação
Interpessoal	Desempenha relações sociais	Oração como troca

Quadro 1: Características das metafunções.

Thompson (1996:28) ressalta que é importante compreender que cada uma das metafunções contribui igualmente para o significado da mensagem como um todo. Também é importante entender que cada uma das metafunções é expressa por diferentes aspectos na escrita/expressão em uma oração.

Para organizar esses tipos de significados ao mesmo tempo, a linguagem possui um nível intermediário de codificação, a léxico-gramática. É ela que possibilita a língua construir os significados que se realizam nas orações. Dessa forma, a descrição gramatical é essencial para a análise textual. Na LSF, a semântica está naturalmente relacionada à gramática. As metafunções são detalhadas a seguir, com ênfase no tema desta tese.

### **2.2.1 A metafunção textual**

Essa metafunção é apresentada brevemente por não ser base da análise desta tese que tem como foco a análise do desfocamento de participantes (autor, leitor e pesquisadores), sua renúncia no texto, por meio de orações médias, bem como orações relacionais e existenciais utilizadas por possibilitar a descrição dos fatos sem a necessidade do autor se colocar como Agente (Ator, Dizente, Experienciador, etc.).

É por meio da metafunção textual que as outras duas (ideacional e interpessoal) se realizam, possibilitando a construção da experiência e das relações pessoais por meio da organização da mensagem.

A estrutura temática é o que, segundo Halliday (1994:37), dá à oração o seu caráter como mensagem. É através dela que um status especial é atribuído a uma de suas partes. O elemento Tema da oração combina-se com o restante, de forma que essas duas partes constituem uma mensagem. O Tema é o ponto de partida e o restante, onde o Tema é desenvolvido, é chamado de Rema. Os termos (Tema e Rema) seguiram a terminologia da escola de Praga.

A oração, como estrutura da mensagem, consiste no Tema acompanhado do Rema, conforme exemplo<sup>4</sup> seguinte:

*O experimento [Tema] foi realizado em um latossolo vermelho-escuro distrófico, textura média, em Botucatu (SP)... [Rema] (25992).*

Assim como no exemplo acima, geralmente o Tema está no começo da oração, porém a primeira posição oracional não é o que define o Tema, conforme explica Halliday (1994:38), mas sim o meio pelo qual essa função é realizada na gramática do inglês e de muitas outras línguas.

O falante/escritor pode selecionar o Tema desejado, como mostra a variação do exemplo abaixo:

*Normalmente, o tamanho do banco de sementes das plantas daninhas é, comparativamente, maior em áreas agrícolas do que em áreas não agrícolas... (25661).*

A escolha do Tema depende da ênfase que o autor quer dar. No caso do artigo científico, muitas vezes o Tema é utilizado para introduzir um assunto novo ou fazer referência a algo tratado anteriormente. Por isso, a escolha temática é um importante recurso, pois possibilita ao falante/escritor iniciar a mensagem de um ponto diferente.

Apesar desta tese não ter como foco as escolhas temáticas das construções com *se*, em estudos futuros, pode-se discutir qual é o Tema em orações em que o *se* é uma marca de impessoalidade ou, ainda, identificar as características do Tema nas construções em que o clítico é responsável pela mudança do tipo de processo, isto é, um processo material quando ocorre com *se* pode adquirir significado relacional e/ou existencial, por exemplo.

---

<sup>4</sup> Esse exemplo, assim como os demais deste capítulo, foram retirados do corpus desta pesquisa.

### 2.2.2 A metafunção interpessoal e o Sujeito

Simultaneamente com a organização da mensagem, a oração é organizada como um evento interativo que envolve o falante/escritor e o ouvinte/leitor. No ato de fala, segundo Halliday (2004:106), o falante adota para si um papel de fala e designa um papel complementar ao ouvinte. Ao fazer uma pergunta, o falante faz o papel de quem busca informação e o ouvinte de quem pode dar a informação requerida.

Os tipos fundamentais de papéis de fala são: *dar* e *solicitar*. Halliday (1994) discute que ou o falante está dando algo ao ouvinte (uma informação, por exemplo) ou está lhe pedindo algo. Esses dois tipos envolvem também noções complexas, porque *dar* significa “convidando a receber” e *pedir* significa “convidando a dar”. O falante não está somente fazendo algo, ele está também pedindo algo do ouvinte. Dessa forma, o autor propõe que um ato de fala poderia ser apropriadamente chamado de *inter-act*, visto que há uma troca.

Dentro da distinção *dar* e *pedir*, há uma outra ligada à natureza daquilo que está sendo trocado, que pode ser bens e serviços ou informação. O quadro abaixo, adaptado de Halliday (1994), resume essas distinções:

Papel na troca/produto trocado	Bens & Serviços	Informação
Dar	Oferta <i>Você quer um café?</i>	Declaração <i>O café foi feito agora.</i>
Pedir	Chamado <i>Me dá o café!</i>	Pergunta <i>O que ele está servindo a ela?</i>

Quadro 2: Dar e pedir, bens e serviços ou informação<sup>5</sup>.

Quando alguém diz *Me dá o café!*, o que está sendo trocado é estritamente não-verbal, o que está sendo pedido é uma ação. Porém, se alguém diz algo com a finalidade de conseguir que outra lhe diga algo como em *O que ele está servindo a ela*, o que está sendo solicitado é uma informação. Dessa forma, Halliday (2004:107) conclui: “*Language is the end as well as the*

<sup>5</sup> Exemplos criados para fins explicativos.

*means, and the only answer expected is a verbal one. This is an exchange of information*<sup>6</sup>”.

As quatro funções de fala – *oferta, chamado, declaração e pergunta* são definidas através das duas variáveis (*informação e bens e serviços*). Essas possuem correspondência em um conjunto de respostas desejadas: aceitação da oferta, realização do chamado, concordância de uma declaração e resposta a uma pergunta. Halliday (1994:68) organiza esse conjunto de respostas como no quadro abaixo:

	Funções de fala inicial	Função de fala de resposta	
		Apoio	Confronto
Oferecer bens e serviços	Oferta	Aceitação	Rejeição
Pedir bens e serviços	Chamado	Realização	Recusa
Oferecer informações	Declaração	Concordância	Contradição
Pedir informações	Pergunta	Resposta	Rejeição

Quadro 3: Funções de fala e as suas respostas (adaptado de Halliday, 1994:68).

Das funções de fala apresentadas no quadro acima, apenas a última é uma resposta verbal, as demais podem ser não-verbais. Para designar uma função semântica de uma troca de informação, a teoria Sistêmico-Funcional chama de *proposição* e para designar sua função na troca de bens & serviços, utiliza-se o termo *proposta*.

Em suma, é a metafunção interpessoal que se preocupa com os significados da oração como troca, isto é, os significados produzidos a partir da interação entre os participantes do discurso. O sistema pelo qual se realiza esse significado é o sistema de modo (*mood*), que estabelece duas partes na oração – Modo e Resíduo.

Este último é constituído pelos elementos: Predicador, Complemento e Adjunto. O elemento lexical Predicador é parte do constituinte do grupo verbal (exclui-se o Finito), especifica o tempo (passado, presente e futuro em relação ao tempo primário), a voz ativa ou passiva e o Processo (ação, evento, processo, relação) que é predicado a respeito do Sujeito.

<sup>6</sup> Tradução: “A língua é tanto fim quanto o meio, a única resposta que se espera é verbal. Esta é uma troca de informação”.

O Complemento, em geral realizado por um grupo nominal, é um elemento que tem potencial de ser Sujeito, mas não é. Assim como o exemplo: *Observe a identidade social encenada pela própria escritora. (Idg044)*, o complemento *identidade social* pode funcionar como Sujeito em: *A identidade social é observada*.

O último elemento, o Adjunto não possui potencial para ser Sujeito e é realizado por um grupo ou uma frase preposicional. Uma frase preposicional tem sua própria estrutura interna, contendo um Complemento. Por exemplo, na construção: *Esse manejo foi adotado pelo produtor. (25699)*, *produtor* é o Complemento em relação à proposição *pelo*. Dessa forma, embora *pelo produtor* seja um Adjunto e não possa se tornar Sujeito, ela tem como um dos seus constituintes *produtor* que é um Complemento numa outra hierarquia e pode tornar-se Sujeito.

O Modo, na língua inglesa, é formado pelo Sujeito, representado por um grupo nominal e pelo operador Finito que é parte de um grupo verbal. O exemplo abaixo mostra que no português o sujeito pode vir elíptico, mas sabe-se quem ele é:

*Observe a identidade social encenada pela própria escritora (Idg044).*

No exemplo acima, sabe-se que o Sujeito é *eu*, pelo operador Finito –o, grifado. O Finito é responsável pelas relações temporais e modais da Proposição e também pelo julgamento do falante, que é expresso pela modalidade. Além disso, o Finito realiza o traço de polaridade (negativo/positivo) e, pode ainda, nas construções com *se*, contribuir para os diferentes graus de desfocamento de participante.

Quanto ao Sujeito, ele é a entidade responsável pela validade de uma informação em um evento interativo. É ele que especifica o responsável por realizar o oferecimento ou a ordem, conforme descrição de Halliday (1994:76).

A escolha do Sujeito em uma oração está relacionada com a escolha do falante que atribui a um determinado elemento a responsabilidade de seu argumento. Essa escolha também está relacionada com a escolha temática, podendo o Sujeito ser o Tema da mensagem, realizando essas duas funções ao mesmo tempo. Sabe-se que as metafunções ocorrem simultaneamente e são divididas apenas para fins didáticos.

Ao discutir a noção de Sujeito, Halliday (2004:55) trata de sua origem e de seu uso por Aristóteles como: *“that which is laid down, or posited”*.

Na perspectiva Sistêmico-Funcional, o conceito de Sujeito corresponde ao sujeito gramatical tradicional, mas reinterpretado em conceitos sistêmico-funcionais.

Halliday (2004:55) resumem a noção de Sujeito em três funções:

- Aquele que é o assunto da mensagem;
- Aquilo a que se atribui alguma coisa;
- Aquele que faz a ação.

Segundo o autor, essas três definições não são sinônimas, elas definem conceitos diferentes. Eles indagam a pergunta: *“Seria possível para a categoria de ‘Sujeito’ ter todos esses significados diferentes juntos e ao mesmo tempo?”*<sup>7</sup>. Na oração seguinte, os três significados ocorrem simultaneamente:

*Maria fez o bolo.*<sup>8</sup>

No entanto, nem todas as orações da língua são como o exemplo acima, como no exemplo seguinte:

*O bolo foi feito por Maria.*

Nesta construção, o *bolo* é o assunto da mensagem, porém não é ele quem pratica a ação, e sim *Maria*.

Quando os gramáticos reconheceram a distinção das funções apresentadas nos tópicos acima, eles, primeiro, denominaram-nas como *diferentes tipos de Sujeito*, em que estava cobrindo as três funções como se fossem variedades específicas. Apenas, na segunda metade do século XIX, segundo Halliday (2004:56), surgiram os conceitos Sujeito psicológico, Sujeito gramatical e Sujeito lógico, descritos no quadro seguinte:

---

<sup>7</sup> *“Is it possible for the category of ‘Subject’ to embrace all these different meanings at one and the same time?”* Halliday (2004:55).

<sup>8</sup> Exemplos criados para fins explicativos.

<b>Sujeito psicológico</b>	Aquele que é o assunto da mensagem. É chamado de psicológico, pois é o que o falante/escritor tem em mente para iniciar uma oração.
<b>Sujeito gramatical</b>	Aquilo a que se atribui alguma coisa. É chamado de gramático pela relação formal que o Sujeito tem com o Predicado, que concorda em pessoa e número.
<b>Sujeito lógico</b>	O que faz a ação é chamado de lógico por fazer relações entre coisas e se contrapõe ao Sujeito gramatical.

Quadro 4: Tipos de Sujeitos.

Para exemplificar, Halliday (2004:56) usa a construção abaixo:

<i>This teapot</i>	<i>my aunt</i>	<i>was given by</i>	<i>the duke</i> <sup>9</sup> .
Sujeito psicológico	Sujeito gramatical		Sujeito lógico

Para a abordagem Sistêmico-Funcional, cada uma dessas funções são distintas e correspondem a um rótulo e um significado dentro das metafunções textual, interpessoal e ideacional respectivamente, conforme quadro:

<b>Tipos</b>	<b>Rótulo/Significado</b>	<b>Metafunção</b>
Sujeito psicológico	Tema	Textual
Sujeito gramatical	Sujeito	Interpessoal
Sujeito lógico	Ator	Ideacional

Quadro 5: Tipos de Sujeito de acordo com as metafunções.

Os significados de Tema, Sujeito e Ator são apresentados em suas metafunções correspondentes neste capítulo teórico. É importante destacar que o Sujeito não é igual ao Ator, como se pode observar na tabela acima. Em algumas orações, o Sujeito pode corresponder ao Ator, porém esta correspondência não ocorre sempre.

Complementando a discussão iniciada na descrição da metafunção interpessoal, o Sujeito expressa a entidade que o falante faz responsável pela validade da proposição da oração. Para Halliday (2004:117), o Sujeito é o responsável pelo funcionamento da oração como um evento interativo. Ele

<sup>9</sup> *Este bule foi dado para minha tia pelo duque.*

pode especificar quem é o responsável pelo sucesso de uma proposta. Em uma proposição, a escolha de determinado item lexical como Sujeito pode ocorrer por fatores temáticos, Sujeito em posição temática (Tema não-marcado), outro item em posição temática (Tema marcado).

Sobre certa imprecisão na definição de Sujeito, Hasan e Fries (1997:18) discutem que, quando o referente situacional com papel experiencial de Agente pode ser observado por alguém em algum lugar como o actante que age para fazer acontecer um processo, é mais fácil do que quando não se tem esse “ponto de apoio do argumento”, dificultando compreender qual é o ponto de partida. Para os autores (op. cit.), a fonte de problema está na natureza dos significados interpessoais e textuais e a dificuldade de se apontar os referentes não deve ser motivo para rejeitar os significados abstratos. Mesmo que seja difícil oferecer uma definição, é possível mostrar o que se quer dizer demonstrando o significado em uso. É o que ocorre nas construções com o clítico *se*, em que não se sabe precisar, muitas vezes, quem é o Agente, mas pode-se presumir e compreender o significado pelo contexto de uso.

### **2.2.3 A metafunção ideacional: transitividade**

Além do uso da língua para interagir com as pessoas, há o uso para falar sobre o mundo, tanto externo (coisas, eventos, qualidades, etc.), como interno (pensamentos, crenças, sentimentos, etc.).

A língua vista pela perspectiva ideacional tem como foco o conteúdo da mensagem. Thompson (1996:76-77) discute que para a perspectiva experiencial, a língua contém uma série de recursos para se referir às entidades no mundo e nas maneiras que essas entidades atuam ou se relacionam com outras. A língua reflete a visão de mundo do falante/escritor, envolvendo ações/acontecimento (verbos), coisas (substantivos), que podem ter atributos (adjetivos) e detalhes de lugar, tempo, etc. (advérbios).

O uso de rótulos funcionais permite indicar o papel de cada elemento na representação, ou seja, descrever o conteúdo da mensagem em termos de Processos que envolvem Participantes e certas Circunstâncias, como exemplifica a ocorrência abaixo:

<i>Nós</i>	<i>Fizemos</i>	<i>os levantamentos</i>	no final da época da chuva. (encbml).
<i>Participante</i>	<i>Processo</i>	<i>Participante</i>	<i>Circunstância</i>

Toda oração dominante inclui ao menos um participante, que é realizado pelo grupo nominal. Em alguns casos, o participante pode estar oculto, mas é entendido como parte do significado experiencial, como no exemplo:

(NÓS) *Observamos diferenças significativas* (25583)

As circunstâncias são realizadas pelos grupos adverbiais ou orações preposicionadas. Como se pode ver no exemplo abaixo:

<i>Neste artigo,</i>	<i>(EU)</i>	<i>argumento</i>	<i>contra a interpretação muito difundida...</i> (25475).
Circunstância	Participante	Processo	Verbiagem

É importante ressaltar que adjuntos modais e conjuntivos não contribuem para o significado experiencial da oração, por isso são deixados de lado na análise com base na transitividade. As circunstâncias são sempre opcionais e, segundo Thompson (1996:78), refletem o plano de fundo (segundo plano) na oração.

Os processos são, tipicamente, realizados pelo grupo verbal da oração e, para essa perspectiva, é o componente central da mensagem. Em inglês, há Processos que incluem um outro constituinte à parte do grupo verbal; é o caso dos *phrasal verbs* (*go out*, *find out*, etc.) em que o verbo se liga a uma preposição para formar um outro verbo, por exemplo<sup>10</sup>:

*She takes the pill.*

*The plane took off.*

Ao se ligar a uma preposição, o verbo adquire outro significado. Na primeira *take* é sinônimo de tomar (*ela tomou o comprimido*), diferente da segunda oração (*o avião decolou*).

No português, há certos verbos que quando se ligam, não a uma preposição como no inglês, mas ao clítico se adquirem outro significado, como

<sup>10</sup> Exemplos criados para fins explicativos.

é o caso de: *encontrar, achar, tratar*, etc. Os exemplos abaixo foram retirados do corpus desta pesquisa:

***Trata-se** de condições que permitem o acesso a uma série de modos de pensar e de falar que são escolarizados e que pressupõem uma distanciação em relação aos processos... (Idg017).*

*O Estado de São Paulo já produziu cerca de 2,3 milhões de toneladas anuais; no entanto, atualmente, sua produção **se encontra** estabilizada em 600 mil toneladas, com cerca de 28.000 hectares cultivados. (25988).*

*O começo desse revezamento **se deu** com a mudança de autoridade provocada pela chegada dos "huertistas" ao poder nacional em 1913. (25366).*

Nos exemplos acima, os processos adquirem significado diferente quando acompanhados do *se*. Nota-se que, sem o clítico, eles são verbos do *fazer*, chamados pela Sistêmico-Funcional de Materiais, porém nos exemplos eles tem status de *ser*, ou seja, com uso do *se*, esses processos perdem o status material para adquirir significado Relacional. O verbo *dar*, no último exemplo, permite, além da interpretação Relacional (*ser*), a interpretação Existencial (*acontecer*).

Para se referir a este sistema que descreve toda a oração (Processos, Participantes e Circunstâncias), a abordagem Sistêmico-Funcional usa o termo *transitividade*. É através da linguagem que os seres humanos podem construir uma imagem mental da realidade, para entender o que acontece ao seu redor e no seu interior. Assim, a oração tem um papel central, pois é nela que a experiência é moldada, ou seja, o princípio de que a realidade é construída de processos. Halliday (2004:170) descreve o sistema da transitividade como o que constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processo. Cada um dos processos tem seu próprio modelo para construir a experiência de um certo domínio como uma figura de um tipo específico.

A forma prototípica da experiência externa é a das ações e eventos; as coisas acontecem, as pessoas ou outros Agentes fazem coisas ou as fazem acontecer. Por outro lado, a experiência interna é mais difícil de entender, por ser uma reprodução da externa, é uma consciência dos nossos estados de ser.

As experiências interna e externa são bem distintas na gramática – processos do mundo exterior (Materiais) e processos da consciência (Mentais).

Também se aprende a generalizar, relacionar uma coisa a outra, esse é igual ao outro ou esse é um tipo do outro. Essas identificações e classificações são possibilitadas pelos processos Relacionais.

Esses processos, Materiais, Mentais e Relacionais, são considerados por Halliday (1994) como os principais tipos de processo, mas há outras três categorias fronteiriças: Comportamentais, Verbais e Existenciais que partilham algumas das propriedades dos principais. A distinção entre os tipos de processo é feita com base nas propriedades semânticas que têm repercussões sistemáticas na gramática.

É importante enfatizar que a análise da oração conta ainda com outros componentes – os Participantes e as Circunstâncias. Os primeiros são realizados por grupos nominais e os últimos por grupos adverbiais ou frases preposicionais. A seguir, uma breve descrição de cada tipo de processo.

### Processo material

Como dito, os processos materiais representam as experiências do mundo exterior; são os processos do *fazer*. Thompson (1996:79) o descreve como o processo mais saliente que envolve ação física: *correr, cozinhar, sentar-se, etc.* O que faz esse tipo de ação é chamado *Ator* e todo processo material tem um, mesmo quando ele não está mencionado na oração. Em muitos casos, a ação é representada afetando ou sendo feita a um outro participante, chamado de *Meta*. O exemplo abaixo mostra essa relação:

(NÓS)	<i>fizemos</i>	uma apresentação do vinhedo...(25377).
<i>Participante</i>	<i>Processo</i>	<i>Participante</i>

Há, também, outros participantes relacionados a esse processo, como: Escopo, o Receptor e o Cliente. O Escopo é uma entidade que existe de forma independente do processo e que não é afetada por ele.

Eggins (1994:35), baseada em Halliday (1985, 1994), discute que Receptor e Cliente ocorrem em contextos diversos e, na gramática tradicional, são chamados de objeto indireto. O Cliente representa a entidade para quem alguma coisa é feita, criada ou transformada, por isso é o participante com maior tendência a ocorrer em processos materiais que indicam criatividade. Abaixo, exemplo com esses participantes:

O estudo de Pastore <sup>17</sup>	foi feito	para o Estado de São Paulo...(econ16).
Meio	Processo	Cliente

### Processos mentais

Conforme já descrito, esses processos estão relacionados à representação do mundo interior; são os processos do sentir. São processos como: *imaginar, pensar, gostar, querer, etc.* O participante, ao contrário dos processos materiais, não está agindo realmente ou agindo diretamente em alguma coisa, por isso rotulou-se Experienciador e Fenômeno. Conforme exemplo:

(Nós)	Acreditamos	<i>que a resposta a esta questão pode lançar luz sobre os procedimentos e o funcionamento dos tribunais... (25245).</i>
Participante	Processo	<i>Projeção/Metafenômeno</i>
<i>Oração projetante</i>		<i>Oração projetada</i>

As conexões que projetam idéias consistem de um Fenômeno – a oração projetante, e um metafenômeno – o conteúdo da oração projetada. A oração projetante é uma oração de processo mental, enquanto a projetada representa um significado em lugar de um fraseado, isto em uma idéia em lugar de uma locução.

Os processos mentais são divididos em processos mentais de cognição (ex.: *saber, entender, decidir*), processos mentais de percepção (ex.: *perceber*

e *notar*), processos mentais de afeição (ex.: *gostar, temer, odiar*) e processos mentais de desejo (ex.: *querer, desejar*).

Halliday (1994:114-117) discute que, para diferenciar os processos mentais dos materiais, precisa-se entender como a língua funciona, pois os processos materiais envolvem ao menos um participante humano, é o participante que tem a mente em que o processo ocorre. Mesmo se um participante inanimado é representado como participante, há um grau de humano nele. O tipo de entidade que ocupa o papel do outro participante, o Fenômeno, que é mais restrito do que as entidades que atuam como participante nos processos materiais, pode ser uma pessoa, um objeto concreto, uma abstração ou algo que é construído como participante por projeção:

(Nós)	Acreditamos	que o fator intervalo de aquisição não foi determinante nos resultados encontrados.(25403).
Experienciador	Processo mental	Projeção

## Processos relacionais

O terceiro tipo principal de processo, o processo relacional, pode ser descrito como aquele de *ser*. Esse não é o *ser* no sentido de existir, conforme o termo relacional sugere. Nas orações relacionais, há duas partes para o *ser* – algo é dito como sendo outra coisa, ou seja, uma relação está sendo estabelecida entre duas entidades separadas.

Baseado na língua inglesa, Halliday (1994) discute três tipos de construção com processos relacionais:

1. Intensivo: *x é a*. A relação entre os dois termos é que uma qualidade é atribuída a uma entidade. O elemento circunstancial é um atributo que está sendo atribuído a alguma entidade. Exemplo: *O assunto é complexo...* (odrdp\_10.1).

2. Circunstancial: *x está em a*. A relação entre os dois termos é de tempo, lugar, modo, causa, companhia, papel, assunto ou ângulo. Exemplo: *A localização mais frequente dos STMs foi na coxa (64,2%)... (25224)*.
3. Possessivo: *x tem a*. A relação entre os dois termos é de propriedade, uma entidade possui outra. Exemplo: *Esta [criança bilíngue] tem mais de uma língua desde o início da aquisição.... (Idg036)*.

Cada uma dessas construções se divide em dois modos distintos:

- Atributivo: *A é um atributo de X*
- Identificador: *A é a identidade de X*

Pode-se notar que as orações identificadoras como: *a mandioca é um arbusto de crescimento perene (25988)* são reversíveis, X e A podem ser trocados. Já as atributivas como: *Essa situação é inconveniente (25974)* não são reversíveis. Nessas construções, uma entidade tem algumas qualidades atribuídas a ela, a qualidade é rotulada de Atributo e a outra entidade à qual se atribui à qualidade é o Portador.

De acordo com Halliday (2004:219), há quatro características das orações atributivas que as distinguem das identificadoras:

1. O grupo nominal que funciona como Atributo é, em geral, indefinido. Apresenta ou um adjetivo ou um substantivo comum como elemento principal e, se necessário, um artigo indefinido. Não pode ser um substantivo próprio ou um pronome, pois esses itens gramaticais não constroem classes;
2. O verbo que realiza o Processo é da classe dos ascriptivos (*ascriptive*).
3. O teste para essas orações é o quê? Como? Por exemplo: *O sorgo é o quê?*

O sorgo	É,	principalmente,	uma planta forrageira... (25982)
Identificado	Processo	Circunstância	Identificador

4. Essas orações não permitem passivas.

Nas orações identificadoras, algo tem uma identidade atribuída a ele. Uma entidade é usada para identificar outra, isto é, *x é identificado por a* ou *a*

*serve para definir a identidade de x*. O elemento *x*, que vai ser identificado, é o Identificado e o elemento *a*, que serve de identidade, é o Identificador.

Da mesma forma, Halliday (1994) discute características das orações identificadoras que contrastam com as das orações atributivas:

1. O grupo nominal realizando a função de Identificador é, em geral, definido. Ele tem um nome comum e vem acompanhado de um artigo ou outro determinador específico, ou, ainda, um nome próprio ou pronome. Exemplo: *O isopropanol foi o melhor solvente... (pol.)*.
2. O verbo realizando o Processo é da classe dos equativos.  
Exemplo: *A queda das folhas é um dos fatores que explicam a redução na matéria seca da parte aérea (25988)*.
3. O teste para essas orações é *qual? quem?* Exemplo: *Quem é aquele na fileira de trás?*<sup>11</sup> *Qual dos professores é o mais antigo?*<sup>12</sup>.

Como dito, essas orações são reversíveis, com exceção dos neutros (*ser*, *tornar* e aqueles com preposição posposta) e possuem forma passiva no inglês.

## **Processos comportamentais**

Os processos comportamentais são ligados a comportamentos/hábitos fisiológicos e psicológicos, tipicamente humanos. De acordo com Halliday (2004:248), eles são os menos distintos de todos os seis tipos de processo, pois possuem características próprias definidas; são parcialmente como material e parcialmente como mental. Alguns dos processos comportamentais típicos são: *respirar*, *tossir*, *sorrir*, *sonhar* e *encarar*.

O participante que está *se comportando* é chamado de Comportante, que é, em geral, um ser consciente, como o Experienciador (dos processos mentais), porém o processo comportamental é gramaticalmente mais como um *fazer*, como mostra o exemplo:

---

<sup>11</sup> Exemplo traduzido de Halliday (2004:228).

<sup>12</sup> Exemplo criado para fins explicativos.

Todo dia,	Eu	<i>chorava... (meioamb58).</i>
<i>Circunstância</i>	<i>Comportante</i>	<i>Processo comportamental</i>

O limite entre esses processos pode ser reconhecido através dos casos típicos, conforme quadro de Halliday (2004:251):

Próximos ao mental	Processos da consciência	<i>Olhar, observar, encarar, escutar, pensar, preocupar-se, sonhar</i>
Próximos ao verbal	Processos verbais como comportamentos	<i>Tagarelar, resmungar, conversar</i>
-	Processos fisiológicos manifestando estados de consciência.	<i>Chorar, rir, sorrir, fazer cara feia, suspirar, rosnar, gemer</i>
-	Outros processos fisiológicos	<i>Respirar, tossir, defecar, bocejar, dormir</i>
<i>Próximos ao material</i>	<i>Posturas corporais e passatempo</i>	<i>Cantar, dançar, deitar, sentar</i>

Quadro 6: Limite entre os processos (adaptado de Halliday, 2004:251).

É importante ressaltar que muitos desses processos ocorrem não comportamentalmente, como *pensar*, por exemplo, que pode ser comportamental ou mental, por exemplo.

### Processos verbais

Os processos verbais são os de *dizer*. Halliday (2004:252) aponta que seu uso é importante em vários tipos de discurso como nas narrativas e no discurso acadêmico, por exemplo. Eles permitem projeção através de (1) citação (discurso direto) ou (2) reportagem (discurso indireto) de pesquisadores antecessores e teóricos. Também são usados para mostrar o posicionamento do autor por meio de verbos como: *apontar, sugerir, alegar, afirmar*, por exemplo. As ocorrências abaixo, retiradas do corpus desta pesquisa, exemplificam essas projeções:

1.

O autor	Afirma	"na primeira metade do século XVIII, 45% dos enforcados em Londres foram pendurados por assalto em estradas e por delito afim: furto com aterrorização da vítima"... (25247).
Dizente	Processo verbal	Projeção (citação)

2.

O autor	Afirma	que a expressão a certain é usada para indicar que algo é conhecido, mas não divulgado. (Idg058)
Dizente	Processo verbal	Projeção (reportagem)

Ao contrário dos processos mentais, os verbais não requerem um participante consciente. O participante, chamado de Dizente, pode ser qualquer coisa.

Ao projetar uma oração, pode se ter uma proposição, como em: *Ele me disse que teria jogo à noite* ou uma proposta: *Ele me disse que irá me buscar para ir ao jogo à noite*.

Além de serem processos que podem projetar, os verbais possuem outros três tipos de participantes além do Dizente, são eles:

- Receptor: aquele para quem o dizer é direcionado, por exemplo: a mim, meu irmão, o governo, etc. Ele pode ser sujeito em orações com passiva, como: *Não me disseram que você viria*<sup>13</sup>.
- Verbiagem: é a função que corresponde àquilo que é dito, pode ser o conteúdo do que é dito, como *suas sugestões* em: *Ela explicou suas sugestões para o trabalho*, ou, ainda, o nome do dito, como *palavra* em: *Não diga mais uma palavra*.
- Alvo: é a entidade que é focalizada pelo processo de dizer. Nesse caso, é como se o Dizente estivesse agindo verbalmente sobre o outro, como *Maria* em: *Ele criticou Maria durante a reunião*<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> Exemplo criado para fins explicativos.

<sup>14</sup> Exemplo criado para fins explicativos.

Os verbos que aceitam Alvo não projetam discurso reportado. Segundo Halliday (2004:256), esse tipo de oração é mais próxima da estrutura Ator + Meta das orações materiais.

### Processos existenciais

Esses processos representam que algo existe ou acontece. As orações existenciais se assemelham às relacionais por terem o verbo *ser*, mas não possuem participantes como Atributos ou Identificadores, pois possuem apenas um único participante, o Existente. Como o exemplo abaixo:

<i>O desbaste</i>	<i>Ocorreu</i>	aos oito dias após a emergência. (25932).
Existente	Processo existencial	Circunstância

Nas orações existenciais, segundo Thompson (1996:101), o falante renuncia à oportunidade de se representar nos acontecimentos, uma característica distintiva estrutural que promove um sinal de renúncia. A função de uma oração existencial é anunciar a existência de algo, isso pode ser visto como uma maneira do autor observar, ao invés de participar do fluxo informacional do texto.

Ao descrever as orações existenciais, Halliday (2004:257) argumenta que elas não são muito comuns, apenas de 3 a 4 por cento de todas as orações em um texto são existenciais. Porém, elas desempenham um papel importante em vários tipos de textos, como nas narrativas, ao introduzir participantes centrais no início de uma história.

No entanto, os dados desta tese permitem dizer que os processos existenciais também desempenham um papel importante nos artigos científicos. Conforme discutido anteriormente, na introdução dos conceitos de transitividade, os verbos não são existenciais na essência, mas tornam-se existenciais ao serem ligados ao clítico:

<i>Este processo</i>	<i>se dá</i> = <i>ocorre</i>	pela manhã... (25526).
Existente	Processo existencial	Circunstância

Finaliza-se, aqui, a descrição da transitividade, os tipos de processo representados, as funções dos participantes envolvidos, além de uma breve descrição dos elementos circunstanciais. Esses tipos de processo – *material, mental, relacional, comportamental, verbal e existencial*, possuem sua própria gramática ao mesmo tempo que, se encarados sob outro ponto de vista, como sugere Halliday (1994), eles são semelhantes por terem a mesma gramática, havendo apenas uma estrutura representacional generalizada comum.

Halliday (1994) evidencia que, em um sentido mais abstrato, todo processo é estruturado da mesma forma, com base em uma só variável que se relaciona com a origem do processo: aquilo que o causou. A principal questão é: o processo foi causado de dentro ou de fora? O Ator está engajado num processo? O processo se estende ou não para além do Ator, para alguma outra entidade? Para entender essas questões o pensamento tem que ser reestruturado.

Dessa forma a variável aqui não é de extensão, mas sim de causa. Algum participante está engajado no processo? O processo foi causado pelo participante? Ou por outra entidade?

Por exemplo, nas orações *Maria fechou a porta* e *A porta se fechou* a primeira é causada por uma agência interna e a segunda não se sabe quem causou a ação, ela tem um caráter de evento espontâneo, como se a ação acontecesse por si só. Essas questões não estão relacionadas aos termos transitivo ou intransitivo, que implicam um modelo de extensão, mas sim à ergatividade, perspectiva abordada a seguir, segundo os princípios Sistêmico-Funcionais.

## **2.3 Ergatividade segundo a perspectiva Sistêmico-Funcional**

Neste item, a perspectiva da ergatividade é descrita segundo a abordagem Sistêmico-Funcional. No item seguinte, a discussão continua com base em outras abordagens refletindo o posicionamento desta tese a respeito dessa perspectiva.

A metafunção ideacional pode ser explorada por dois aspectos: através da metafunção lógica, que fornece recursos para entender a complexidade da oração e da metafunção experiencial que é a estrutura funcional interna das configurações experienciais da oração. A realização desse sistema experiencial ocorre através do sistema da transitividade, anteriormente descrito, que permite distinguir nitidamente “aquele que faz” (Ator) e “aquele a quem se faz” (Meta), em processos materiais, por exemplo.

No entanto, pode-se olhar essa distinção de uma outra perspectiva, focalizando o fato de que os processos podem acontecer por si mesmos ou serem provocados. Essa perspectiva é chamada de ergatividade. Assim, há dois diferentes modos de modelar a transitividade – o modelo transitivo e o modelo ergativo.

O contínuo sutil, mostrado na figura abaixo, mostra que os modelos transitivos e ergativos são complementares na realização dos modelos gramaticais e na esquematização da lexis no modelo de colocação.

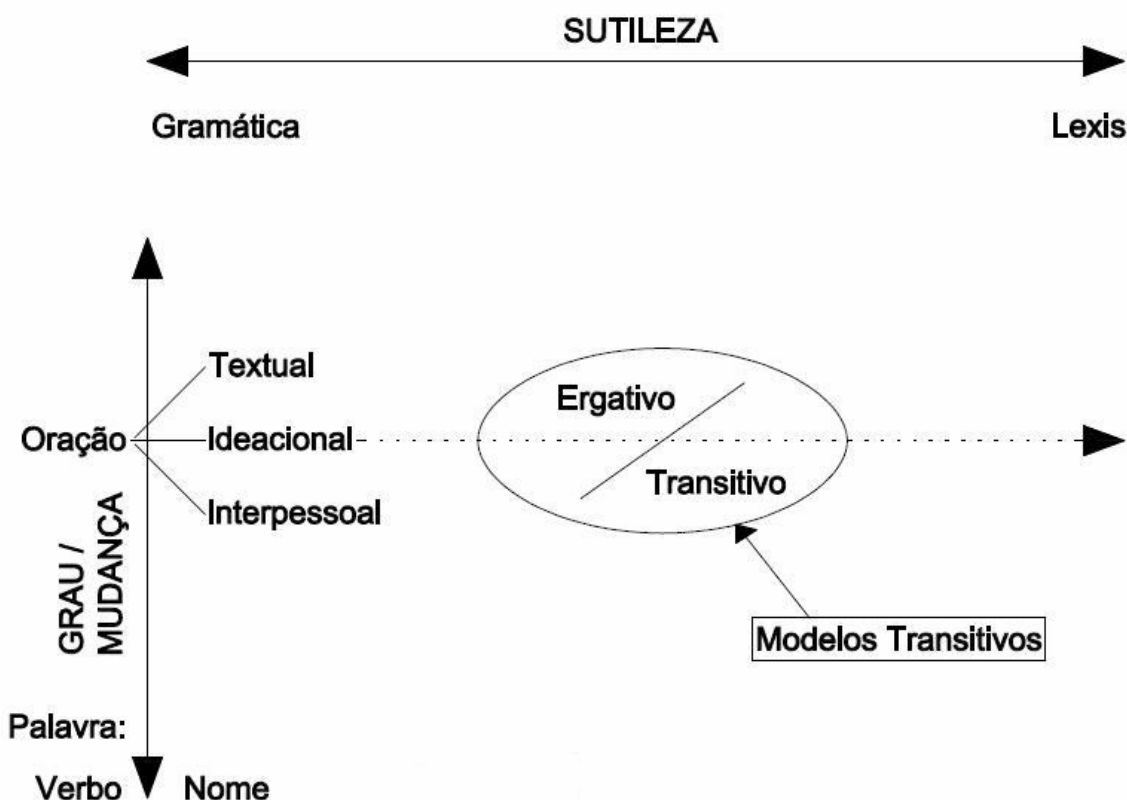


Figura 2: Interpretação da transitividade e da ergatividade na perspectiva da LSF, baseada na figura de Caffarel (2006:59).

Os modelos transitivo e ergativo são noções teóricas que servem para explorar as características da representação experiencial nas línguas. Caffarel (2006:60) aponta que a língua francesa pode ser vista pelas duas perspectivas e que a própria léxicogramática tem tendências ergativas, podendo a maioria dos processos ser usada não ergativamente (em construções médias) ou ergativamente (em construções efetivas), como o exemplo<sup>15</sup> abaixo:

<i>O pesquisador</i>	<i>desenvolveu</i>	<i>o experimento.</i>
Ator	Processo	Meta

(construção ergativa)

<i>O experimento</i>	<i>se desenvolveu</i>
Meio	Processo

(construção média)

<sup>15</sup> Exemplo criado para fins explicativos.

Todo processo está associado a um participante em particular, que é a figura chave no processo, sem o participante não seria possível o processo existir. Esse participante, na ergatividade, é chamado de Meio, entidade pela qual o processo se realiza. É um participante obrigatório e, nos exemplos acima, o Meio é o *experimento*. Portanto, sendo um processo material, o Meio é equivalente ao Ator na oração intransitiva e Meta na oração transitiva, à exceção do caso especial de voz média receptiva.

O núcleo da oração, formado pelo Processo e o Meio, é o que determina o alcance das opções disponíveis para o restante da oração. O exemplo seguinte representa um campo semântico pequeno que pode ser realizado por uma oração sozinha: *O experimento se desenvolveu*, ou em conjunto com outros participantes ou funções circunstanciais: *O experimento se desenvolveu no laboratório*, em que a circunstância de lugar *no laboratório* foi acrescentada.

Além do Meio, há um outro participante funcionando como uma causa externa, o Agente. O processo pode ser representado como causado por ele mesmo (*self-engendering*), no caso de Agente não separado; ou como causado (*engendered*), quando há um outro participante funcionando como Agente. Halliday (2004:290) discute que no mundo real há sempre uma causa externa, mas, na semântica da língua, a oração *A porta se fechou*, por exemplo, é representada como causada por ela mesma.

Para o autor (op. cit.), provavelmente todos os sistemas transitivos, em todas as línguas, são uma mistura dos dois modelos semânticos – o transitivo e o ergativo. O transitivo é uma interpretação linear e a função que pode ser definida pela extensão da Meta, alvo (processo verbal) ou fenômeno (processo mental). Essa interpretação é caracterizada pela ênfase na distinção entre os participantes e circunstâncias. O ergativo é uma interpretação nuclear e pode haver mais participantes, não só o Agente, mas também o Beneficiário e o Alcance. Eles, vistos pelo ponto de vista transitivo, são circunstanciais: o Agente é um tipo de *Manner*, o Beneficiário é um tipo de Causa e o Alcance é um tipo de Extensão e todos podem ser expressos como processos menores.

Uma oração sem característica de agenciação não é ativa, nem passiva, mas sim média. A oração com agenciação é não-média ou efetiva quanto à agenciação. A oração efetiva pode ser operativa ou receptiva em voz. Na oração operativa, o sujeito é o Agente e o Processo é realizado por um grupo

verbal ativo. Na receptiva, o sujeito é o Meio e o Processo é realizado por um grupo verbal passivo: *A AC se filia a uma tradição hermenêutica.... (Idg027).*

Esses modelos, o ergativo e o transitivo, não representam diferentes formas de subcategorizar processos, mas formas complementares de construção da experiência em uma língua. O critério gramatical serve de suporte para a classificação dos processos em diferentes tipos semânticos.

A semântica do modelo ergativo é a causação (*causation*): “*is the Process represented as self engendering or as engendered by an external cause?*”<sup>16</sup> (Halliday, 1985:147). Note-se que no primeiro exemplo (*O experimento se desenvolveu*) a natureza da própria produção do processo é explicitamente marcado pelo clítico *se*. Segundo a perspectiva ergativa, a variável é a presença ou ausência do Agente. A oração que representa um processo causado por ele mesmo (*self-caused process*) sem o Agente é média. O núcleo da estrutura experiencial dessa oração é Processo + Meio. O Meio (*O experimento*), participante mais nuclear, é o único participante em que o processo é realizado; é a função essencial para a realização de qualquer processo. De outra maneira, a oração que representa um processo trazido por alguma causa externa (por um Agente) é efetiva.

A semântica do modelo transitivo é a extensão: “O Ator está comprometido no processo? *O processo se estende para além do Ator? para alguma outra entidade?*”, “*O processo está direcionado a outro Participante?*” (Halliday, 2004:287). Assim, nesta perspectiva, a variável é a presença ou não da Meta, como nos exemplos em que a Meta é *o experimento*:

*O experimento se desenvolveu.* (ergativo)

*O pesquisador desenvolveu o experimento.* (transitivo)

A natureza produtiva do clítico permite que muitos verbos classificados como transitivos sejam utilizados em construções médias. Caffarel (2006:61) aponta que essa é uma característica importante da língua francesa e que pode ser relacionada com uma mudança semântica na língua, do transitivo para o ergativo.

Acredita-se que essa relação ocorra também em língua portuguesa. Por isso, o interesse deste trabalho é descrever o papel que o clítico *se*

---

<sup>16</sup> “O processo é representado como autocausado ou foi causado por uma causa externa?”

desempenha, em artigos científicos, na alternância entre os sentidos ergativo / não-ergativo de grande número de verbos utilizados de forma impessoal com o *se*.

As construções ergativas são mais evidentes em alguns registros ou tipos de texto, conforme Halliday (2004:285) explica. Por exemplo: na análise de registros científicos ou em reportagem de acidentes ou desastres, a interpretação do Processo como tendo ou não um causador externo na combinação do Processo + Meio. (modelo ergativo: efetivo/médio) promove mais *insight* do que a interpretação do Processo como extensão ou não além do Ator (modelo transitivo: transitivo/intransitivo).

Ao analisar artigos do jornal *Le Monde*, Caffarel (2006) descreve que todos os participantes humanos foram deixados de fora do texto, as orações passivas possuíam Agentes omitidos e as orações médias apresentavam Agentes inanimados. O uso de orações médias serve para dar um sentido de afastamento e não há força externa que possa parar o processo.

### **2.3.1 Ergatividade em outras abordagens**

O termo ergatividade é utilizado por Anderson (1976), Dixon (1994) e Manning (1996) para descrever uma característica gramatical em que o sujeito de uma oração intransitiva pode ser tratado como objeto de uma oração transitiva e diferente do sujeito transitivo. Para Dixon (1994:1), ergativo é a marcação do sujeito transitivo, que é contrastado com outro caso – originalmente chamado de nominativo, mas atualmente – absolutivo, que marca o sujeito intransitivo e o objeto transitivo.

O termo ergativo e absolutivo foi estendido para marcar a função sintática através de clíticos (ou *adpositions*), através de marcadores pronominais (*cross-reference*) em verbos principais ou auxiliares e pela ordem constituinte. O autor (op. cit.) discute que o termo ergativo tem sido mais usado no sentido sintático para aplicar a co-referência na formação de orações complexas, através da coordenação ou da subordinação. Se essas orações tiverem e tratarem o sujeito intransitivo e objeto transitivo da mesma maneira, a língua pode ser considerada de sintaxe ergativa, mas se o sujeito intransitivo e

o transitivo são tratados da mesma maneira, a língua pode ser considerada de sintaxe acusativa.

Todas as línguas distinguem orações que envolvem verbo e uma oração intransitiva e outras que envolvem o verbo e dois ou mais núcleos. Em algumas línguas, os verbos são classificados como intransitivo e transitivo. Em inglês, por exemplo, alguns verbos só podem ser utilizados na forma intransitiva (exemplos: *go*, *shudder*) e outros só podem ser usados na forma transitiva (exemplos: *hit*, *take*), mas há muitos verbos que podem ser usados tanto em uma, como em outra forma (exemplos: *eat*, *knit*, *help*, *walk*). Assim como em língua portuguesa.

Em línguas com gramática nominativo-acusativa, o que Dixon (*op. cit*) chama de sujeito intransitivo (equivalente ao Sujeito) e sujeito transitivo (equivalente ao Agente) naturalmente se agrupam. Línguas do tipo absolutivo-ergativo ligam o sujeito intransitivo e o objeto transitivo. Muitas línguas possuem características acusativas e ergativas, ligando o sujeito intransitivo e o sujeito transitivo para atingir certos propósitos e sujeito intransitivo e objeto transitivo para atingirem outros. (Dixon, 1994:6).

O núcleo do argumento de uma oração intransitiva sempre será mapeado pela relação do sujeito intransitivo. Isso envolve verbos como: *jump*, *speak*, *wink*, *stand*, em inglês. As orações transitivas possuem dois núcleos, um mapeia a relação entre sujeito transitivo e objeto transitivo. Há sempre uma base semântica na relação sujeito intransitivo e objeto transitivo que está relacionado ao significado prototípico do verbo.

Manning (1996:4) discute que há análises que negam a existência de relações gramaticais em uma língua ergativa ou sugerem que a única relação gramatical é a de modificador, mas a visão mais comum é de que a construção ergativa é derivada da passiva ou, ainda, é como a passiva. A análise do autor mostra que o objeto transitivo carrega a mesma relação gramatical que o sujeito intransitivo (como na passiva da língua inglesa), enquanto o sujeito transitivo tem uma relação gramatical diferente.

Para Dixon (1994), alguns autores usam ergatividade em outras maneiras, que muitas vezes é confusa e contraditória. Em seu livro, Dixon (1994:19) critica a maneira como Halliday (1967:44) usa o termo ergativo, alegando ser inadequado:

*“The term that is generally employed by linguistics for the syntactic relationship that holds between (1) The stone moved and (3) John moved the stone is ergative: the subject of an intransitive verb becomes the object of a corresponding transitive verb, and a new ergative subject is introduced as agent (or cause) of the action referred to. This suggests that transitive sentences, like (3), may be derived syntactically from an intransitive sentence, like (1), by means of an ergative, or causative, transformation”. (Halliday, 1967:44).*

O uso que Halliday faz do termo ergativo pode ser visto em suas publicações como Halliday (1994, 2004), assim como nas publicações de seus seguidores: Eggins (1994), Thompson (1996), Caffarel (2006), Caffarel *et al.* (2004), entre outros.

Sugerir que o sujeito transitivo da oração causativa é ergativo e que *the stone* nos exemplos usados na citação é absolutivo, isto é, funciona como sujeito intransitivo e objeto transitivo, respectivamente, é confuso aos olhos de Dixon (1994:19).

A questão de uso do termo ergativo não será tratada em maiores detalhes por não ser objetivo desta tese. Por essa razão, optou-se por chamar *construções médias* os casos em que o Meio de uma oração intransitiva pode ser tratado como Meta de uma oração transitiva, sendo a Meta diferente do Ator, no caso de o processo ser material.

## **2.4 As controvérsias sobre o clítico se**

O problema da *indeterminação do sujeito* em construções com o verbo acompanhado do *se* no Português do Brasil (doravante PB) tem sido abordado por vários pesquisadores, entre eles: Nunes (1991), Rollemberg *et al* (1991), Monteiro (1994), Bagno (2000), Camacho (2003), entre outros.

As controvérsias estão relacionadas à classificação que se deve dar ao clítico *se* e com a possibilidade de o sujeito estar ou não indeterminado. As orações abaixo foram elaboradas para explicar melhor o problema:

1. *Alugam-se casas.*
2. *Aluga-se casas.*

3. *Vende-se este carro.*
4. *Precisa-se de vendedores.*
5. *Vive-se bem em São Paulo.*

A posição das gramáticas consultadas<sup>17</sup> é bastante clara:

- o *se* tem papel de partícula apassivadora quando acompanhado de verbo transitivo direto, tendo assim, sujeito definido simples que concorda com o verbo que *se* encontra na voz passiva sintética ou pronominal;
- ou o *se* tem papel de índice de indeterminação do sujeito quando acompanhado de verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação, que deverão sempre ser empregados na terceira pessoa do singular.

No entanto, segundo as gramáticas consultadas, o problema está na ocorrência de construções como a número 2: *Aluga-se casas*, consideradas agramaticais. Porém, para o linguista preocupado com uma explicação coerente para a compreensão atual da gramática com base no uso da língua e no significado entendido pelo falante não atento às regras prescritivas, há vários problemas na classificação do *se*, motivo pelo qual se propõe esta tese baseada na análise de um corpus razoavelmente grande e retirado de seu contexto real de uso.

Orações como 2 ocorrem com uma frequência grande, tanto em uso informal, oral, variantes não privilegiadas e normas populares, como em variedades consideradas cultas, orais ou até escritas conforme apontam pesquisadores (Nunes (1991), Monteiro (1994) e Bagno (2000)). A seguir, são discutidas as diferenças entre as posições dos gramáticos e a dos linguistas.

#### **2.4.1 A posição das gramáticas normativas**

Atualmente, as gramáticas consultadas, frequentemente utilizadas em escolas, trazem em alguns capítulos descrições sobre o uso do *se* dando exemplos:

- Como pronome pessoal, sendo classificado como pronome oblíquo átono, referente à 3ª pessoa do singular ou do plural:

---

<sup>17</sup> Cunha & Cintra (1985); Rocha Lima (2002); Cegalla (1996); entre outras.

*Ele (s) se reserva(m) o direito de intervir.* (Rocha Lima, 2002:317).

- Como índice de indeterminação do sujeito na modalidade dinâmica, que faz parte da voz medial. Esta modalidade pode traduzir uma atividade interna que se passa com o sujeito sem que ele tenha contribuído para tal. Sujeitos animados e não-animados são utilizados neste tipo de construção:

*O gelo derreteu-se.* (Rocha Lima, 2002:124).

- Como índice de indeterminação do sujeito em orações com sujeito indeterminado:

*Come-se bem naquele restaurante.* (Cegalla, 1996:296).

- Como partícula apassivadora em construções chamadas de passiva pronominal ou sintética, consideradas equivalente à passiva analítica:  
*Regaram-se as plantas.*

*As plantas foram regadas.* (Cegalla, 1996:206).

*Destruiu-se o velho casarão.*

*O velho casarão foi destruído.* (Rocha Lima, 2002:124).

- Como objeto direto ou indireto na voz reflexiva:  
*A menina penteou-se.* (Cegalla, 1996:206).
- Como pronome sem função, chamados de fossilizados. Quando o se torna-se parte integrante de verbos, como: *suicidar-se, condoer-se, apiedar-se, ufanar-se, queixar-se, vangloriar-se*, etc. (cf.: Rocha Lima, 2002:320).

Em orações como 1: *Alugam-se casas*, *casas* é considerada sujeito de *vende*, razão pelo qual se evita deixar o verbo no singular, segundo gramática de Cunha e Cintra (1985:297). Os autores advertem: “*na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular*” (Cunha e Cintra, 1985:297). Sobre o problema de indeterminação, estes autores afirmam que a voz passiva pode ser expressa com o pronome apassivador *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural em concordância com o sujeito e citam os seguintes exemplos:

*Não se vê (= é vista) uma rosa neste jardim.*

*Não se vêem (= são vistas) rosas neste jardim.*

Ao tratar dos problemas de concordância verbal, Bechara (2000:433) diz que a língua padrão pede que o verbo concorde com o termo que a gramática aponta como sujeito:

*Alugam-se casas.*

*Vendem-se apartamentos.*

*Fazem-se chaves.*

No entanto, o autor (2004:178), baseado em Martinz de Aguiar (1953:181-183), discute que orações como *vende-se casas* e *frita-se ovos* são frases de emprego *antiliterário*, mesmo sendo frequentemente vistos em diversos tipos de textos. Segundo as regras gramaticais, tem-se *vendem-se* e *fritam-se*, porém ambas as sintaxes são vistas, por esses autores, como corretas. Casos como esses são estágios diferentes de evolução. Foi negada qualquer influência da sintaxe francesa nessas variações do português.

Por outro lado, a visão dos gramáticos, em geral, diferencia o *se* partícula apassivadora e o *se* índice de indeterminação em exemplos como os elaborados abaixo:

6. *Amam-se os bons vinhos.* (verbo transitivo direto).

7. *Gosta-se de bons vinhos.* (verbo transitivo indireto).

Segundo esta visão, os exemplos acima são analisados de forma diferente. Em 6, o *se* é partícula apassivadora e *bons vinhos* exerce função de sujeito, enquanto em 7, o *se* é índice de indeterminação do sujeito e *bons vinhos* tem função de objeto indireto.

No entanto, se um verbo transitivo direto for usado intransitivamente o *se* será classificado não mais como partícula apassivadora, mas como índice de indeterminação do sujeito, como em:

8. *Ama-se muito.*

Portanto, pensando em termos sistêmicos, na visão prescritiva o *se* partícula apassivadora e a passiva prescindem de Agente explícito e, quando não há Meta expressa, ela se realiza com o *se*, uma regra que parece estranha, pois em nenhum dos casos em que aparece *se* há um elemento que ocupe a posição canônica do sujeito em Português.

## 2.4.2 A posição dos linguistas

As visões dos linguistas de diversas orientações teóricas contrastam com as posições da gramática normativa. Para alguns deles, como os mencionados a seguir, orações como 2 e 3 (*Aluga-se casas* e *Vende-se este carro*) são interpretadas pelo falante como enunciados ativos e frases como 1 (*Alugam-se casas*) têm sua ocorrência restrita a contextos de códigos elaborados.

Neste item, são apresentados e discutidos alguns estudos sobre o *se*, entre eles: Ikeda (1977), Camacho (2002, 2003), Nunes (1991, 1995, 1996), Monteiro (1994) e Bagno (2000) e outros que contribuem para a compreensão do uso desse clítico.

Ikeda (1977) analisou as funções do *se* índice de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora, apontando os entraves no ensino e no emprego deste clítico e propôs que o *se*, no português brasileiro (PB), constitua sempre indeterminação, não importando a predicação do verbo.

Quanto à equivalência das construções passivas, chamada de passiva analítica e sintética pela gramática tradicional, Ikeda (1977:6) discute que nem sempre há essa equivalência, pois, muitas vezes, a conversão automática pode gerar sentenças agramaticais, exemplificadas pelos exemplos abaixo usados pela autora:

*Quer-se a casa da esquina.*

*\*A casa da esquina é querida.*

Segundo a autora (op. cit.), as construções com o *se* são recursos para indeterminar o sujeito em português, com a diferença de que, nesse caso, o clítico deve ser precedido de verbo transitivo indireto (VTI) ou de um verbo intransitivo (VI). Esse tipo de construção compartilha características em comum com a partícula *se* empregada na chamada voz passiva sintética (VPS). Para discutir essas questões, a autora (1977:20), utiliza os exemplos abaixo:

1. *Vive-se bem aqui.*

2. *Precisa-se de operários.*

3. *Procuram-se editores com audácia.*

Para a autora, as construções acima correspondem a: indeterminação do sujeito, nos dois primeiros exemplos, por ter verbos intransitivos, e voz

passiva sintética por ter um verbo transitivo direto. O que há de comum, nessas construções, segundo Ikeda (1977), é que em todas há indeterminação do sujeito humano, ou seja, todas exigem uma forma nominal humana.

Ikeda (1977:117) argumenta que o sujeito está indeterminado nas duas orações abaixo:

*Fez-se um rombo na parede.*

*Alguém fez um rombo na parede.*

No entanto, na perspectiva adotada nesta tese, se pode dizer que o traço semântico que essas duas orações têm em comum é a não-identificação do Agente, enquanto a Indeterminação do Sujeito ocorre somente na primeira delas. Na perspectiva Sistêmico-Funcional, a função estrutural de Agente e Sujeito são distintas, por fazerem referência a duas dimensões diferentes do significado da oração, a ideacional e a interpessoal.

A autora (op. cit.) propõe ainda que, nos casos em que não se pode distinguir o se indeterminador do se passivo, atribui-se a denominação de se indefinido, que pode ser parafraseado e interpretado como o pronome *nós*, uma vez que inclui o pronome *eu*. Essa equivalência, entretanto, não é exata, pois essa forma inclui obrigatoriamente a primeira pessoa enquanto a construção com se apresenta a possibilidade, mas não a obrigatoriedade dessa inclusão.

Embora não tenha trabalhado com a Língua Portuguesa, Shibatani (1985) fez importantes considerações ao analisar a correlação entre as passivas e outras construções (reflexiva, reflexivo-recíproca, média, honoríficas e potenciais) em duas dimensões: uma é que as passivas estão correlacionadas com essas outras construções, outra é que as construções passivas formam um contínuo com as ativas. O ponto principal de análise de Shibatani (1985) é o quanto uma dada construção se aproxima da passiva prototípica, ao longo de um contínuo, examinando as correlações entre as passivas e essas outras construções em dados de várias línguas, como: ainu, chamorro, turco, quéchua, espanhol, francês, japonês, entre outras.

Shibatani (1985:822) discute que para uma caracterização universal das passivas não pode ser observada apenas a ordem das palavras ou a morfologia, mas sim a mudança nas relações gramaticais que essa construção pode gerar. A passiva deveria ser categorizada em termos da rede de relações

em que um nome é objeto direto no status transitivo que se torna sujeito de uma outra oração. Assim, a passiva é um fenômeno promocional, em que se promove o objeto de uma ativa e pode-se remover o sujeito e Agente da oração ativa. Como consequência, uma oração passiva é categorizada como intransitiva.

Shibatani (1985:823) discute que o conceito de promoção ou demissão ainda é muito estreito, pois há línguas que não possuem objeto disponível para promover, como é o caso da língua ainu (língua de Yukara). Nessa língua, um afixo (an-) é usado como marca de pessoa indefinida. Para marcar um evento espontâneo, que ocorre de forma automática sem a interferência de um Agente, chamada de passiva média por Kindaichi (1931), apud Shibatani (1985:823), usa-se o prefixo (a-).

Em Imbabura Quéchua (Shibatani, 1985:828-829), o mesmo sufixo é usado para reflexivas, recíprocas médias. Em muitas línguas, como na língua portuguesa, o pronome reflexivo é usado em todas essas construções. A semelhança sintática e semântica das passivas, reflexivas e recíprocas são suficientes para permitir que uma forma desempenha as funções das outras.

As construções honoríficas (*honorific*) estão relacionadas à pluralidade, e muitas línguas, segundo o autor, mostram a relação entre passiva/plural e plural/honoríficas. Essas construções possuem Agentes indiretos, podendo ser o endereçado, o falante, ou qualquer outra pessoa.

Givón (1979:186) define a passiva como um processo pelo qual um não-Agente é promovido ao papel de tópico principal na oração. Para estender as propriedades do domínio da linguagem que identifica os tópicos principais como sujeitos e os distingue dos demais, essa promoção pode envolver também subjetivação.

Okutsu (1983:70), apud Shibatani (1985) pergunta “*não é econômico ter dois tipos de orações (passiva e ativa) que expressam o mesmo significado, não é mesmo?*”. Nesse caso, a diferença é dada pelo falante, pelo seu ponto de vista – de Agente ou de paciente. Se o falante olha para o evento pelo ponto de vista do Agente, a oração é ativa. Se olhar pelo ponto de vista do paciente, é passiva.

Shibatani (1985:831) argumenta que Givón e Okutsh deram pouca atenção, em seus trabalhos, à função do desfocamento do Agente contida nas

construções passivas, que está relacionada com o fato de os Agentes não serem expressos geralmente. Shibatani (1985:830) cita o trabalho de Jespersen (1968), um estudo estatístico que mostra que de 70 a 94% das construções passivas, em autores ingleses, não contêm Agentes explícitos (orações sem agenciamento). Outros pesquisadores corroboram esse dado, entre eles Svartvik (1966) e Yamamoto (1984). Esse último discute que, em textos jornalísticos, Agentes não expressos representam Agentes desconhecidos, obscuros ou indefinidos, mas em romances, Agentes não expressos são óbvios pelo contexto. Em resumo, a passiva sem Agente ocorre quando não se sabe quem é o Agente ou quando a presença do Agente não tem importância no texto por ser óbvio, desconhecido ou irrelevante.

Ao analisar a linguagem médica, Fairclough (2001:226) discute que usualmente não se especifica os participantes, de forma que agente e paciente são omitidos pelo fato de isto ser evidente em si mesmo, irrelevante ou desconhecido. Uma outra razão política ou ideológica para uma passiva sem agente pode ser a de ofuscar a causalidade e a responsabilidade. O mesmo ocorre na linguagem científica ou técnica.

Para Shibatani (1985), uma oração sem Agente – ou uma construção próxima a essa – não permite a passiva, pois não há Agente para ser desfocado, por exemplo: *Mary is loved/Mary está apaixonada*. Para o autor, Mary não é Agente, mas sim experimentador (*experiencer*).

O termo *desfocamento do Agente* é discutido pelo autor (1985:832) justificando que o termo *foco* é usado por muitos linguistas em diversas correntes e por isso ele julga necessário deixar mais clara a definição, embora termos como *remoção do Agente*, *supressão do Agente* e *Agente em segundo plano* sejam muitos restritos para cobrir fenômenos como ausência de menção do Agente, menção do Agente sem ranhura sintática (*non-prominent syntactic slot*), indefinição da identidade do Agente por uso de formas plurais, referências indiretas. Nenhum outro termo como *desfocamento do Agente* cobre todos esses aspectos, segundo o autor. O *desfocamento do Agente* não é meramente uma consequência da promoção do objeto/paciente, mas é a função primária, não sendo, portanto a criação de um tópico ou tema de uma oração.

Said Ali (1966/2008:103-106) trata casos como *compra-se o palácio*, *morre-se de fome* como fórmulas destinadas a calar o nome do Agente; o clítico *se* sugere, nesses contextos, que alguém compra, alguém morre, mas que não se conhece ou não se quer nomear. Para o autor, esse fenômeno é inegável na língua portuguesa, em que as pessoas empregam o clítico com qualquer tipo de verbo; em outras línguas, como as eslavas, o *se* junto ao verbo é empregado para indicar um fato, um estado, sem tratar do causador.

Keenan (1985) estudou as propriedades sintáticas e semânticas de construções passivas em diversas línguas e identifica que algumas línguas não têm construções passivas, porém dispõem de estruturas que equivalem ao fenômeno da passivação, em que o Agente é apagado ou deixado em segundo plano sem ocorrência de qualquer outra mudança. Assim como Shibatani (1985), Keenan discute que a principal função das passivas não é a promoção do paciente, mas sim o rebaixamento do Agente, refutando também a idéia tradicional de que a passivação é um processo necessariamente derivado de construções ativas.

Para Keenan (1985:250), há dois tipos de passivas: as estativas e as perifrásticas. As primeiras, segundo ele, soam melhor no inglês quando possuem um Agente, porém na língua portuguesa geraria uma construção não aceita gramaticalmente:

*\*Os experimentos estão feitos pelos alunos.*

As perifrásticas são formadas com o auxiliar *to be* (*ser*, em português) e há, nessas construções, a existência de um Agente externo, ainda que implícito. Nas passivas estativas não se pode interpretar que haja a presença de um Agente.

Givón (1979) pesquisou os tipos de passivação comuns em línguas diversas e observa que, em inglês, em textos escritos, a frequência de passiva é muito menor se comparada com a ativa. A maioria das construções passivas (90% das ocorrências), segundo o autor (op.cit.), omite o Agente e sua inclusão está relacionada à referência de uma informação nova.

Nessa mesma linha, Duarte (1990), através da análise de textos de gêneros jornalístico, científico e peça de teatro, acredita que a função principal da passiva é a detematização do sujeito Agente. A autora (1990:147) discute

também que, na chamada voz passiva sintética, a posição do sujeito pode se apresentar semanticamente vazia, como em orações:

*Vendem-se carros.*

A principal consequência da detematização do sujeito Agente é a omissão do Agente, segundo a autora (op.cit.), baseada nos resultados de sua pesquisa – em que 83% das orações o Agente está omitido.

Duarte (1990) caracteriza as passivas em duas categorias macro-semânticas: a primeira, baseada no ator que é o participante iniciador e controlador e a segunda no não-ator, que é o participante afetado. A autora (op.cit.) discorda da proposta de Keenan (1985), que um paciente se torna sujeito e o Agente é rebaixado, justificando que os elementos verbais que são passivos podem ter outra função que não a de paciente, exemplificando sua proposta através das construções:

*Maria foi premiada pela professora.*

*O alvo foi atingido pela flecha.*

Para a autora (op.cit.), na primeira oração, *Maria* tem a função de beneficiária e não de paciente, enquanto *pela professora* ocupa a função de Agente. Na segunda oração, o *alvo* exerce a função de meta e não de paciente e *pela flecha* exerce função de instrumento e não de Agente.

Foley e Valin (1984), apud Duarte (1990), dividem as passivas em dois grupos independentes, apesar de estarem associadas nas línguas: a passiva de desfocalização com função de suprimir do ator ou torná-lo um constituinte periférico e a passiva de focalização que tem como função permitir que um elemento não-ator seja o elemento principal da oração.

As formas de indeterminação do sujeito na escrita padrão são estudadas por Duarte & Cavalcante (2007), através de *corpora* com graus diferentes de formalidade: editoriais, artigos de opinião e crônicas, publicados pela imprensa carioca, de 1848 a 1998. Os *corpora* foram organizados considerando 5 períodos de tempo distintos.

As autoras constatarem o crescimento do uso da estratégia com *se*, que é usado quase com a mesma frequência que a forma *nós* no período 1 (1848-1869).

Os editoriais, a partir do período 3 (1935-1942), são cada vez mais observadores das prescrições gramaticais, chegando a 90% de uso da

estratégia com *se* no último período (1996-1998). Os artigos de opinião também fazem usos mais frequentes da estratégia com *se*, seguida do uso de 1ª. pessoa do plural; as formas *a gente* e *você* que começam a aparecer, em percentual reduzido, no último período.

Nas sentenças não finitas, o pronome *se* é pouco utilizado, embora tenha sido observado sua crescente realização nas crônicas, texto mais permeável às mudanças, segundo as autoras (op. cit.). Os contextos em que o *se* é mais frequente são os de sentenças infinitivas introduzidas por preposição (os mesmos observados por Duarte 2002):

(...) *para se tomar decisões rápidas...*

(...) *para, no fim, obter-se decisão idêntica...*

A não-concordância entre verbo e argumento interno nas construções com *se* em sentenças não-finitas apresenta uma curva de variação estável nos cinco períodos analisados (12%, 7%, 3%, 7%, 11%):

(...) *para se achar sempre dificuldades em cousas comesinhas*

(...) *para se observar virtudes e defeitos do país*

As autoras (op. cit.) concluem que a passagem de *se indeterminador* para *se apassivador*, observado nas sentenças não-finitas, vai ao encontro ao que ocorre nas sentenças finitas, em que o *se apassivador* é mais frequente que o *se indeterminador*.

Outro estudo sobre esse clítico, com corpus diferente desse último, é o de Camacho (2002) que, através dos corpora do projeto NURC (Norma Urbana Culta), analisa os tipos de construção de voz no PB. Segundo ele, tais construções preenchem uma variedade de valores semântico-oracionais e pragmático-discursivos, codificados na sintaxe por diferentes tipos de configurações estruturais.

O autor se baseia em Câmara Jr. (1977), para apontar que a construção primária de representação da relação sujeito – verbo é a voz ativa, denominação que procede do fato de ser o evento tratado como uma ação, ou atividade de determinada entidade, representada pelo sujeito de quem pelo menos parte o processo na representação linguística.

Para Camacho (2002:228-229), a voz é um conceito multifatorial, isto é, representa um grande número de valores e possibilidades correspondentes de

expressão que, segundo Givón (1979, 1994), envolvem três domínios funcionais:

- Topicalidade: atribui-se a função de tópico a um argumento não-Agente; esse comportamento é oposto ao da sentença ativa correspondente, em que o tópico é comumente o sujeito/Agente;
- Impessoalidade: supprime-se a identidade do argumento Agente, geralmente sujeito expreso na sentença ativa;
- Detransitividade: a construção de voz é semanticamente menos ativa, menos transitiva, mais estativa que a construção ativa correspondente.

Para Givón (1979), o traço diferenciador das construções passivas é a função pragmática de atribuição tópica, parâmetro central com o qual todos os demais se correlacionam. Shibatani (1985) considera inegável os três domínios funcionais elencados acima, porém, para ele, a função primária é a desfocalização do Agente e não a atribuição tópica, conforme abordado anteriormente.

Em língua portuguesa, Camacho (2002:232) aponta que há duas construções reconhecidas como principais: a voz passiva e a voz impessoal. A primeira, chamada também de analítica, é construída por um auxiliar e um particípio passado seguido ou não de um Agente. A impessoal, chamada também de passiva sintética, é construída por um verbo na 3ª pessoa da forma ativa + partícula *se* na chamada função apassivadora. A eliminação do Agente dá à voz impessoal uma função diferente da que tem a passiva, o argumento paciente só aparece como sujeito e é possível introduzir a representação do Agente, como um complemento facultativo à predicação. A impessoal é mais comum, segundo o autor (op.cit.), na variedade falada informal, em que se cria uma espécie de voz ativa impessoal indeterminadora. A impessoalidade, nesses casos, estende-se às construções com verbos intransitivos em que nem há argumento paciente para se promover a sujeito, como em:

*Vive-se bem aqui.*

Outra construção no mesmo domínio funcional é a voz média que é uma formulação com o verbo na ativa e o *se* anafórico ao sujeito. Sua ocorrência prototípica é a construção reflexiva. Para Said Ali (2010:135), a construção média é intermediária entre a ativa e a passiva. É conjugada com o pronome reflexivo e abrange as funções de reflexividade, reciprocidade, entre outras.

Muitos verbos, porém, não podem ser interpretados “*como se executasse o sujeito algum ato reversivamente sobre a própria individualidade*”. Por isso, *espantei-me, enganei-me, convenci-me* só podem equivaler a *fiquei espantado, enganado, convencido*.

Essas construções podem ser usadas para exprimir uma ação de forma mais enérgica:

*Antônio foi-se para o mato.*

A equivalente é *Antônio foi para o mato*. A forma *ir-se* é usada quando o ato é definitivo, violento ou equivale a desaparecimento, segundo o autor.

Atos expressos pelos verbos na forma reflexiva podem se referir às pessoas, aos animais ou pessoas, aos seres animados ou inanimados e apenas aos seres inanimados. A voz média, de acordo com Said Ali (2010:137), significa que a ação se executa por si mesma:

*O prédio incendiou-se.*

*A luz apagou-se.*

É como ficou *incendiado, ficou apagada*. Essas construções denotam atos espontâneos, sem agente ou causa aparente. Elas podem ser usadas quando não se sabe ou não se quer mencionar o agente.

A distinção entre a construção média e a impessoal é, segundo Camacho (2003), instável pela possibilidade de se tratar, na representação linguística, de qualquer sujeito como ativo. Para Lima (2002, 2005), o uso da voz média pode ser considerado como uma estratégia do falante para evitar assumir a responsabilidade, uma extensão da expressão de atos espontâneos com uma clara função discursiva. Em seus dados, corpus do português trecentista (século XIV), a autora relaciona o uso da voz média a fatos desagradáveis ou que expressam afetação negativa.

A construção chamada voz adjetival possui propriedades semânticas identificadoras que dá a ela o caráter estativo-resultativo do evento. É representado sintaticamente pela forma *estar + particípio* e pela demissão absoluta do Agente.

Em síntese, para Camacho (2003) há 4 tipos de construção de voz: construções passivas, construções impessoais clíticas e não clíticas, construções médias e construções adjetivais.

O autor concorda com a idéia de Naro (1976) que mostra que as construções impessoais são inovações mais recentes, que ocorrem primeiramente em textos da metade do século XVI, cuja origem está na construção *se-passiva* clássica.

Segundo Naro (1976:788), não se encontram construções impessoais em textos mais antigos, como os medievais. Por outro lado, Câmara Jr. (1977) hipotetiza que a literatura favoreceu as construções impessoais, citando um trecho dos *Lusíadas* (c. VII est. 55), de Luiz de Camões (1555):

*“Aqui se escreverão novas histórias  
Por gentes estrangeiras que virão”.*

Para Scherre (2005:81-83), estruturas como essas são interpretadas pelos falantes como ativas, assim como:

*Doa-se lindos filhotes de poodle.  
Vende-se lindos filhotes de poodle.*

Porém, o aluno, quando aprende os tipos de sujeito, não entende a argumentação apresentada pelos professores e pelos livros didáticos sobre a diferença entre passiva sintética e índice de indeterminação do sujeito, fato presenciado pela autora em sua experiência profissional.

Seguindo a linha de pesquisa proposta por Tarallo e Kato (1989), Nunes (1991, 1995, 1996) procura rastrear o percurso diacrônico do *se* apassivador no PB, analisando um corpus composto por cartas, diários e documentos (do período de 1555 a 1989), textos sincrônicos constituídos de 10 horas de gravação, entrevistas de falantes do Português Europeu (PE) e reportagens da revista *Veja* (de 1988 a 1999).

Nunes compara o PB ao PE ao observar que, em relação às construções com verbos transitivos, o PE falado praticamente se mantém estável em relação à variação provocada pelo surgimento do *se* indeterminador. Assim, no PE moderno, há uma preferência pela construção com o *se* apassivador, diferentemente do PB, que se distingue por oposição a essa tendência. Cada vez mais, o PB mostra a sua preferência pelas construções inovadoras, afastando-se do PE.

A concordância em construções com o *se* reflete mais um aspecto da modalidade escrita da língua do que propriamente algo do domínio nacional. Para Nunes (1991, 1995), o surgimento do *se* indeterminador foi desencadeado

por um processo de reanálise sintática da antiga construção com *se* apassivador. Ele ainda discute sobre que elemento especificamente incidiu esse processo.

Seu estudo também aponta o desaparecimento do *se* que, segundo o autor, está relacionada com o fato do PE já ter uma referência determinada na identificação do pronome nulo na terceira pessoa do singular em sentenças finitas, enquanto o PB possui referência indeterminada, inovação que teria surgido de construções indeterminadas com o verbo na terceira pessoa do plural ou de construções com o *se* indeterminador, como mostram seus exemplos (Nunes 1991:36):

*Nos nossos dias não usam mais saias.*

*Nos nossos dias não **se** usa mais saia.*

Para o autor, construções finitas com terceira pessoa do singular com referência indeterminada encontram sua mais razoável fonte originadora junto às construções com *se* indeterminador. Segundo ele, no século XIX as construções com *se* indeterminador se tornaram majoritárias no PB, período em que o clítico começa a ser suprimido. As construções com *se* indeterminador passam a disputar espaço com o fenômeno da supressão do *se*, que já alcança 78% e aparecem nos três níveis de escolaridade. A supressão do *se* atingiu índices mais altos em entrevistas com falantes de baixa escolaridade, embora 50% menos em falantes de nível superior.

Também com exemplos do NURC, Monteiro (1994) discute que o *se* em enunciados como *morre-se de fome*, *aluga-se esta casa* e etc. não pode ser considerado apassivador, pois o *se* sugere na consciência de qualquer falante que alguém morre ou aluga. O pesquisador argumenta que, para muitos estudiosos, o *se* deve ser interpretado como um recurso que a língua dispõe para marcar a indeterminação. A interpretação passiva das construções com *se*, conforme discute Monteiro (1994), parece ter sido mais um equívoco da tradição gramatical.

Bagno (2000) propõe que as construções tradicionalmente chamadas de passivas sintéticas não são passivas e discute os equívocos e preconceitos da análise normativista feita pelo que ele chama de *comandos paragramaticais*, sugerindo uma nova postura a ser adotada pelos professores de LP em relação a essas particularidades. Ele destaca o caráter nominativo do *se*, atribuindo

seu apagamento nas orações em que o sujeito (-animado) pratica uma ação que incide sobre si mesmo, como em *a porta se fechou* e *o vaso se quebrou*. Para Bagno, a ordem dos termos na oração é fundamental para determinar o status do *se*: pronome reflexivo ou índice de indeterminação do sujeito; dessa forma, não aceita a possibilidade do *se* ser classificado como apassivador em nenhum contexto.

Bagno (2000:224) discute orações como as seguintes:

A) *Muita gente já se demitiu da Ford.*

B) *Já se demitiu muita gente da Ford.*

C) *Muita gente já foi demitida da Ford.*

Para este autor, o sujeito da oração em A é *muita gente* e a oração é reflexiva, diferente de B em que o sujeito é indeterminado e *muita gente* é o objeto do verbo *demitiu*. A C é o que o autor chama de verdadeira passiva que tem como sujeito *muita gente*.

Sobre a distinção entre o indeterminador e o reflexivo, Bagno (2000:224) explica:

*“Me parece claro, portanto, que a flexão do verbo no singular ou no plural é estreitamente dependente do significado que se quer atribuir e dos efeitos que se busca obter com ele. O uso simultâneo dos critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos é que deverá definir, repito, o status reflexivo ou indeterminador do sujeito do clítico se”. (Bagno, 2000:224).*

Nas construções com *se* indeterminador, Bagno (2000:225), assim como Said Ali (1966/2008:107) discutem que há uma nítida tematização do verbo, ficando os outros dois argumentos caracterizados depois deles como Rema. Pode-se concluir que o Português é tão caracteristicamente nominativo temático que toda sequência verbo-nome é analisada como (S)VO. Uma prova disso é que as passivas *ser* + *particípio* ocorrem com baixa frequência na língua. Por isso, quando o verbo é tematizado tem-se orações ativas com *se* indeterminador; quando o sujeito é tematizado, tem-se orações reflexivas, em que o *se* tem papel acusativo.

O estudo de Johns (1992), com 100 *abstracts* em língua inglesa e em língua portuguesa de áreas diversas, constatou que o *se* era frequentemente utilizado como recurso de impessoalização e, na maioria das construções, o

verbo estava em posição temática, forma tratada pelo autor como *fronted*. Essas construções representavam o que havia sido feito na pesquisa, os propósitos e os resultados sem o Agente/pesquisador ser mencionado.

Após discussão sobre a reanálise do *se* pelos falantes do Português Brasileiro, Bagno (2000:228) destaca o fenômeno chamado por ele de *pseudo-passiva sintética* que é, segundo ele, um indício de que a análise desse tipo de enunciado como ativo por parte dos falantes já se impôs majoritária.

Sua análise de um corpus de linguagem oral constatou que 75% das ocorrências eram usos não-padrões, o que mostra a não preferência pelo *se* indeterminador preferindo em seu lugar outras estratégias de indeterminação.

Em sua Gramática de usos do Português, Neves (2000:464) explica que o *se* é utilizado em referências genéricas quando o sujeito está maximamente indeterminado, visto que todas as pessoas foram abrangidas. São as construções de terceira pessoa do singular com o pronome *se* nos exemplos:

*Falava-se de Pedro.*

*Precisa-se de porteiro.*

*Ainda hoje, insiste-se em cultivar milho e feijão em climas totalmente inadequados...*

Os verbos das construções acima são verbos intransitivos, ou verbos de complemento preposicionado, visto que, com verbos que se constroem com objeto direto, a construção com o pronome *se* tem valor passivo:

*Na prática, porém, viram-se cenas como os dois rapazes palestinos amarrados...*

Segundo Neves (2000), a primeira pessoa do plural é também usada na indeterminação do sujeito. A indeterminação, porém, não é total, pois, na forma *nós*, pelo menos uma referência é determinada, porque sempre está incluído o falante (*eu*).

Rollemberg *et al* (1991), com a análise de uma amostra corpus do Projeto NURC/Salvador, mostram que as noções de indeterminação e sujeito são ainda imprecisas. Segundo Rollemberg *et al* (1991:56-57):

*“Apesar de as definições chamarem a atenção para o desconhecimento ou a não determinação desse agente verbal, na verdade o que desconhece ou não se pode determinar é a referência do sujeito: é ela que nos estritos limites da oração não está precisada, estabelecida. A imprecisão das definições – que, entre outros aspectos, não assinala o caráter humano do sujeito indeterminado -vincula-se, entre outras causas, ao fato de a gramática tradicional eleger como objeto de análise as unidades frasais, sem se estender ao contexto frásicodiscursivo”.*

Rollemberg *et al* (1991) discutem se as noções de sujeito e Agente devem ser de natureza semântica ou gramatical, posto que a indeterminação não diz respeito apenas ao elemento gramatical com função de sujeito, podendo se estender aos outros elementos sintáticos da oração. O trabalho discute ainda a indeterminação da referência do sujeito e a impossibilidade de se especificar nominal ou numericamente a sua identidade.

As variadas posições dos linguistas, acima, mostram que ainda não foram encontradas explicações satisfatórias para sanar as questões que envolvem o uso do clítico, com terminologia adequada para diferenciar certos aspectos de seu uso. Os exemplos analisados ou não estão em um contexto real ou foram retirados de corpora restritos, o que torna mais instigante esta tese que, com base na LSF, parte de dados contextualizados em textos criados com uma finalidade, ou seja, informar sobre andamento de pesquisas em vários ramos das ciências.

Esta pesquisa parte dos estudos acima que são de fundamental importância e também de outros sobre o assunto comparável em outras línguas como espanhol, italiano e francês.

Parte-se do princípio de que este estudo se concentrará na escolhas léxicogramaticais, mas pode-se recorrer a outros níveis de análise se houver necessidade. As metafunções são utilizadas em conjunto, pois a ocorrência do se está intrinsecamente relacionada à transitividade e a presença ou realização ou não do Agente.

### 2.4.3 Estudos sobre o se em outras línguas

A pesquisa de Suñer (2002) discute as construções com *se* impessoal e a legitimação das categorias vazias em espanhol em exemplos como os abaixo:

1. *Cuando se es apreciado por los amigos, se tiene fuerza para seguir adelante. (Quando se é apreciado pelos amigos, se tem força para seguir em frente).*
2. *Em este país se es perseguido por la policía. (Neste país se é perseguido pela polícia).*
3. *Se es expoliado por poderosos. (Se é explorado por poderosos).*
4. *Si se es mordido por una serpiente venenosa, hay que inyectar un antídoto de inmediato. (Se se é mordido por uma serpente venenosa, deve injetar um antídoto de imediato).*

Para essa autora, as construções acima correspondem a: passiva (1), impessoal com *se* (2) e objetos nulos de interpretação arbitrária (3 e 4). Esses exemplos mostram a tensão entre as propriedades particulares de cada uma delas.

As construções passivas, em espanhol, têm formação semelhante às do português, formam-se com o verbo *ser* e o verbo no particípio passado que deve concordar com em número e gênero com o argumento sujeito. O sintagma –por/pelo é opcional.

Segundo Suñer (2002:211), o espanhol é uma língua de sujeito nulo e a passiva é utilizada principalmente na escrita, mais especificamente na escrita formal, e na oralidade outras construções são preferidas.

Para essa autora, as propriedades das orações com *se* são as seguintes: possuem um clítico na posição de sujeito, é obrigatória a presença do *se* e permitem qualquer combinação de tempo e aspecto. A ocorrência de construções com *se* impessoal acarreta a interpretação de um predicado que se aplica a um conjunto não específico de seres humanos, representado pelo *se*.

O seu trabalho anterior (1983) discute, pelo ponto de vista pragmático, a inclusão ou não do falante. Outra pesquisadora, Otero (1986) discute que a função do *se* é neutralizar os rasgos definidos de uma flexão temporal. Essa

neutralização ou absorção dos rasgos definidos impede que os rasgos de concordância e flexão sejam interpretados como referenciais. Em orações como a abaixo, pode-se interpretar como terceira pessoa do singular:

5. *se come/comia/comió bien em lãs fiestas. (se come/comia/comeu bem nas festas)*

No entanto, a interpretação do Agente oscila entre um 'eu' encoberto e uma pluralidade de pessoas. Assim como a oração abaixo, os fatores pragmáticos, segundo Otero (1986), podem definir entre uma interpretação genérica e um 'eu' encoberto:

6. *Si (tu) dices esto en una reunión, la gente se escandaliza. (te dizes isso em uma reunião, as pessoas se escandalizam).*

Na gramática descritiva do espanhol de Bosque & Demonte (2006:26.1.1.2), as construções médias são caracterizadas como aquelas que afetam o sujeito e podem ser divididas em:

Reflexivas	<i>El niño se lava.</i>
Pseudoreflexivas	<i>El muchacho se desmayó.</i>
Incoativas	<i>El bosque se quemó.</i> (com verbos de mudança de estado físico) <i>El perro se asustó.</i> (com verbos de mudança de estado psíquico) <i>El jarrón se cayó.</i> (com verbos de mudança de posição)

Os autores (op.cit.) ressaltam que existe um tipo de construção média que compartilham de certas características formais com as passivas e impessoais com *se*, em que só podem ser construídas com esse clítico, apresentando uma qualidade inerente ao sujeito gramatical:

- Esta camisa se lava muy bien con lejía.*  
*Las luces reflectantes se ven fácilmente.*  
*Los trabajos escritos a máquina se leen más deprisa.*

Os exemplos acima têm características similares às das passivas com *se*, ambas com sujeitos inanimados de terceira pessoa que correspondem ao objeto da oração ativa com a que se associam, e ambas implicam na intervenção de um agente.

As orações médias com *se* são proposições estativas, de aspecto genérico, que necessitam da presença de algum modificador adverbial (*muy bien, con lejár fácilmente, más deprisa*). Por outro lado, possuem propriedades de caráter mais restrito que as passivas com *se* e, por isso, podem ser consideradas uma subclasse delas. Assim, as médias com *se* são consideradas, por Bosque & Demonte (2006:26.1.1.2), médio-passivas.

Eles, ainda, organizam uma subcategoria de construções que tem como sujeito implícito ideal:

*La historia de Espana se sabe de memoria.*

Construções como a acima ocorrem com verbos cognitivos (como *saber*) e verbos de atividade psicológica que expressam estados (*detestar*, por exemplo). Esses tipos de verbos representam eventos cuja consequência não depende das qualidades inerentes de seu objeto ideal (sujeito gramatical da oração média), como as qualidades do sujeito ideal implícito na oração média.

Há também as médias-impessoais que são consideradas como subclasse das impessoais. São orações como:

*A estos niños se les asusta fácilmente.*

Baseada em Fernández Ramírez (1951), os autores dividem as construções médias em dois grupos - puras e gerais. As primeiras indicam a coincidência entre a ação descrita e o momento em que se anuncia, enquanto as segundas não descrevem fatos, mas referem-se a características ou propriedades, dando aspecto atemporal às orações.

Ao tratar das construções impessoais e as passivas com *se*, os autores discutem que os sujeitos podem ser chamados de não específicos ou genéricos que podem ser interpretados como *todo mundo, a gente, alguém*, etc.; sendo, portanto, um marcador ou símbolo de passividade ou impessoalidade. No latim, as construções com *se* indicavam reciprocidade, reflexividade e não impessoalidade ou passividade, como se observa nas línguas romanas. Uma possível explicação é que o pronome reflexivo em latim passou por um processo de gramaticalização, acarretando a perda do seu

conteúdo semântico original como pronome reflexivo de terceira pessoa, que indica que o sujeito participa de alguma maneira da ação expressa pelo verbo.

Na língua italiana, Cinque (1988) analisa o papel do *si* impessoal, equivalente ao *se* do português e do espanhol, propondo que há variantes ligadas ao seu uso. Para a autora, o *si* impessoal ocorre com verbos que permitem papel temático externo (transitivos e não-ergativos), absorvendo, no caso nominativo, a posição de sujeito, que é ocupada por um *pro* pleonástico não referencial e identificado pela concordância. Há um *si* que ocorre com todos os tipos de verbo que, segundo a autora, é uma mera marca sintática que ajuda a concordância a identificar o sujeito (genérico). Desse modo, não é especificado qual é o verdadeiro argumento, sua distribuição está limitada às orações finitas. Suñer (1983) observa essa distribuição também na língua espanhola.

Salvi (2008) faz um estudo diacrônico sobre a formação da construção impessoal na língua italiana que, assim como outras línguas romanas, a interpretação genérica ou indeterminada se dá quando há demissão sintática do sujeito lexical. Para ele, a diferença entre a passiva e a impessoal é que na primeira é uma estrutura que a demissão do sujeito lexical é acompanhada da promoção do objeto direto a sujeito; enquanto na impessoal, a demissão não é acompanhada de alguma promoção. Por outro lado na impessoal, o clítico *se* funciona como um pronome genérico.

O autor ressalta que, na língua italiana, há muitas variações de níveis geográficos e de registros. Ao pesquisar o italiano arcaico, foram encontradas construções como essa:

*Non vuol che'n sua città per me si vegna. (Dante, Divina Comédia, 1.1.126)<sup>18</sup>.*

*Luoghi possibili sono questi de' quali si è in controversia. (Galileu Galilei, Dialógo sobre as duas máximas do mundo, publicado em 1630, escrito na primeira metade de 600).*

Este último exemplo, de Galileu, apresenta uma inovação – o clítico ocorre com o verbo *essere* (ser, do italiano). Para ele, o *se* da construção

---

<sup>18</sup> Estima-se que a primeira parte do livro tenha sido escrita por volta de 1.300 d.C.

impessoal pode ter o mesmo valor que a construção na primeira pessoa do plural, dependendo do contexto.

Rizzi (1986) analisa de forma detalhada as estruturas com o *si* impessoal, chamando-as de *categorías vazias*, termo também usado por Suñer (2002), pesquisadora do espanhol, para tratar de orações com referência temporal genérica, em que as referências parecem equivaler ao tempo presente. Para Suñer (2002), o espanhol permite construções no tempo passado e imperfeito, assim como outras marcas temporais não pontuais:

7. *Em los campos de concentración, torturaban se em nombre de la ciencia.*

*(Nos campos de concentração, torturam-se em nome da ciência).*

8. *Los avances de la ciencia obligarán se a reconsiderar esa hipótesis.*

*(Os avanços da ciência obrigão-se a reconsiderar essa hipótese).*

A referência temporal específica torna a construção não aceitável gramaticalmente:

9. *\*Ayer tarde, esa droga condujo se a la locura.*

*(Ontem à tarde, essa droga levou-se a loucura).*

Suñer (2002:224) diferencia as construções passivas das impessoais pela propriedade que essas últimas têm que requerem um tempo genérico. Mandikoetxea (2002) propõe um olhar mais semântico às construções impessoais, argumentando que muitos dos estudos em espanhol são baseados nas propriedades sintáticas, dando interpretações imprecisas e vagas. Essa autora compara as construções impessoais com *se* com as construções chamadas de infinitivo arbitrário:

10. *Cuando se trabaja por placer el dinero no importa.*

*(Quando se trabalha por prazer o dinheiro não importa).*

11. *Trabajar por placer significa que el dinero no importa.*

*(Trabalhar por prazer significa que o dinheiro não importa).*

Para a autora, o significado das construções acima, 10 e 11, é similar. O clítico *se* não é responsável por uma interpretação arbitrária, não tem significado impessoal. Na verdade, o *se* é um índice variável que pode ocorrer em orações com uma grande variedade de interpretações (reflexivas, recíprocas, incoativas, etc.), mas não tem significado lexical suficiente, não tem traço humano, contrariamente ao discutido em pesquisa citadas anteriormente.

Mandikoetxea (2002:238) trata as orações impessoais como sujeitos arbitrários sem especificação e, em muitos contextos, a interpretação do *se* é similar a orações com sintagma nominal indefinido. Em termos de quantificação, é uma forma universal genérica usada quando a variável está ligada a um quantificador universal. É chamada de fechamento existencial quando se tem sintagma nominal indefinido e a interpretação do sujeito das construções com *se* dependem de fatores semânticos que podem ser deduzidos no predicado.

No espanhol, de acordo com a autora, o *se* é incompatível com verbos existenciais e essas construções com predicados mínimos requerem, muitas vezes, a presença de elementos adverbiais e predicados secundários.

Os trabalhos de De Miguel (1992), no espanhol, e Cinque (1988), no italiano, mostram que a idéia de que a posição ocupa um argumento do verbo pode determinar a interpretação universal e/ou existencial.

Para Cinque (1988), há variações entre o universal e o existencial que são chamadas de quase-existencial e quase-universal. O uso quase-universal ocorre em contextos de referência temporal-aspectual genérica e é incompatível com a existência de um único indivíduo que satisfaz a descrição; é o mesmo que ocorre com as construções *one* (um) em inglês. Cinque (1988:522) utiliza os seguintes exemplos:

12. *Si lavora sempre troppo. (Se trabalha sempre muito).*

13. *Spesso si arriva in ritardo. (Geralmente, se chega atrasado).*

Enquanto a interpretação quase-existencial requer, segundo a autora (1988), referência temporal específica e é compatível com a existência de um só indivíduo que satisfaz a descrição:

14. *Oggi, a Beirut, si è ucciso un innocente. (Hoje, em Beirut, matou-se um inocente).*

15. *Oggi, a Beirut, si è sparato tutta la mattina. (Hoje, em Beirut, atirou-se toda manhã).*

Essa interpretação é possível em contextos transitivos e não-ergativos, mas não é possível em contextos inacusativos em que o sujeito adquire uma outra interpretação, que segundo a autora (1988), pode-se parafrasear como um grupo de pessoas sem especificar se o falante está ou não incluído (primeira pessoa do plural).

De Miguel (1992:157) aponta restrições no espanhol, pois com os verbos transitivos e não-ergativos o sujeito arbitrário pode ter também uma interpretação universal, mas também uma interpretação existencial:

16. **Se** da uma orden cuando hace falta. (Universal)

(Uma ordem é dada quando necessário).

17. **Se** trabaja más cuando el paro amenaza.

(Se trabalha mais quando o desemprego ameaça).

18. **Se** dio la orden de atacar el Líbano. (Existencial)

(Se deu a ordem de atacar o Líbano)

19. **Se** trabajó mucho para levantar el país después de la guerra.

(Se trabalhou muito para levantar o país depois da guerra).

Com os inacusativos apenas a interpretação universal é possível, não há possibilidade de uma interpretação na primeira pessoa do plural como no italiano, conforme exemplos de De Miguel (1992:157):

20. **Se** entra por aqui. (Universal)

(se entra por aqui).

20\*. **Se** entro mucho em este bar em invierno. (Existencial)

(Se entra muito neste bar no inverno).

21. **Se** llega tarde solo cuando es inevitable. (Universal)

(Se chega tarde só quando é inevitável)

21\*. Ayer **se** llegó tarde a trabajar. (Existencial)

(Ontem se chegou tarde para trabalhar).

22. Siempre **se** nace com poco pelo. (Universal)

(Sempre se nasce com pouco pelo).

22\*. Hoy **se** há nacido mucho em los hospitales madrilenos. (Existencial)

(Hoje se nasce muito em hospitais de Madri).

23. **Se** muere sin dignidad cuando se há vivido sin amor. (Universal)

(Se morre sem dignidade quando se viveu sem amor)

23\*. **Se** murió sin dignidad em Vietnam. (Existencial)

(Se morreu sem dignidade no Vietnã).

24. **Se** es honrado o se es um trepa. (Universal)

(Se é honrado ou se é um trapaceiro).

24\*. **Se** fue honesto aquella tarde. (Existencial)

(Se foi honesto aquela tarde).

Os autores De Miguel (1992) e Cinque (1988) estabelecem relação direta entre leitura universal e tempo/aspecto genérico e leitura existencial e tempo/aspecto específico. O problema que se tem é como impedir a leitura existencial em contextos inacusativos (em orações agramaticais acima, marcadas com asterisco). Essa restrição, segundo Mandikoetxea (2002:243), afeta não só as construções com *se*, mas também outras construções de interpretação arbitrária com as construções com terceira pessoa do plural que são agramaticais em contextos de tempo perfeito e interpretação existencial, conforme observa Cinque (1988:543).

Negroni (1996:55) analisa as construções médias em espanhol e interpreta as orações abaixo como médias do tipo *propriedade*:

25. *Este libro se lee fácilmente. (Este livro se lê facilmente)*

26. *El champagne se bebe frío. (O champagne se bebe frio)*

27. *Los platôs se guardan en el armário de la derecha. (Os pratos se guardam no armário da direita)*

A autora observa que nessas construções há sempre um verbo transitivo na voz ativa, que é precedido pelo *se*, concordando em número com o sujeito formal. A presença de advérbios indica um valor genérico atemporal, algo habitual. Para sua pesquisa, Negroni (1996) se baseia em pesquisas já feitas na língua francesa, como Ruwet (1972) e Zribi-Hertz (1982). Esta última analisa dois tipos de *se* médios: atemporal ou genérica (*propriedade*) e temporal (*processo*), porém, para Negroni (1996), na língua espanhola só há a interpretação do tipo *propriedade*.

Para Negroni (1996:56), tipos médios, no espanhol, se diferenciam dos outros *se*, pois permitem definir uma *propriedade* a partir de um processo, é o único tipo que está submetido às restrições aspectuais e os valores genéricos ou nominativos que podem ter parecem correlacionados com o tipo especial de Agente elíptico que esse tipo de construção obriga a reconstruir.

A categoria das construções médias em espanhol, segundo a autora, não é homogênea. É preciso observar que elas podem ser classificadas entre as posições regulares de sujeito e predicado. A concordância com o verbo, sempre transitivo, na 3ª pessoa do singular ou do plural, é determinada pelo objeto do verbo que assume o papel de sujeito formal. Essas construções de 3ª

pessoa do singular ou plural têm, apesar da presença de um verbo na voz ativa, um sentido passivo:

28. *Se admira la elocuencia. (Se admira a eloquência).*

Que equivale a:

28'. *La elocuencia es admirada. (A eloquência é admirada).*

Redondo (1974) define as construções médias da seguinte maneira: o sujeito, Agente ou não, é ao mesmo tempo o objeto da ação indicada pelo verbo. O autor inclui nesse grupo as construções reflexivas e as recíprocas em que o sujeito é sempre o Agente da ação denotada pelo verbo. Para Redondo (1974), as diferenças dos tipos de uso do *se* está no tipo de Agente que a interpretação de cada uma das estruturas obriga o leitor/ouvinte a construir.

Dessa forma, esse autor (1974:31) sugere que o *se* utilizado em construções passivas tem sempre um Agente com traço humano [+humano], visto que no espanhol moderno, o mais comum é o Agente não estar explícito. Nas construções médias, por outro lado, o Agente tem traço não-humano [-humano] e pode estar explícito ou não:

29. *La gripe se cura con pastillas [Agente explícito]. (A gripe se cura com pastilhas).*

30. *La gripe se cura muy lentamente [Agente implícito]. (A gripe se cura muito lentamente).*

Se o Agente não está implícito, indica sempre o mesmo autor, porém é difícil determinar se é um Agente [+humano] ou [-humano]. Assim, a construção pode ter um significado ambíguo:

31. *Las puertas se abren a las 9 en punto. (As portas se abrem às 9 em ponto).*

32. *Los comercios se cierran a las 8. (Os comércios se fecham às 8).*

Redondo (1974:32) discute que as construções acima podem ter interpretações, segundo o contexto, como passivos com Agente subentendido [+humano]:

31'. *Abren las puertas a las 9 en punto [Impessoal].*

*(Abrem as portas às 9 em ponto).*

Entende-se como o Agente alguém, o porteiro ou o banco, dependendo do contexto. Se a construção 31' for interpretada como as portas se abrem sozinhas, portas automáticas, por exemplo, tem-se uma média [-humana], que

pode ser interpretada como ergativa. Redondo (1974) aponta ainda que construções como a 30 podem ser consideradas ergativas também.

Caffarel (2006:60), pesquisadora da língua francesa, conta com a base Sistemico-Funcional para interpretar construções como as acima como ergativas, em que a construção com o clítico *se* é chamada média e possui contraparte transitiva: *La porte s'ouvre/Louis ouvre la porte*.

Por outro lado, Ruwet (1972) classifica orações, como as 30 e 31, de neutras, argumentando que não há de fato nenhum Agente, ou porque sua presença não é recebida ou porque o acontecimento é apresentado como se houvesse ocorrido espontaneamente. A pesquisadora da língua francesa Zribi-Hertz (1987), discute que as construções ergativas francesas são solidárias não só com a forma transitiva com o sujeito causativo (a diferença do *se* passivo do *se* médio está associada a uma construção transitiva com sujeito Agente) como também com uma forma relacionada ao verbo que denota um estado final, resultado de um processo, descreve uma mudança de estado sofrido involuntariamente.

Negroni (1996:60) discute que as construções médias que partilham propriedades com as construções passivas (com *se*) e as impessoais quando há uma reconstrução de um Agente elíptico [+humano], a ordem sintática característica, isto é, não marcada, é: sujeito+*se*+verbo+advérbio de modo:

33. *Este auto se estaciona fácilmente. (Este carro se estaciona facilmente).*

Na passiva, tem-se normalmente outra ordem: *Se*+verbo+nome:

34. *Se firmaron ayer los nuevos acuerdos diplomáticos. (Se firmaram ontem os novos acordos diplomáticos).*

Esta ordem não é rígida, explica a autora, sobre tudo quando se trata de certas construções no presente que podem admitir uma interpretação média ou uma interpretação passiva, como se pode observar abaixo:

35. *Estas raíces se comen [=estas raíces son comestibles].*

*(Estas raízes são comestíveis)*

36. *Em este país se comen esas raíces [=la gente de esse país come esas raíces].*

*(A gente deste país come essas raízes).*

Para Negroni (1996:60), a construção 35 é interpretada como média e a 36 como passiva. Para ela, construções como a 36 se distinguem também das

construções impessoais, pois nessa última não há um sujeito formal (Se+verbo [3ª pessoa do singular]):

37. *Según **se** supo, el presidente recibirá al Embajador de Japón. (Segundo se supõe, o presidente receberá o embaixador do Japão).*

A autora (op. cit.) ressalta ainda a importância das restrições de aspecto que permite diferenciar as construções. A construção média, por exemplo, pode ocorrer em contextos genéricos ou habituais e, com isso, pode estar restrita à temporalidade. A média é incompatível com os tempos pontuais (pretérito perfeito, por exemplo), assim como a forma progressiva e os advérbios ou expressões adverbiais que indicam um momento pontual, como mostram os exemplos:

38. *Este libro **se** lee de corrido. (Este livro se lê rápido).*

39. *\*Este libro **se** leyó ayer. (Este livro se leu ontem).*

40. *\*Este libro **se** está leyende. (Este livro se está lendo).*

41. *\*Este libro **se** está leyendo esta mañana. (Este livro se está lendo esta manhã).*

Nas construções passivas (P) e indeterminadas (I) as construções podem representar um momento pontual, conforme exemplos da autora:

42. ***Se** anunciaron hoy las nuevas medias económicas. (I)*

*(Se anunciarão hoje as novas medidas econômicas).*

43. ***Se** enunciaban hoy las nuevas medias económicas. (I)*

*(Se anunciavam hoje as novas medidas econômicas).*

44. *Esta semana **se** han enunciado las nuevas medias económicas. (I)*

*(Esta semana foram enunciadas as novas medidas econômicas).*

45. *Aquí **se** vacuna. (P)*

*(Aqui se vacina).*

46. *Aquí **se** vacunaba. (P)*

*(Aqui se vacinava).*

47. *Aquí **se** vacino el año pasado. (P)*

*(Aqui se vacinou/vacinava no ano passado).*

Em espanhol, é comum que as construções médias sejam acompanhadas de elementos tais como advérbio ou expressão adverbial de modo: *facilmente, de corrido, rapidamente*, etc. Para Ruwet (1972:95), a

presença desses elementos contribui para o valor genérico ou habitual de uma oração:

48. *El libro de Juan se lee fácilmente.*

(*O livro de Juan se lê facilmente*).

Com a mesma interpretação genérica de propriedade, segundo a autora, se tem uma construção não aceita pela gramática:

49. \**El libro de Juan se lee.*

(*O livro de Juan se lê*).

A dificuldade de se interpretar a construção 49 com a entonação descendente é característica dos enunciados declarativos. Em 48, há uma descrição de um acontecimento e uma restrição aspectual a que está submetido.

Essas características também são discutidas por Negróni (2002:305), que acredita que as construções médias podem ser distinguidas das demais. No entanto, as construções médias e passivas compartilham algumas propriedades nas construções na língua espanhola, como em:

- A construção contém sempre um nome em função do sujeito formal;
- Esse nome corresponde ao objeto selecionado do verbo;
- Quando se faz paráfrase para uma construção pronominal, o *se* se torna pronome objeto do verbo imobilizado pela forma impessoal (3ª pessoa);
- O verbo está na voz ativa;
- O verbo é transitivo;
- O complemento Agente jamais aparece expresso na língua espanhola moderna.

Porém a interpretação medial sempre pode ter um jogo de Agente elíptico [+humano], que também é o caso das construções passivas com *se* e também as indeterminadas, mas é o caráter desse Agente que pode diferenciar esses tipos de construção.

#### 2.4.4 Estudos sobre outros fenômenos que envolvem o clítico se

Este subitem aborda alguns dos estudos realizados sobre outros fenômenos que envolvem o clítico *se*, como seu apagamento e seu redobro no português falado do Brasil.

Para Oliveira (2005:1), o clítico *se* tem os seguintes comportamentos no Português Brasileiro contemporâneo: pode ser suprimido (A), característica do falar mineiro, conforme aponta D’Albuquerque (1984), pode ser neutralizado na forma da 3a. pessoa (B), fenômeno do português brasileiro, pode também ser inserido (C) e até mesmo duplicado (D). Estes últimos, inserção e o redobro, foram encontrados em corpus de falantes nordestino.

A. *Eu \_\_ conformei com a decisão dele.*

B. *Eu **se** conformei com a decisão dele.*

C. *Ele **se** ressuscitou.*

D. *Ela **se** conformou-**se** com a decisão dele.*

Diniz (2007) estuda o redobro dos clíticos no dialeto mineiro, mostrando que a duplicação do clítico é um fenômeno que também ocorre na língua espanhola, conforme descrevem Suñer (1988) e Jaeggli (1986), porém não há um consenso sobre a sua teorização.

Para esta pesquisadora, o redobro de clíticos consiste na co-ocorrência de um pronome átono proclítico ao verbo, o qual mantém relação de correferência com um Sintagma nominal que projeta sempre uma categoria funcional acusativo ou dativo em posição de argumento interno de um verbo transitivo da oração. Conforme apontam os dados desta pesquisadora, esta co-ocorrência de pronomes limita-se à primeira e à segunda pessoa do singular:

*Eu vou **te** levá **ocê** lá.* [Fala espontânea]

*Ah eu vô **te** ensina **ocê** broa de fubá.* [Corpus de Fala Ouro Pretana]

*Deixa eu **te** falar **com** **cê** um negócio sério.* [Corpus de Fala Ouro Pretana]

Assim como Diniz (op. cit), Assis (1980) também pesquisou o dialeto mineiro e observou o apagamento do reflexivo na fala de pessoas da zona rural pertencente à região Sanfranciscana de Januária, no alto-médio São Francisco, Minas Gerais. É importante ressaltar que, conforme apontam Assis (op.cit) e Oliveira (2005), a queda dos reflexivos em Minas Gerais não está associada a

classes sociais ou nível de escolaridade, pois há pessoas de nível socioeconômico médio, com alta escolaridade, que também apagam os reflexivos em orações como: *Depois do que aconteceu, ele arrependeu.*

Já no dialeto nordestino, Oliveira (2005:5) observa o redobro do pronome reflexivo *se*, como *se* pode observar pelos exemplos abaixo:

*Bem, Josiane teve um bocado duente. Teve uma uma vez qui **se** internou-**se**, mais era uma dor nas pernas...*

*Apitei o botão o rapaz tava dormindo **se** acordou-**se** veio me atender.*

Gondim (2011) analisou o apagamento do clítico *se* no português falado de Fortaleza, Ceará, em um corpus organizado segundo o projeto NURC, da década de 80. A pesquisa leva em conta fatores como a idade dos falantes e variações de registros. No entanto, não foram encontradas diferenças relevantes nas três faixas etárias estudadas, o que deixa claro que a tendência para o apagamento não é recente. Em 47,1% das ocorrências da faixa etária 1 (25-39 anos) houve o uso do clítico, enquanto em 52,9% das ocorrências os pronomes não foram utilizados. Essa proporção foi inferior a das outras faixas etárias, na faixa 2 (40-55 anos), com maior tendência à omissão do clítico, não houve seu uso em 64,3%, isto é, os pronomes só foram utilizados em 35,7% das ocorrências. Na faixa 3 (56-71), o número de casos em que os pronomes não aparecem também foi alto, 54,5% das ocorrências de verbos, tradicionalmente chamados pronominais, não vieram acompanhados de clítico, sendo utilizados em apenas 45,5% das ocorrências.

Com base em seus resultados, Gondim (op.cit.), conclui que a ausência do clítico é um fenômeno que vinha crescendo, chegou ao ápice e começou a cair, pois a faixa etária mais nova tende a voltar a utilizar o clítico, como *se* pode observar no gráfico abaixo:

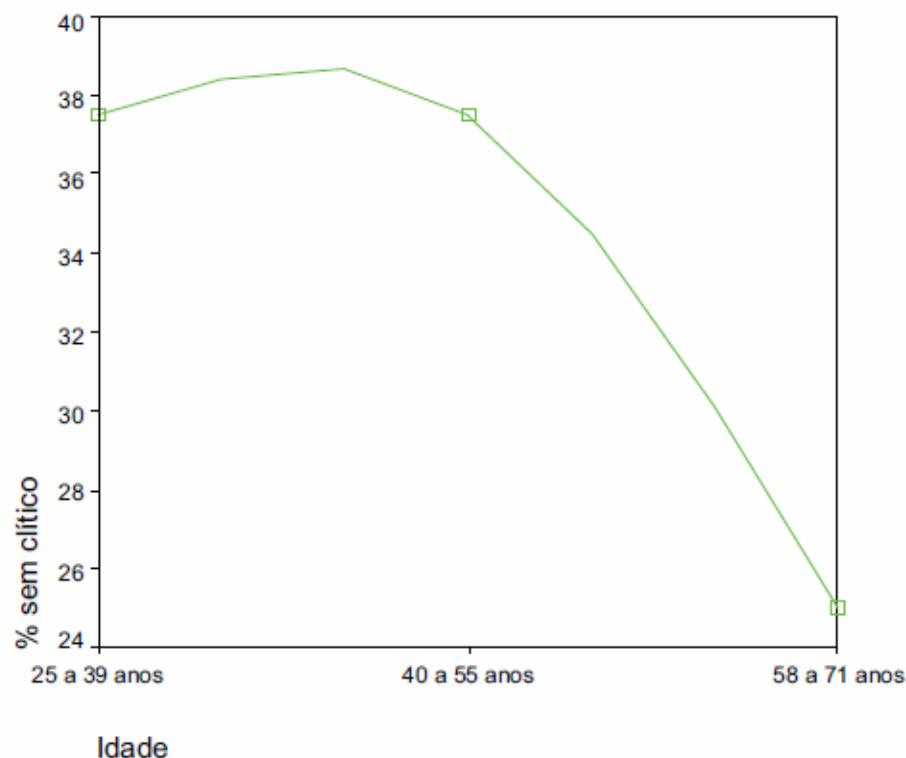


Gráfico 1: Apagamento do clítico conforme idade (Gondim, 2011:43).

Esta pesquisadora também comparou a incidência do clítico em diferentes registros e constatou que quanto mais formal o contexto em que o falante se encontra, mais clíticos ele utiliza.

Sobre o apagamento dos clíticos, d'Albuquerque (1984:116) hipotetiza que, no português brasileiro, é comum um objeto nulo receber interpretação a partir do contexto discursivo. A queda dos clíticos, neste caso, segue o processo geral de omissão do objeto direto, como em construções do tipo:

*Ele aborreceu quando perdeu os óculos.*

Para Galves (1987, 2001), o pronome *se* tem tendência a desaparecer nas construções finitas do português brasileiro em todas as suas funções (sujeito indeterminado, pronome apassivador e reflexivo), enquanto reaparece maciçamente nas infinitivas para expressar indeterminação.

Nunes (1995), já discutido anteriormente, mostrou que, em um corpus oral de falantes paulistanos, houve 52% de apagamento dos clíticos, média que não se distribui homogeneamente, pois esse apagamento está condicionado ao grau de escolaridade e ao tipo de clítico. No que concerne à escolaridade, a supressão do clítico tende a ser maior nos informantes de 1o. e 2o. graus (atuais ensinos fundamental e médio, respectivamente):

1o. grau	2o. grau	3o. grau	Total
65%	57%	32%	100%

Tabela 1: Supressão de se por nível de escolaridade (Nunes, 1995:212).

Em um corpus escrito de textos coletados da revista *Veja*, há apagamento de três tipos de se anafórico: ergativo (35%), ex-ergativo (35%) e clíticos reflexivos (30%). Assim, o apagamento de clíticos parece ser condicionado pelo tipo de discurso, pois 61% da supressão de clíticos ocorreram no discurso direto. Nunes (op.cit.) também estudou o fenômeno contrário - a inserção de clíticos anafóricos, que ocorre em grande número no discurso indireto (93%).

Assim como este último pesquisador, Oliveira (2006:4) estudou um corpus falado de São Paulo e de Taubaté, observando o processo de neutralização da forma pronominal:

*P'que eu se dô com todo mundo aí né? (F, 35 anos, 4o. ano primário, proveniente de Alagoas – corpus do Projeto Português Popular: Favela São Remo)*

*oi na na épuca to falanu pu senhor...queu era moçu... que era ra:tava si formanu im ra...im ah:: comu diz? im adutu (M, 65 anos, proveniente da zona rural de Taubaté – corpus do Projeto Filolologia Bandeirante)*

Na variedade paulista, a neutralização do se pode ocorrer na 1a. pessoa do singular de verbos simples ou compostos. O apagamento do se é mais acentuado nos contextos de se ergativo e enfático.

Castilho (1997:37) trata dos processos de gramaticalização pelos quais podem passar os pronomes. O autor chama a atenção para o fato de o reflexivo se possuir uma tendência a generalizar-se para todas as pessoas, principalmente na modalidade não padrão da língua como em *eu se lembro, você se lembra, ele se lembra*.

Quanto à duplicação do reflexivo e o seu apagamento, Oliveira (2005:12) acredita que há um processo de gramaticalização em curso, em que não se verifica perda de substância fônica. Para esta autora, é preciso investigar se, ao passar a afixo, esse elemento perde ou ganha um novo conteúdo semântico.

Para Monteiro (1994:95), o apagamento do clítico pode não acarretar alterações no significado. Com base na análise feita com dados do NURC, ele conclui:

*“Em primeiro lugar, notamos que a variação ocorre até na fala de um mesmo indivíduo (...). Além disso, percebemos uma certa identidade de traços semânticos entre os verbos: eles se relacionam a fenômenos psíquicos e mentais (queixar- (se), arrepender-(se), lembrar-(se)) ou expressam alguma mudança de estado (modificar-(se), sentar-(se), casar-(se))”.*

O fenômeno apagamento do clítico se também ocorre no português falado em Moçambique que, segundo pesquisa de Faria *et al.* (1997), possui uma tendência para a supressão dos clíticos que não preenchem função em relação ao verbo, como no caso de *arrepender-se* ou *estragar-se*.

Esses autores consideram que o apagamento de clíticos decorre do fato de eles não estarem claramente associados a um papel sintático ou semântico, o que pode ser verificado no que se chama de clíticos inerentes – usados com verbos como *queixar-se*, ou clíticos anticausativos, usados com verbos como *atrasar-se*. Em nenhum dos casos a presença dos clíticos é destinada a apontar a existência de uma posição subcategorizada pelos verbos com que ocorrem.

Apesar de esses estudos sobre os fenômenos ligados ao apagamento e redobro do clítico se não serem o foco desta tese, julgou-se importante resenhá-los nesta parte da fundamentação teórica, para além de discutir outros estudos realizados na área, refletir sobre os fenômenos ligados ao uso deste clítico na língua portuguesa. Como o corpus desta pesquisa é composto por artigos científicos, é de se esperar que haja muitas construções com *se* e, conforme Gondim (2011), quanto mais formal for o registro, mais construções com *se* haverá. É importante delimitar que o foco desta tese é o uso do clítico *se* como forma de desfocamento de participante, por isso esta pesquisa não analisa contextos em que fenômenos como o apagamento ou o redobro deste clítico ocorram, o que poderá ser feito em pesquisas futuras.

### 3. Metodologia de pesquisa

Neste item, são apresentadas as características do corpus, composto por artigos científicos de diversas áreas, os procedimentos ligados à utilização da ferramenta computacional WordSmith Tools (Scott, 2008), o tratamento das ocorrências e a metodologia de análise com base na Linguística Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (1985, 1994, 2004).

#### 3.1 Corpus

Visando atender melhor as necessidades de um grupo de estudantes de pós-graduação de uma faculdade de Odontologia, cuja principal necessidade era a produção escrita de artigos científicos em Língua Portuguesa (LP), este trabalho, inicialmente, analisou como são estruturados, em termos de escolhas léxico-gramaticais, os artigos desta área em periódicos nacionais.

Durante as análises iniciais, observou-se que o clítico *se* era uma das palavras mais utilizadas nos artigos e seu uso estava relacionado a mecanismos de desfocamento de participante (Ator, Dizente, Existente, etc.). As dificuldades de compreensão quanto a seu uso, devido à falta de uma descrição detalhada que leva em conta os contextos das ocorrências, motivou a escolha deste tema para esta tese, buscando assim encontrar respostas para um dos problemas linguísticos da LP.

Para poder descrever e analisar os usos do clítico *se*, utilizou-se um grande número de artigos científicos - o corpus integral do projeto SAL (Systemics Across Languages), formado por 1225 artigos científicos, escritos em LP, selecionados aleatoriamente da plataforma digital *scielo.br* (*Scientific Eletronic Library Online*). Os artigos selecionados foram publicados em periódicos dos últimos dez anos e avaliados pela Qualis<sup>19</sup> com as notas “A” e “B”, maiores notas da classificação.

---

<sup>19</sup> A nota *Qualis* é uma classificação feita pela CAPES dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da produção intelectual de seus docentes e alunos, cujo objetivo é atender às necessidades específicas da avaliação da pós-graduação realizada por esta agência.

Cada artigo foi salvo em arquivo individual, em formato *txt*, para utilização do programa *WordSmith Tools* v. 5 (Scott, 2008). Foram excluídos: figuras, gráficos, quadros, palavras-chaves, *abstracts* e referências bibliográficas, por não serem objetos de pesquisa. Para efeito de organização, os textos foram divididos em pastas diferentes de acordo com a classificação de áreas usada pelo SciELO, conforme tabela abaixo:

Área	No. de artigos
Outras áreas das ciências da saúde	704
Linguística	119
Engenharia sanitária e ambiental	96
Meio ambiente	68
Engenharia	52
Ciências agrárias	49
Ciências biológicas	47
Odontologia	46
Economia	44
<b>Total</b>	<b>1225</b>

Tabela 2: Número de artigos por área do conhecimento.

Como se pode observar na tabela acima, não houve a preocupação de ter os mesmos números de artigos em cada área do conhecimento. O quadro abaixo apresenta informações sobre o corpus:

Textos	1225
Tamanho do corpus em bits	33.164.592
Total de palavras	5.176.335
Total de palavras diferentes	118.411
Relação palavras/palavras diferentes (TTR)	2,29
Orações	254.640

Quadro 7: Informações estatísticas do corpus.

O quadro acima foi retirado dos dados estatísticos da ferramenta *wordlist* do programa *WordSmith Tools* v. 5 (Scott, 2008), apresentado em maiores detalhes a seguir.

### 3.2 A utilização do programa *WordSmith Tools* v. 5

O instrumento computacional utilizado em Linguística de Corpus (LC), *WordSmith Tools* v. 5 (Scott, 2008) possui ferramentas úteis para a análise de vários aspectos da linguagem. Berber-Sardinha (2004:86) lista alguns de seus usos, entre eles: na composição lexical, na temática dos textos e na organização retórica e composicional dos mesmos além de contextos locais (concordâncias/*Concord*) e dados estatísticos (listas de palavras/*Wordlist*) que facilitam a visualização de padrões de uso. Os mais usados foram o concordanciador e a lista de palavras.

A lista de palavras (*wordlist*) apresenta as palavras do corpus em listas ordenadas alfabeticamente e por frequência, fornecendo dados estatísticos dos textos, como número de palavras (*tokens*), de palavras diferentes (*types*), de orações (*sentence*), etc.), contribuindo tanto para a organização desses dados, como para análise das palavras utilizadas, por ordem de frequência.

O concordanciador (*concord*) mostra os contextos de ocorrência das palavras de busca. Nas concordâncias, a palavra de busca, no caso, o clítico *se* ou os processos que se ligam a ele aparecem destacados e centralizados, permitindo estudar seus contextos de ocorrência simultaneamente em todo o corpus. Dentro do concordanciador, há um instrumento chamado colocados (*collocates*) que lista as palavras que ocorrem ao redor da palavra de busca em posições específicas, as 5 anteriores e posteriores. A posição da primeira palavra à direita da palavra de busca é representada no programa por R1 (Right 1 que significa, em português, primeira palavra à direita), a segunda por R2, a terceira por R3, etc., até R5 (quinta palavra à direita). O mesmo se aplica à esquerda: L1 (Left 1 - primeira à esquerda), L2 para a segunda, etc., até L5 (quinta palavra à esquerda).

Ainda no concordanciador, na coluna *Set*, é possível digitar letras ou números ao lado das ocorrências, o que facilita o agrupamento dos diferentes usos do *se* no corpus. A utilização desse e de outros recursos do programa

para a análise do corpus de estudo estão detalhados no item seguinte em que é feito o percurso da análise.

### 3.3 Percurso e metodologia de análise

Primeiramente, foi feita, com o corpus total, uma única lista de concordância com a palavra de busca *se*, resultando aproximadamente 57.000 ocorrências. Essas ocorrências foram ordenadas pela primeira palavra à esquerda (L1) e pela primeira à direita (R1). Utilizando a função *colocados*, o *se* foi analisado com base nas posições R1 e L1 mais frequentes, concentrando-se a análise nos verbos que mais se ligam ao *se*.

Devido ao tamanho do corpus, apresentado no quadro 9, decidiu-se limitar o estudo aos verbos que tivessem ocorrido ao menos 100 vezes no corpus. Os demais foram utilizados para testar os resultados encontrados.

A partir dessa lista de concordância única, foram feitas concordâncias com os verbos mais frequentes que se ligam ao *se*, não importando o tipo de processo (material, mental, verbal, etc.).

Por serem claras, foram excluídas da análise as ocorrências em que o clítico tem função de conjunção subordinativa, ou seja, liga duas orações, subordinando uma à outra. Nesses casos, o *se* inicia a oração que traz uma condição ou hipótese, como outras conjunções com essa função: *caso*, *contanto que*, *desde que*, *a não ser que*, *a menos que*. Abaixo, alguns exemplos retirados do corpus:

1. **Se** a pessoa que tem a posição superior na hierarquia for o Ator, o verbo *exibirá* a chamada *marcação direta (DIR)*. (Idg008).
2. **Se** admitirmos, ao lado de outros autores, que as prescrições são necessárias para orientar qualquer trabalhador em sua atividade profissional, em que medida e de que forma o professor consegue... (Idg052).

Casos como esses, em que a substituição do clítico por uma das outras conjunções de mesma função não altera o significado, estão claramente explicitados em gramáticas da língua portuguesa e em livros didáticos. Além de seus usos não serem ligados à impessoalidade, desfocamento de um participante (Ator, Dizente, Existente, etc.), bem como à renúncia do autor no

texto, isto é, quando o autor descreve algo sem se representar no texto, conforme discutido mais a frente, no exemplo 4. Outro uso amplamente descrito em gramáticas são as construções reflexivas em que se funde, na mesma entidade, *iniciador* e *ponto de chegada*. Em termos sistêmicos, nessas construções o Ator se funde com a Meta da oração. A substituição do *se* pelo uso de *si mesmo* é um teste eficiente para identificar essas construções: João se cortou = João cortou *a si mesmo*.

Nota-se que, na substituição, não há alteração de significado. Casos como esses são encontrados no corpus desta pesquisa, conforme o exemplo abaixo:

3. *Ela [produção discursiva] se dá na evocação do mundo através da criação de situações singulares ou a reprodução de situações comuns em que ressaltam os aspectos sobre os quais o autor se considera dirigindo o foco das atenções. (Idg030).*

Esse exemplo é claramente reflexivo, pois há um participante em posição de Agente e o uso do clítico é anafórico e co-referencial a esse participante. Segundo os estudos de Camacho (2003), a reflexividade é mais restrita a verbos não causativos com sintagmas nominais animados e não há possibilidade de uma construção reflexiva fora desses padrões. As construções reflexivas também foram excluídas da análise.

Inicialmente, pensou-se em também excluir as orações em que o *se* altera o tipo de processo. O verbo *dar*, por exemplo, que quando ocorre com o clítico não tem sentido de *ceder* (material: *dar um prêmio*), mas sim de *ser* (relacional) e, também, *ocorrer/acontecer* (existencial):

4. *O monitoramento dos sensores dá-se por meio de comparação. Toda vez que existe alteração elevada da leitura de distância realizada pelo sonar, o programa interpreta como posicionamento indevido... (c.agrarias10).*
- 4'. *O monitoramento dos sensores ocorre por meio de comparação. (Existencial)*
- 4''. *O monitoramento dos sensores é por meio de comparação. (Relacional)*

No entanto, ao usar esse tipo de construção, o autor renuncia à oportunidade de se representar nos acontecimentos, optando por uma descrição. Os processos existenciais possuem essa característica distintiva

estrutural que promove um sinal de renúncia, segundo Thompson (1996:101), podendo ser visto como um recurso que o autor utiliza para apenas observar, ao invés de participar do fluxo informacional do texto. De certa forma, na construção equivalente - relacional, o autor também renuncia a sua participação e apenas descreve o *monitoramento dos sensores*. Se o autor tivesse escolhido a construção passiva, haveria um resquício de sua participação:

4<sup>ª</sup>. O *monitoramento dos sensores* é **feito** por meio de comparação.

Tendo em vista que o fator escolha é significativo, procura-se, nesta tese, descrever e analisar os usos e os significados dessas construções em seus contextos.

Após as exclusões das construções reflexivas e condicionais, o instrumental usado como ponto de partida para entender os usos do clítico *se* foi a busca por construções com significado próximo, testes através de rephraseamentos das ocorrências permitiram agrupá-las em grupos específicos:

Grupos	Construções permitidas	Exemplos
1	Relacional e/ou Existencial;	5. <i>Este modo de pensamento <b>se acha</b> livre do "princípio de realidade"... (25430).</i>
2	Passiva analítica e primeira pessoa do plural;	6. <i><b>Observa-se</b> que houve diferença significativa.... (25960).</i>
3	Primeira pessoa do plural;	7. <i>Entretanto, hoje <b>sabe-se</b> que esse problema é causado pela presença da bactéria <i>Xylella fastidiosa</i>... (25744).</i>
4	Passiva analítica e estativa;	8. <i>Este trabalho <b>se organiza</b> do seguinte modo: a seção 1 apresenta motivações semânticas e pragmáticas.... (Idg001).</i>
5	Construção sem o clítico <i>se</i> .	9. <i>A dificuldade de <b>se trabalhar</b> com este modelo reside no fato de que os modelos de apreçamento baseados no conceito da Medida Martingal Equivalente (MME) não são viáveis.... (econ030).</i>

Quadro 8: Agrupamento inicial de acordo com os testes feitos.

No primeiro grupo, concentram-se certos verbos materiais, mentais ou verbais que quando ligados ao *se* adquirem características de processos diferentes (existenciais e/ou relacionais). Pode-se notar que, no exemplo do

quadro, o verbo *achar* não tem significado material como sinônimo de *encontrar*, mas sim relacional:

5'. *Este modo de pensamento **está** livre do "princípio de realidade" e está em relação direta com o "princípio de prazer".*

No grupo 2, concentram-se os verbos de vários tipos, principalmente, materiais que, quando ocorrem com *se*, em construções sem Agente (Ator, Dizente, Experienciador, etc.), há uma participação pressuposta. Nota-se que o exemplo 6 pode ser rephraseado para a passiva (analítica) e para a primeira pessoa do plural:

6'. **Observamos** que houve diferença significativa quando se contrastaram os grupos de testemunhas e clones nos três locais.

6''. **Foi observado** que houve diferença significativa quando se contrastaram os grupos de testemunhas e clones nos três locais.

Nos eventos representados pelas orações acima, pressupõe-se a existência de um participante (Ator, Dizente, Experienciador, etc.). Admitir o sentido passivo, segundo Said Ali (1966/2008:116), é admitir a possibilidade de um Agente. Por isso pode-se dizer que, em construções deste tipo, o clítico é um mecanismo importante para *apagar* o autor no texto, deixando, porém, um resquício de sua participação.

No terceiro grupo, estão alguns verbos mentais e verbais que se comportam de forma diferente, pois não aceitam serem construções equivalentes dos tipos relacionais e/ou existenciais e, também, não permitem rephrasear para a passiva com o auxiliar *ser* (passiva analítica). A construção com significado mais próximo é a primeira pessoa do plural, porém esse uso parece ser genérico e universal, como apontam estudos descritos em outras línguas, em especial, o espanhol e o italiano (De Miguel, 1992 e Cinque, 1988).

Como se pode observar, a passiva analítica gera uma construção que não é bem aceita pela comunidade discursiva, pois no corpus não há nenhuma ocorrência com *é sabido*. Assim, só é possível rephrasear para a primeira pessoa do plural, porém o significado não é o mesmo, pois se pressupõe a inclusão do autor:

7\*. *Entretanto, hoje **é sabido** que esse problema é causado pela presença da bactéria Xylella....*

7'. Entretanto, hoje **sabemos** que esse problema é causado pela presença da bactéria *Xylella*....

A circunstância de tempo *hoje* permite pensar que os participantes de *saber* (Experienciador) sejam pesquisadores da área a qual esses artigos pertencem e que a informação dada é compartilhada por esses pesquisadores. Dessa maneira, acredita-se que as escolhas léxico-gramaticais e, principalmente, o contexto em que ocorrem são de fundamental importância na compreensão do significado do *se*.

No penúltimo grupo se concentram as construções que representam os eventos como autosuficientes, ou seja, eles parecem acontecer por si mesmos e a responsabilidade do evento é exterior à entidade afetada. Como se pode observar no exemplo 8, a autosuficiência do evento é a principal característica dessas construções. Dessa forma, o autor se exime da culpa, se distancia do texto, evitando assim seu comprometimento. Muitas vezes, a ação não foi praticada pelo autor, mas quem a praticou não é importante para ser mencionado no artigo. A construção 8 pode ser rephraseada para estativa:

8'. Este trabalho **está organizado** do seguinte modo...

A equivalência com a passiva é aceitável nessas construções, porém o significado é diferente. Na passiva, se pressupõe um participante (Ator, Experienciador ou Dizente), já na estativa as orações têm o caráter de acontecer por si só, conforme discute Camacho (2002). Para ele (op.cit.), essas construções passam por um processo de detransitividade, em que o Agente (Ator, Experienciador ou Dizente) está suprimido, não há seu resquício na oração.

É importante observar que um evento causativo, como as construções acima, exclui a construção reflexiva, pois o *se* naquelas construções não pressupõe um esforço *a si mesmo*, mas *por si mesmo*, o que leva a interpretá-las como construções espontâneas.

As construções do último grupo se comportam diferente dos demais, pois não possuem nenhuma construção equivalente, porém se o clítico for retirado não há alteração de significado, como se pode observar no exemplo 9 do quadro acima.

Esses cinco grupos apresentados acima possibilitaram a criação de três categorias descritas detalhadamente na introdução do capítulo seguinte -

*Análise dos dados e discussão dos resultados.* É, também, descrito como se chegou a elas, bem como são apresentadas as razões e os argumentos que fundamentam esse novo agrupamento.

Para facilitar a análise, foi usada a coluna *se*, nas listas de concordância nela inserindo números correspondentes ao grupo as quais as ocorrências pertencem e que foram alterados ou ampliados conforme os dados iam sendo analisados e as categorias divididas ou inseridas. Assim as ferramentas do instrumento computacional auxiliam a análise quantitativa e qualitativa, fornecendo detalhes sobre o *se* em seus contextos de ocorrências, permitindo generalizações que se tornam cada vez mais confiáveis. Como já tem sido verificado em grande número de pesquisas como aquelas ligadas aos projetos SAL e Direct (LAEL/PUC-SP), a Linguística de Corpus fornece um suporte metodológico adequado às pesquisas que utilizam a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), por também trabalhar dentro de uma visão de linguagem enquanto sistema probabilístico (Berber-Sardinha 2004:34).

Organizadas, as ocorrências dos usos do clítico *se* foram analisadas com base nas metafunções, propostas por Halliday (1985, 1994), ideacional e interpessoal, pois os usos do *se* estão intrinsecamente relacionados às questões relativas aos participantes, sua explicitação ou não, sua posição na oração. Além da exclusão e/ou inclusão do autor e leitor, bem como a sua utilização com determinados tipos verbos que manifestam outros significados.

Dessa forma, as metafunções são utilizadas em conjunto como apoio para descrever e analisar os usos do *se* nos artigos científicos buscando um sistema que contemple suas características de uso. As ocorrências, analisadas e agrupadas, procurando generalizações baseadas nos diferentes usos e significados do clítico, constam no capítulo seguinte - *Análise dos dados e discussão dos resultados*. Os agrupamentos por semelhança permitiram apontar os padrões frequentes, que servem de ponto de partida para a análise qualitativa com base na LSF, que tem sua origem na etnografia e utiliza uma metodologia que permite uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

A metodologia quantitativa é usada, portanto, como ponto de partida e para o levantamento dos dados da análise qualitativa, baseada nos pressupostos da LSF, procurando ver o sistema linguístico em termos de sua

função na sociedade, para entender os usos do se em seus contextos e compreender os significados dos usos e das características do gênero que o utiliza.

Os diferentes padrões de uso do se são analisados em artigos científicos, procurando entendê-los no contexto para lançar mais luzes sobre as características desse clítico em Língua Portuguesa, em especial, aos professores e usuários de códigos elaborados.

#### 4. Análise dos dados e discussão dos resultados

Neste capítulo, é apresentada a discussão dos dados obtidos na análise dos dados desta pesquisa à luz dos conceitos explicitados nos capítulos de fundamentação teórica. Como já mencionado, o objetivo desta tese é analisar os diferentes usos do clítico *se* em artigos científicos. É importante lembrar que o uso do *se* que se propõe a estudar está ligado à impessoalidade, desfocamento do participante (Ator, Dizente, Existente, etc.), bem como a sua *renúncia* no texto, mais especificamente, em descrições (construções relacionais e existenciais). Esses aspectos são analisados buscando as implicações no texto. Dessa forma, exclui-se o *se* conjunção e o *se* pronome reflexivo, conforme já descrito na metodologia de pesquisa.

Com base na organização das ocorrências em cinco grupos, descritos nos procedimentos metodológicos do capítulo anterior, verificou-se que três deles partilham semelhanças no que diz respeito ao desfocamento de participante, são eles:

Grupo	Refraseamentos aceitos/testados
2	Passiva analítica e primeira pessoa do plural;
3	Primeira pessoa do plural;
5	Construção sem o clítico <i>se</i> .

Quadro 9: Grupos semelhantes.

Na verdade, esses grupos tratam do mesmo fenômeno e, por isso, foram agrupados, tendo assim três categorias:

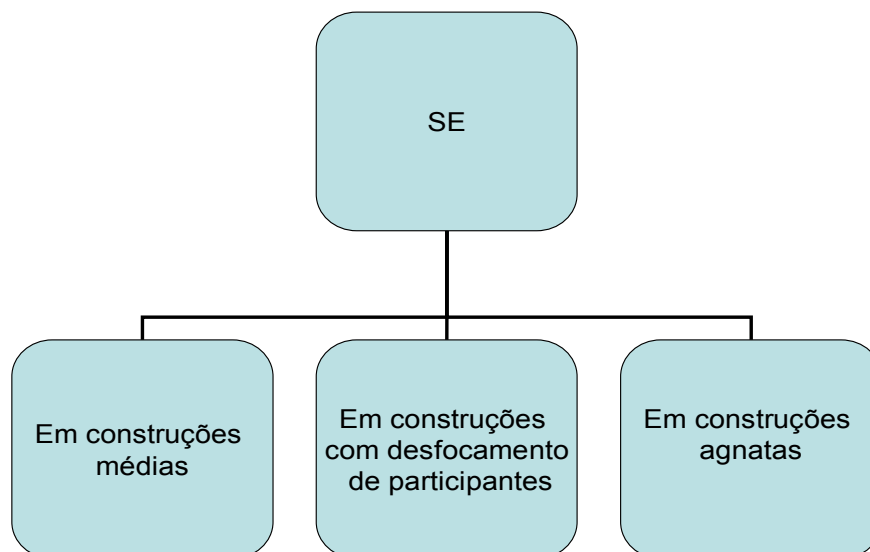


Figura 3: Categorias do uso do se em artigos científicos.

Nos grupos 2, 3 e 5 o que se tem é o apagamento, o encobrimento da identidade desses participantes que pode ser explicada pela relação de modéstia que os autores se colocam no texto, exigência do gênero e da linguagem. Possivelmente, esse desfocamento se dá quando não há importância de se mencionar pesquisadores da área, por exemplo, o que não prejudica a compreensão do texto que tem como foco os processos, as ações de *fazer* pesquisa e não em *quem* a faz, conforme apontam pesquisadores desse gênero (Halliday, 2004; Halliday & Martin 1993; Swales & Feak 1999).

Porém esse desfocamento não é igual nos três grupos. Ao analisar os contextos das ocorrências, foi observado o desfocamento do autor nos grupos 2 e 3, de pesquisadores da área em 3 e 5 ou, ainda, de pessoas de um modo geral em 5. Há uma diferença interpessoal no envolvimento do autor no texto, o que permite a criação de subcategorias, discutidas em maiores detalhes no subitem referente à categoria 2 – se em construções com desfocamento de participantes, neste capítulo de análise dos dados.

As categorias do uso do se em artigos científicos, ilustradas na Figura 3, possuem em comum a não identificação do Agente (Ator, Experienciador, Dizente, etc.), porém essa não identificação não ocorre da mesma maneira.

Por este motivo, optou-se por organizar esta análise em três categorias distintas: se em construções médias - ações que acontecem por si só, em que um processo é causado por ele mesmo; se em construções com desfocamento de participante – imprecisão da identidade do Agente, e se em construções agnatas – descrição de eventos sem participação de um Agente.

No item a seguir, as construções em que o se é responsável por construções médias são discutidas com foco nos significados produzidos nos artigos científicos.

#### 4.1 Categoria 1: SE em construções médias

Nesta primeira categoria são analisadas as construções com verbos que, quando ocorrem com o clítico *se*, aparentam uma ausência de Agente, dando a impressão de que a ação aconteceu sozinha, sem a influência de um participante (Ator, Dizente, Experienciador, etc.), como na construção a seguir:

A. ... a sociologia estética **se divide** em três capítulos.... (25289).

Segundo os pressupostos de Halliday (1985:147), as construções que representam um processo autocausado (*self-caused process*), sem o Agente, são chamadas de médias, nas quais o núcleo da estrutura experiencial é Processo + Meio (*a sociologia*), ou seja, nelas o Meio é o único participante.

Essas construções se assemelham às existenciais por terem apenas um único participante, Meio e Existente, porém não foram encontrados estudos na área que discutissem essa semelhança. Halliday (2004:291), ao apresentar o participante Meio, discute sua equivalência aos participantes de outros tipos de processo, como por exemplo: Ator (processos materiais) e Existente (processos existenciais). Não se pode afirmar categoricamente, mas ao comparar uma construção com a outra, elas parecem compartilhar algumas características: seus participantes não possuem status de agente e eles são utilizados para representar o acontecimento de algo sem a participação de uma força externa, descrevendo apenas que algo ocorre ou existe.

Na construção A acima, *a sociologia*, ser inanimado, está em posição de participante (Meio), mas a oração não é interpretada como *a sociologia* sendo Agente; observe-se ainda que essa oração tem interpretação como em:

A'. A sociologia estética **está dividida** em três capítulos....

A oração acima é interpretada como estativa, equivalente a *estar* + verbo no particípio passado. Vale lembrar que as orações estativas correspondem a uma descrição a qual não implica explicitamente um participante (Ator), diferente, por exemplo, de construções analisadas na segunda categoria desta tese em que se pressupõe um participante (Ator), mesmo que implícito:

**B. *Observou-se predominância de Fusarium semitectum e de Alternaria spp., no início do armazenamento das sementes.... (25964).***

As construções médias podem parecer, em um primeiro momento, com as reflexivas, porém, nestas o participante tem status de Agente (Ator, Experienciador, Dizente, etc.) e, se funde com a Meta, no caso de processos materiais, ou com o Fenômeno, como no caso da oração mental abaixo:

**C. ... o autor *se considera* dirigindo o foco das atenções.... (Idg030).**

Na ocorrência acima, o Experienciador e o Fenômeno do verbo *considerar* é repetido no *se*, que tem significado paralelo a:

**C'. O autor considera ele mesmo dirigindo o foco das atenções....**

Tanto nas construções médias, como nas reflexivas, o fenômeno de apagamento do clítico *se* é comum na linguagem oral em algumas regiões do Brasil<sup>20</sup>, como mostrou a segunda parte da fundamentação teórica desta tese. No entanto, em linguagem mais elaborada, não se espera que sejam escolhidas construções em que o *se* é apagado.

Como discutido acima, as construções estativas parecem ter uma possível equivalência com as médias. Conforme visto na resenha teórica desta Tese, há pesquisadores que classificam as construções médias como as que marcam eventos espontâneos, ou seja, elas são neutras, sem Agente. Para Kindaichi (1931), apud Shibatani (1985:823), essas construções marcam um evento espontâneo que ocorre de forma automática sem a interferência de um Agente.

Ruwet (1972) estudou a língua francesa, classificando essas construções como neutras, argumentando que não há de fato nenhum Agente, ou então sua presença não é percebida e o acontecimento é apresentado

---

<sup>20</sup> Há casos em que o *se* das construções médias passaram por um processo de supressão em algumas regiões do Brasil, conforme apontam estudos de Oliveira (2006), Assis (1988), Gondim (2011), entre outros descritos na Fundamentação Teórica desta Tese.

como se houvesse ocorrido espontaneamente; são orações que, para Zribi-Hertz (1987), descrevem uma mudança de estado sofrida involuntariamente.

Nas construções médias, segundo os pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, há uma clara impessoalização no processo. O item lexical em posição de participante (inanimado) é representado como se fosse o responsável pela ação.

Para Halliday (2004:285), essas construções são mais frequentes em alguns registros ou tipos de texto, como na análise de registros científicos ou em reportagem de acidentes e desastres. Lima (2002, 2005), ao estudar construções médias em português, também relaciona o uso da voz média a fatos desagradáveis ou que expressam afetação negativa. A sistemicista Caffarel (2006), analisando artigos de jornal em francês, constata que as orações passivas possuem participantes omitidos e as orações médias apresentam participantes inanimados, fato que ocorre também em artigos científicos, gênero em que essas construções contribuem para o afastamento total do autor por meio de uma construção em que não há resquícios de sua participação.

No mundo real, há sempre uma causa externa, isto é, alguém ou pessoas responsáveis por determinada ação. Assim, se pode pressupor que a construção transitiva equivalente a A seria:

*D. O autor **dividiu** a sociologia estética em três capítulos....*

*E. A sociologia estética **foi dividida** em três capítulos....*

Em D, há um Ator (*autor*) expresso que age sobre uma Meta (*a sociologia*). A interpretação transitiva é linear e a função que pode ser definida pela extensão da Meta (processos materiais), Alvo (processos verbais) ou Fenômeno (processos mentais). Na oração E, há uma oração passiva sem Agente explícito, cuja participação está pressuposta.

A análise das ocorrências, em artigos científicos, em que o clítico se ocorre permitiu organizar, na tabela abaixo, verbos mais utilizados em construções médias:

Verbo	Tipo	Frequência
1. Destacar	Material	755
2. Constituir	Material	460
3. Basear	Material	371
4. Desenvolver	Material	361
5. Caracterizar	Material	345
6. Estabelecer	Material	311
7. Transformar	Material	255
8. Relacionar	Material/Mental	232
9. Construir	Material	226
10. Comportar	Comportamental	224
11. Revelar	Verbal	218
12. Formar	Material	186
13. Propor	Verbal	143
14. Opor	Material	143
15. Apoiar	Material	137
16. Diferenciar	Material	134
17. Fundamentar	Material	104
18. Adequar	Material	91
19. Dividir	Material	89
20. Explicar	Verbal	84
21. Justificar	Material/Verbal	80
22. Atribuir	Material	79
23. Determinar	Material/Verbal	77
24. Associar	Material	77
<b>Total</b>	-	<b>5182</b>

Tabela 3: Verbos utilizados nas construções médias.

A tabela acima mostra a frequência dos verbos utilizados nas construções médias, muitos deles ocorrem, ainda, em construções com desfocamento de participante, por isso a frequência deles no total é maior, porém, restringiu-se esta análise às construções médias. Nota-se que a maioria dos verbos do corpus de estudo que ocorrem com esse tipo de *se* funciona como processo material, seguido de verbal e, por último, comportamental. As ações descritas por esses processos, muitas vezes, não estão relacionadas às etapas do artigo ou às ações do *fazer* pesquisa, como é discutido na próxima categoria – *se em construções com desfocamento de participantes*. Seus usos estão ligados à descrição, representando ações que, por não terem explicitado o participante Agente, parecem ter ocorrido sem ele, como as mencionadas abaixo:

1. *A presente pesquisa **se desenvolve** nessa linha, com intenção de contribuir para o entendimento do crescimento facial....(odrdp14.1).*
2. *A modernização **explica-se** porque, ao se tornarem democracias, esses dois países passaram a sofrer pressão de grupos sociais para compensar suas dívidas históricas com grupos excluídos (cf. Telles, 2004). (25280).*

Nessas ocorrências, tem-se a impressão que as ações ocorrem sem Agente, ou podem ser ações em que o possível Agente é escondido pelo elemento *se*, ou ainda, o elemento *se* em posição de sujeito pode representar um possível Ator ou Dizente. Essas interpretações são discutidas nesta categoria de análise.

Como se vê, há vários tipos de ocorrências que possuem essa característica de espontaneidade e que ocorrem em diferentes contextos e com diferentes tipos de processo, permitindo organizar esta análise pelos tipos de processo que ocorrem com essas construções, levando em conta também seus contextos de uso. Primeiramente, são tratados os verbos materiais, em seguida os verbais e, por fim, o comportamental que possui apenas ocorrências de um verbo – o *comportar*.

#### 4.1.1 Construções médias com processos materiais

Como já discutido, a escolha das construções médias permite um distanciamento maior do autor. Ao utilizar um participante inanimado como responsável pelo acontecimento, o autor deixa de mencionar o verdadeiro responsável, conforme exemplos abaixo:

1. *O estado de Santa Catarina **destaca-se** pela predominância de indicadores positivos, sendo uma das unidades da Federação com menor número de municípios com indicadores de extrema exclusão social (Índice menor do que 0,4). (25919).*
2. *A comunidade de Lustal **destaca-se** principalmente nas variáveis Interações sociais (x1); Participantes por associação (x5); Número de Associações (x6); Escolas, postos de saúde (x7) e Comunidade e instituições (x8). (econ17).*

3. *Deve-se assinalar que nenhum país **se desenvolveu** ou se mantém desenvolvido — tal como os Estados Unidos, a França ou a Alemanha — ou entra em rota de desenvolvimento — tais como alguns países asiáticos — sem um projeto claro que expressasse o sentimento de nação. (econ40).*

Pode-se rephrasear as ocorrências 2 e 3:

2'. *Algo causa a comunidade de Lustal **ficar destacada**....*

2''. *As variáveis causam a comunidade de Lustal **ficar destacada**....*

3'. *Deve-se assinalar que nenhum país **ficou** ou se mantém desenvolvido....*

3''. *Deve-se assinalar que nenhum país **tornou-se** ou se mantém desenvolvido....*

Nota-se que os participantes das ocorrências não são humanos e, mesmo com essas construções feitas, não seria possível saber o que seriam os Atores.

Por outro lado, em outras construções, pode-se pressupor que, nas orações transitivas, os atores seriam os autores/pesquisadores, mas optaram por focalizar o trabalho e não suas participações:

4. *O objetivo deste artigo é revelar como **se desenvolveu** essa pesquisa e levantar questões relativas ao comportamento desses jovens, bem como esclarecer uma possível relação com as chamadas "gangues de jovens" e o envolvimento de jovens pertencentes às classes média e alta na prática de homicídios. (25362).*
5. *O presente estudo **se baseou** na comprovação da eficácia da ONC para a realização da metodologia, além do fato de termos utilizado o espelho como referência externa, já que em pesquisas nas quais foram feitas comparações de métodos com e sem espelho para a orientação da cabeça, notou-se que, quando foi utilizado, houve menor variação na posição da cabeça. (odrpd8).*
6. *A presente pesquisa **se desenvolve** nessa linha, com intenção de contribuir para o entendimento do crescimento facial no Padrão II aquilatado pela cefalometria. (odrpd14.1).*

A escolha dos Meios (*pesquisa, presente estudo e presente pesquisa*) contribui para a apresentação do tipo de pesquisa realizado e eles permitem a

elaboração de pares transitivos, conforme proposta de Halliday (2004:289), em que os Atores são os pesquisadores dos artigos:

4'. *O objetivo deste artigo é revelar como **desenvolvi/desenvolvemos** essa pesquisa e levantar questões relativas ao comportamento....*

5'. ***Baseei/Baseamos** o presente estudo na comprovação da eficácia da ONC para a realização da metodologia....*

6'. ***Desenvolvo/Desenvolvemos** a presente pesquisa nessa linha....*

As construções médias são utilizadas, muitas vezes, na descrição dos resultados da pesquisa:

7. *No experimento A, thiodicarb **se destacou** em relação à testemunha e fipronil. Os tratamentos com carbofuran, thiamethoxam e imidacloprid + carbofuran também foram significativamente superiores ao fipronil, sem diferir da testemunha. (25729).*

8. *Devido ao teor de K no solo (1,5 mmolc dm-3) estar em nível baixo (SILVA e RAIJ, 1996), considerando a época tardia de instalação do experimento e ainda o clima desfavorável durante o ciclo, o algodoeiro não **se desenvolveu** adequadamente. (25522).*

9. *A correlação entre as estimativas dede h2 foi baixa, indicando que a estimativa da contribuição dos locos em heterozigose não **se caracterizou** como bom indicador da variabilidade potencial da população. (25929).*

10. *Dessa forma, a sinonímia textual **se adequa** à definição de sinonímia proposta por Câmara Jr. mencionada acima: "a propriedade de certos termos de poderem ser substituídos um pelo outro sem prejuízo do que se pretende comunicar". (Igd063).*

Ao optar por essas construções, os autores colocam em posição temática informações já dadas, avaliando-as com base nos experimentos realizados, criando construções intransitivas. Um tipo de uso do clítico se ocorre com a utilização de orações relacionais (categoria 3 – se em construções agnatas), porém com significado diferente, uma vez que, na oração relacional, uma qualidade ou uma característica semelhante é atribuída a uma entidade, o participante não tem status de Agente, não agindo sobre um outro participante. Assim, nessas construções, o participante (Meio) está em

posição de sujeito e parece estar envolvido na ação, mesmo sendo um participante inanimado.

Outro tipo de construção média também ocorre no corpus para representar os resultados da pesquisa:

11. *Além disso, as perdas não **se relacionaram** ao uso ou não da assistência de ar. Esse fato é contrário ao constatado por MAY (1991), no qual notou que o uso da assistência de ar aumentou a deposição entre as linhas da cultura de beterraba açucareira.... (25736).*
12. *O índice de colheita também **se relacionou** de forma positiva com a eficiência de uso (Pg/Ns) nas variedades Caiano ( $r = 0,83^*$ ), BR 105 ( $r = 0,81^*$ ), Nitrodente ( $r = 0,87^*$ ), Carioca ( $r = 0,95^{**}$ ), Antigo Maya ( $r = 0,99^{**}$ ) e Catetão ( $r = 0,91^{**}$ ). (25890).*
13. *A gema lateral que originará a espiga superior **transforma-se** num primórdio floral alguns dias após a diferenciação do pendão, quando o milho possui de seis a sete folhas expandidas. (25842).*

O verbo *relacionar* está entre os materiais e mentais, pois pressupõe uma reflexão do pesquisador em *comparar* dados. Nesses exemplos, como em 11, após analisar as perdas do experimento, o autor dá suporte à sua argumentação contrastando os resultados da sua pesquisa com os de um pesquisador antecessor. Assim como em 12, em 13, há representações dos resultados como se eles tivessem se relacionado sozinhos, não havendo representação, portanto, da identidade desses pesquisadores que, com base nos dados, analisam os objetos de estudos.

Essas construções são muito utilizadas na descrição de aspectos metodológicos do estudo:

14. *A amostra **constituiu-se** de 52,4% de respondentes do sexo masculino e 47,6% do sexo feminino, com idades entre 18 e 48 anos (média = 24 anos, d.p. = 5,4). (25913).*
15. *Esse grupo **se divide** entre trabalhadores que valorizam os princípios de distribuição de renda e gestão democrática e os que consideram a ES um meio de aumentar as vagas de trabalho. (econ46).*
16. *Essa descrição **se baseia** na pesquisa de campo desenvolvida por mim desde 2002 junto às emissoras Globo, Bandeirantes, SBT e RedeTV!,*

*nas quais pude acompanhar a gravação de diversos programas, além de estabelecer um diálogo com seus profissionais. (25266).*

Tanto em 14, como em 15, tem-se a descrição dos grupos pesquisados. No primeiro, os pacientes voluntários que se submeteram ao tratamento e, no segundo, os trabalhadores entrevistados na pesquisa. Em 16, apesar de haver *essa descrição* como Meio, há também uma passiva a seguir com o Ator expresso (*por mim*).

Outros aspectos metodológicos, como equipamentos e técnicas/procedimentos utilizadas também são descritos:

*17. Esses parafusos se assemelham a mini-implantes e são colocados diretamente no osso através da gengiva - elásticos ou fios de aço se apoiam nos parafusos. (odrdp15.11).*

*18. A utilização do IRGA na terceira campanha se deve à aquisição após o início do experimento. A justificativa da utilização se atribui ao fato de o aparelho possuir mais recursos operacionais e menores restrições às condições de operação que o utilizado nas duas primeiras campanhas. (c.agra13).*

Em 17, há a descrição de como são os materiais utilizados na pesquisa. No seguinte, a justificativa da utilização da técnica *IRGA* é dada e, assim como na ocorrência anterior, essas construções contribuem para a argumentação no artigo, pois ao representar os eventos como espontâneos, o autor se exime da responsabilidade, dando um caráter incontestável.

Outro uso destas construções pode ser encontrado na apresentação de conceitos e teorias:

*19. A teoria da mediação do texto se constrói a partir de uma teoria do signo e da língua: é-lhes correlata, porém sem se confundir com elas, justamente por sua natureza referencial. (25456).*

*20. A filosofia somente pode ser bem ensinada se ela se determina, e ao se determinar ela se torna evidente, comunicável. (25480).*

*21. O conceito de gênero se estabelece entre nós como uma ferramenta de teorização e de explanação (cf.: Bunzen 2006:153) sobre como a linguagem funciona associada a objetivos e atividades para criar e recontextualizar interações sociais. (ldg009).*

22. *Vimos com Bardin que a AC **se constitui** no início do século XX nos Estados Unidos, sob a influência do behaviorismo. Devemos, pois, nos voltar para o panorama da América do Norte na primeira metade do século XX, ou, mais especificamente, no período entre guerras.... (Idg027).*

Na escolha dessas construções, pode-se pressupor que o leitor, por fazer parte da mesma comunidade discursiva, compartilha dos mesmos conhecimentos e, por isso não é necessário uma construção transitiva com Atores explícitos ou, ainda, estes já foram mencionados anteriormente no artigo e, por isso, não é necessário mencioná-los novamente.

Nos artigos científicos, as construções médias são utilizadas na discussão de conceitos na seção fundamentação teórica:

23. *Este [individualismo Interativo] **se diferencia** do individualismo metodológico convencional – que deduz a ordem de escolhas racionais de indivíduos – sob dois aspectos principais. (econ30).*

24. *Essa interpretação **se fundamenta** nas construções em que, além de Tema, haja um clítico anafórico com atribuição de Caso, como se observa em (20). (Idg089).*

25. *Tal consideração **se fundamenta** na concepção de que a cultura é principalmente arte. (Idg030).*

Nesses casos, a utilização dessas construções contribui para a descrição dos conceitos teóricos discutidos no artigo de pesquisa.

#### **4.1.2 Construções médias com processos verbais**

Os processos verbais, apesar de ocorrerem em menor número, possuem usos semelhantes aos materiais acima analisados. Os Meios são equivalentes aos Dizentes, no caso dos verbais, conforme descreve Halliday (2004:292). As orações médias com processos verbais parecem ter um caráter revelador, pois, muitas vezes, são utilizadas para representar algo descoberto na pesquisa, indagar questões teóricas que podem ser do pesquisador ou de sua comunidade acadêmica, apresentar o tipo de pesquisa realizado, explicar conceitos teóricos e descrever resultados obtidos.

Há construções médias com processos verbais que introduzem o objetivo e o tipo de pesquisa realizado:

26. *Este artigo se propõe a analisar, a partir de um levantamento histórico, como a orientação estratégica foi consolidada, considerando-se as competências organizacionais e gerenciais sob a perspectiva construtivista inspirada na abordagem da aprendizagem organizacional.* (25914).

27. *A partir da consideração de que o discurso se constrói a partir de gêneros discursivos que variam e se constituem nas diversas esferas de atividade humana, este trabalho se propôs a estudar o funcionamento da LIBRAS no gênero contos de fadas.* (Idg043).

28. *Este artigo propõe-se a analisar o papel da Académie Julian, uma academia privada que recebeu grande parte dos artistas brasileiros que aportaram em Paris entre o final do século XIX e o início do século XX.* (25349).

Essas construções são utilizadas na introdução do artigo para apresentá-lo, evidenciando o tipo de pesquisa realizado e seu o objeto de estudo. O uso de circunstâncias de lugar *este artigo* e *este trabalho* permitem entender que as construções transitivas teriam o autor do artigo como Dizente do processo *propor*.

Em outra parte do artigo, há ocorrências, como as abaixo, utilizadas na discussão de conceitos na seção fundamentação teórica:

29. *Em verdade, há uma série de fatores que respondem pelo forte movimento de reavaliação dos princípios da terminologia clássica. Alguns **equacionam-se** à luz da trajetória dos estudos da linguagem, outros **explicam-se** sob o prisma de paradigmas científicos, culturais e tecnológicos da contemporaneidade.* (Idg064).

30. *A indiretividade, por sua vez, **se explica** por duas razões: a primeira razão se vincula às estratégias de natureza sócio-cultural para preservar a face (Brown e Levinson, 1986; Tannen, 1981, 1986; Blum-Kulka e Weizman, 1988; Wajnryb, 1998)....* (Idg032).

31. *A modernização **explica-se** porque, ao se tornarem democracias, esses dois países passaram a sofrer pressão de grupos sociais para*

*compensar suas dívidas históricas com grupos excluídos (cf. Telles, 2004). (25280).*

Em 29, há duas construções médias, uma com o processo material *equacionar* e outra com o verbal *explicar*, com os Meios – *alguns* e outros, utilizados para se referir aos fatores. Nas ocorrências acima, os conceitos que atuam como Agentes (Dizentes) são explicados e discutidos, há referências a pesquisadores, em 30 e 31, o que pode indicar que esses conceitos foram tratados anteriormente por eles, servindo de apoio na discussão teórica.

A ocorrência abaixo está relacionada à dúvida que pode ser do pesquisador e da comunidade acadêmica:

*32. A sociologia **se pergunta** como é possível a ordem social. (25344).*

Esta é a única ocorrência com essa característica, como se ela representasse uma indagação dessa comunidade. Após esse período, há uma ampla discussão sobre a ordem social.

Há construções com processos verbais que são utilizadas para discutir os resultados obtidos na pesquisa:

*33. Esse resultado **se explica** parcialmente pela sub- representação dos jovens na amostra da pesquisa realizada junto às agências PESO. (25382).*

*34. **Comparando-se** os dados da Tabela 2 com os dados da Tabela 3, verifica-se que no método do balanço hídrico as lâminas para Ks logarítmico resultaram menores que para Ks = 1; no IrrigaLS, as lâminas são iguais, tanto para Ks = 1 como para Ks logarítmico; tais resultados **se justificam** pela diferença das metodologias de cálculo entre os dois métodos e indicam a validade das adaptações sugeridas nesse estudo, comprovando que o IrrigaLS é viável na determinação da demanda de irrigação. (c.agra6).*

Ao utilizar construções como as acima, o autor se coloca totalmente fora da pesquisa, evidenciando apenas os resultados, como se pode observar nas escolhas dos Meios das orações, *esse resultado* e *tais resultados*. A função ergativa do meio, na oração verbal, é equivalente ao Dizente, de acordo com Halliday (2004:291). Em 34, chama-se a atenção para o uso de construções com o clítico: *comparando-se* e *verifica-se* que correspondem ao uso do clítico *se* como *desfocador de participantes*, são casos de desfocamento de médio e

baixo grau, respectivamente, fenômenos explicados na próxima categoria desta análise.

#### 4.1.3 Construções médias com processos comportamentais

O uso do processo comportamental *comportar* é curioso no corpus de artigos científicos. Nota-se que, nas outras categorias, não houve nenhuma ocorrência que envolvesse esse tipo de processo. Halliday (2004:248) caracteriza-o como um processo tipicamente humano e o considera o menos distinto dos tipos de processo, pois não tem as características claramente definidas. O participante Comportante é um ser consciente como o Experienciador, no caso dos processos mentais. Há processos comportamentais próximos aos mentais – processos ligados à consciência, outros próximos ao verbal, como processos verbais como forma de comportamento e próximos ao material, ligados às posturas corporais e passatempos/entretenimento.

Embora não se trate de ações ligadas às posturas corporais e entretenimento como *dançar, cantar, sentar*, etc., as ocorrências encontradas no corpus de estudo podem ser classificadas como comportamentais próximas aos materiais, pois o significado de *comportar* está mais ligado ao sentido material com sentido de *atuar, agir, funcionar, exercer atividade* do que mental como *pensar, assistir e preocupar*, por exemplo. Dessa forma, essas ocorrências não representam processos da consciência e nem atos verbais, mas sim descrevem observações como se o objeto de estudo (ser inanimado), representado como o responsável pela ação, pudesse agir sob algo, conforme ocorrências abaixo:

35. *Todo+DD singular se comporta exatamente do mesmo modo que todo + DD plural. Redunda em agramaticalidade com "predicados de pura cardinalidade" (37-39), mas é gramatical com predicados coletivos que apresentam subacarretamentos. (Idg028).*

36. *Encontramos no corpus estudado dois casos do verbo achar comportando-se como um 'parentético epistêmico'. (Idg071).*

37. *O sal de PAA comporta-se como um dispersante, sendo adsorvido na superfície das partículas do polímero, estabilizando a suspensão*

*eletrostaticamente. O cabo e/ou tecido de fibras é então passado através da suspensão do precursor da PI/matriz polimérica em uma única etapa (Figura 4). (pol.3).*

Nota-se que os Comportantes nas duas primeiras ocorrências estão ligados aos objetos de estudo - *Todo+DD singular* e *dois casos do verbo achar*. Por outro lado, o Comportante pode representar uma substância utilizada no experimento, como em 37.

Esse processo é utilizado, nas seções *discussão dos dados* ou *conclusão*, para analisar o que se obteve através dos experimentos feitos:

38. *A biomassa de galhos **se comportou**, de maneira semelhante, à biomassa das folhas, não tendo havido diminuição em nenhum período (Quadros 5). (c.agra5).*

39. *Para o efeito de K dentro dos genótipos, notam-se diferenças significativas somente para 'Rosinha G-2', o qual **se comportou** como menos atrativo para oviposição (na presença desse elemento). (25900).*

40. *Em relação aos diferentes ciclos de maturação, os resultados mostram que, para determinada combinação de linhagens e locais, um ciclo de maturação pode **comportar-se** melhor que os demais. (25945).*

41. *O MTL apresentou uma fraca eficiência para redes mais simples, sendo até três vezes mais lento que o MG, porém em sistemas mais complexos, foi o método que melhor **se comportou**. (eng.san3).*

Nas ocorrências acima, o processo *comportar* é utilizado na descrição dos resultados da pesquisa em que o Comportante pode ser o objeto de estudo (em 38 e 30), ou o método empregado (em 40 e 41).

Com base nas ocorrências do corpus de estudo, organizou-se, no quadro a seguir, uma síntese dos diferentes usos e significados desse grupo de verbos descritos nesta categoria:

Tipo/Verbos/ Usos		Apresenta o estudo/objetivo	Discute aspectos teóricos	Descreve aspectos metodológicos	Descreve resultados obtidos
<b>Material</b>	Destacar		X		X
	Constituir		X	X	
	Basear	X		X	
	Desenvolver	X	X		X
	Caracterizar				X
	Estabelecer		X		
	Determinar		X		
	Transformar				X
	Relacionar				X
	Construir		X		
	Formar				
	Opor		X		
	Apoiar			X	
	Diferenciar		X		
	Fundamentar		X		
	Adequar				X
	Dividir		X	X	
	Atribuir		X		X
	Associar		X		X
<b>Verbal</b>	Explicar		X		X
	Justificar		X	X	X
	Propor	X	X		
	Perguntar		X		
<b>Comportamental</b>	Comportar				X

Quadro 10: Síntese dos usos das construções médias.

#### 4.2 Categoria 2: SE em construções com desfocamento de participante

O termo *desfocalização de participante* é utilizado, nesta tese, para descrever as situações em o clítico se é vistos pela gramática tradicional como indeterminação e voz passiva.

Conforme a segunda parte da Fundamentação Teórica desta Tese, muitos dos estudos sobre o clítico se em Língua Portuguesa estão ligados às discussões sobre a diferenciação entre: índice de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora.

De acordo com as gramáticas tradicionais da língua portuguesa como: Rocha Lima (2002), Cegalla (1996) e Cunha & Cintra (1985), o se deve ser classificado como partícula apassivadora, quando acompanhado de verbo transitivo direto, tendo sujeito definido simples, que deve concordar com o

verbo que se encontra na voz passiva sintética, ou índice de indeterminação do sujeito, quando acompanhado de verbos intransitivos, transitivos diretos ou de ligação, que devem ser empregados na terceira pessoa do singular.

Há vários aspectos a considerar nessa análise, pois se trata de uma análise puramente formal, portanto não possui explicações funcionais que levem em consideração questões semânticas. Note-se que essas construções não são consideradas padrão, ou seja, são consideradas erradas, como *Vende/compra-se casas*, exaustivamente citadas como incorretas em livros didáticos e gramáticas tradicionais. Elas, no entanto, ocorrem com frequência tanto em linguagem popular como culta, conforme discussões de Nunes (1991), Monteiro (1994), Bagno (2000), Camacho (2002, 2003), entre outras. Said Ali (1966/2008:103-106) já tratava casos como *compra-se o palácio*, *morre-se de fome* como fórmulas destinadas “a calar o nome do Agente”. O clítico *se* sugere, nesses contextos, que alguém compra, alguém morre, mas que não se conhece ou não se quer nomear.

Para Bagno (2000), as construções tradicionalmente chamadas de passivas sintéticas não são passivas e a ordem dos termos na oração é fundamental para determinar o status do *se*: pronome reflexivo ou índice de indeterminação do sujeito; dessa forma, não aceita a possibilidade do *se* ser classificado como apassivador em nenhum contexto.

Camacho (2002:232), pesquisador do *se*, discute que há duas construções reconhecidas como principais: a voz passiva e a voz impessoal. A primeira é construída por um auxiliar e um particípio passado seguido ou não de um Agente. A impessoal é construída por um verbo na 3ª pessoa da forma ativa + partícula *se* na chamada função apassivadora.

Essas discussões sobre impessoalidade e passividade também ocorrem em outras línguas (espanhol, italiano e francês). Estudos do espanhol, como o de Suñer (2002:211), acreditam que as construções com *se* impessoal acarretam a interpretação de um predicado como *se* aplicando a um conjunto não específico de seres humanos, representado pelo *se*.

Cinque (1988) analisa o papel do *si* impessoal do italiano, equivalente ao de *se* em português ou espanhol, propondo variantes ligadas a seu uso como um sujeito genérico. Ruwet (1972) estudou o francês, classificando alguns tipos de orações sem Agente como neutras.

Esses autores e outros resenhados na Fundamentação Teórica foram aproveitados para a discussão dos verbos mais frequentes do corpus de estudo, concentrando-se nas escolhas léxico-gramaticais e os significados produzidos.

Como colocado na metodologia, esta tese estuda e se concentra em todos os verbos que ocorrem pelo menos 100 vezes no corpus; os demais são utilizados para testar o funcionamento das três categorias encontradas.

Os verbos utilizados nas construções com desfocamento de participante estão organizados na tabela abaixo: a coluna *-se* corresponde às ocorrências com esse clítico, a *-do* às ocorrências de passivas (a dita passiva analítica) e a coluna *outras* se refere às demais construções (primeira pessoa do singular/plural, por exemplo):

Verbo	Tipo	Tipos de ocorrências			
		-se	-do	outras	Total
1. Observar	Material/Mental	<b>1998</b>	2772	1729	<b>6499</b>
2. Verificar	Material/Mental	<b>1247</b>	705	1300	<b>3252</b>
3. Utilizar	Material	<b>1184</b>	4380	2064	<b>7628</b>
4. Considerar	Mental	<b>908</b>	2774	2383	<b>6065</b>
5. Fazer	Material	<b>642</b>	2127	3909	<b>6678</b>
6. Notar	Mental	<b>457</b>	95	16	<b>568</b>
7. Avaliar	Verbal	<b>429</b>	1735	1250	<b>3414</b>
8. Aplicar	Material	<b>381</b>	1517	337	<b>2235</b>
9. Constatar	Material/Mental	<b>371</b>	258	469	<b>1098</b>
10. Salientar	Verbal	<b>361</b>	22	45	<b>428</b>
11. Obter	Material	<b>355</b>	2212	1356	<b>3923</b>
12. Ver	Mental	<b>293</b>	2859	1469	<b>4621</b>
13. Dizer	Verbal	<b>260</b>	690	1573	<b>2523</b>
14. Determinar	Material/Verbal	<b>258</b>	2358	758	<b>3374</b>
15. Empregar	Material	<b>240</b>	1010	226	<b>1476</b>
16. Construir	Material	<b>234</b>	812	996	<b>2042</b>
17. Saber	Mental	<b>233</b>	0	845	<b>1078</b>
18. Comparar	Material/Mental	<b>232</b>	1041	309	<b>1582</b>
19. Perceber	Mental	<b>226</b>	276	488	<b>990</b>
20. Concluir	Verbal	<b>224</b>	85	562	<b>871</b>
21. Colocar	Material	<b>204</b>	632	217	<b>1053</b>
22. Analisar	Material/Mental	<b>193</b>	1346	812	<b>2351</b>
23. Esperar	Mental	<b>184</b>	441	315	<b>940</b>

Cont.

24. Buscar	Material	<b>177</b>	63	675	<b>915</b>
25. Adotar	Material	<b>175</b>	620	356	1151
26. Efetuar	Material	<b>165</b>	508	148	<b>821</b>
27. Calcular	Material/Mental	<b>151</b>	576	130	<b>857</b>
28. Usar	Material	<b>148</b>	1092	687	<b>1927</b>
29. Propor	Verbal	<b>143</b>	578	53	<b>774</b>
30. Procurar	Material	<b>138</b>	46	391	<b>575</b>
31. Afirmar	Verbal	<b>137</b>	38	1267	<b>1442</b>
32. Proceder	Material	<b>137</b>	6	156	<b>299</b>
33. Levar	Material	<b>134</b>	422	1586	<b>2142</b>
34. Entender	Mental	<b>133</b>	207	898	<b>1238</b>
35. Optar	Material/Mental	<b>133</b>	9	7	<b>149</b>
36. Sentir	Mental	<b>128</b>	20	184	<b>332</b>
37. Ressaltar	Verbal	<b>127</b>	55	586	<b>768</b>
38. Estimar	Mental	<b>123</b>	472	505	<b>1100</b>
39. Definir	Verbal	<b>122</b>	1136	636	<b>1894</b>
40. Produzir	Material	<b>113</b>	1078	1307	<b>2498</b>
41. Estudar	Material/Mental	<b>113</b>	1449	836	<b>2398</b>
42. Evidenciar	Material/Verbal	<b>112</b>	146	564	<b>822</b>
43. Pensar	Mental	<b>110</b>	213	1042	<b>1365</b>
44. Falar	Verbal	<b>110</b>	260	210	<b>580</b>
45. Deixar	Material	<b>106</b>	148	1090	<b>1344</b>
46. Assegurar	Verbal	<b>105</b>	48	98	<b>251</b>
47. Acreditar	Mental	<b>104</b>	0	446	<b>550</b>
<b>TOTAL</b>	<b>-</b>	<b>14258</b>	<b>39337</b>	<b>37286</b>	<b>90881</b>

Tabela 4: Verbos utilizados em construções com desfocamento de participante.

É importante lembrar que muitos dos verbos apresentados na tabela acima podem ser considerados mentais próximos dos materiais, envolvendo um pensamento, uma reflexão. No entanto, muitas vezes, eles se estruturam como um *fazer* e não como um *pensar*. Apesar de não fazerem parte do foco desta tese que se preocupa em analisar os usos do clítico *se* em artigos científicos, acredita-se que esses verbos mereçam um estudo detalhado para melhor descrição de seus funcionamentos na língua portuguesa.

É natural que os processos materiais sejam a maioria dos verbos, pois representam a maior parte dos verbos da língua. No corpus de estudo, eles representam ações ligadas às pesquisas, enquanto os mentais introduzem reflexões sobre hipóteses e percepções sobre etapas do trabalho, teoria ou

metodologia empregada. Próximo aos mentais, os processos verbais reportam fatos relacionados à pesquisa, muitas vezes, com conclusões preliminares ou hipóteses de trabalho.

Nota-se, na tabela, que há variação entre eles, alguns ocorrendo muito na chamada passiva analítica (com verbo *ser*), como registrado na quarta coluna (-do) da tabela 4, enquanto com outros a forma preferida é com *se* ou, com outras formas (1ª pessoa do singular ou plural, por exemplo), como *acreditar*, *saber*, *assegurar*, *deixar*, *pensar*, *falar*, *evidenciar*, *sentir*, *afirmar*, etc. Estes últimos processos verbais ou mentais, não ocorrendo, ou ocorrendo apenas excepcionalmente na passiva com *ser*. Note-se que alguns deles ocorreram em número pequeno na passiva (*sentir* e *salientar*, por exemplo) e outros não ocorreram nenhuma vez na passiva, como o verbo *acreditar*:

***Acredita-se*** que essa pode ser uma via de entrada profícua para a descrição desse mundo social redefinido: a diferença entre as gerações tem hoje a peculiaridade histórica de coincidir com mudanças de fundo no mundo do trabalho e nas dinâmicas urbanas. (25260).

***\*Está acreditado*** que essa pode ser uma via de entrada profícua para...

***\*É acreditado*** que essa pode ser uma via de entrada profícua para...

***Acreditamos*** que essa pode ser uma via de entrada profícua para...

Note-se q dos exemplos acima, o único rephraseamento possível é a primeira pessoa do plural. Devido a esta constatação da diferença de usos entre processos verbais e mentais em oposição aos demais, optou-se por organizar a análise conforme o tipo de verbo.

As listas de ocorrências dos verbos materiais, mentais e verbais nas suas formas mais frequentes permitiram compreender o significado e a função do *se*. Essa compreensão não pode ser baseada na análise do verbo principal, se é transitivo direto (partícula apassivadora) ou intransitivo, transitivo direto ou de ligação (índice de indeterminação do sujeito). É preciso se atentar para as escolhas léxico-gramaticais e, principalmente para o contexto em que ocorrem, para assim compreender o significado do *se* que pode permitir diferentes graus de desfocamento de participante– do autor/pesquisador ou de pesquisadores da área ou, ainda, de pessoas de modo geral.

Esse desfocamento é um fenômeno muito frequente na linguagem científica que prima em ser sintética e com foco nas ações, isto é, nos

processos que envolvem uma pesquisa e não em quem as fizeram (pesquisadores). Isto explica a relação de modéstia em que o autor se coloca no texto, exigência do gênero e da linguagem. O desfocamento também ocorre quando não é importante mencionar pesquisadores da área, o que não prejudica a compreensão do texto, como mostra o exemplo:

*Nosso objetivo neste estudo é fazer uma ponte entre a linguística teórica e a linguística aplicada, em particular no que diz respeito à compreensão do funcionamento, ao ensino e à aprendizagem de línguas. Normalmente, **pensa-se** que existe um abismo entre esses tipos de conhecimentos. (Idg102).*

O termo *desfocamento de Agente* foi proposto por Shibatani (1985:832) como uma função primária e não uma mera consequência da promoção do objeto/paciente. O autor prefere esse termo por cobrir além da demissão do Agente, supressão do Agente e Agente em segundo plano, a ausência de menção do Agente, menção do Agente sem ranhura sintática e indefinição da identidade do Agente por uso de formas plurais ou referências indiretas.

Embora não tenha estudado a língua portuguesa, Shibatani estudou as formas de *desfocamento de Agente* em muitas línguas como: ainu, chamorro, turco, quéchua, espanhol, francês e japonês, e discutiu a falta de atenção com as funções do *desfocamento*. Este trabalho visa contribuir na descrição desse fenômeno em língua portuguesa com base na proposta desta tese de que há diferentes graus de desfocamento de participante (em termos sistêmico-funcionais). Para o melhor entendimento desses graus, criou-se a figura a seguir:

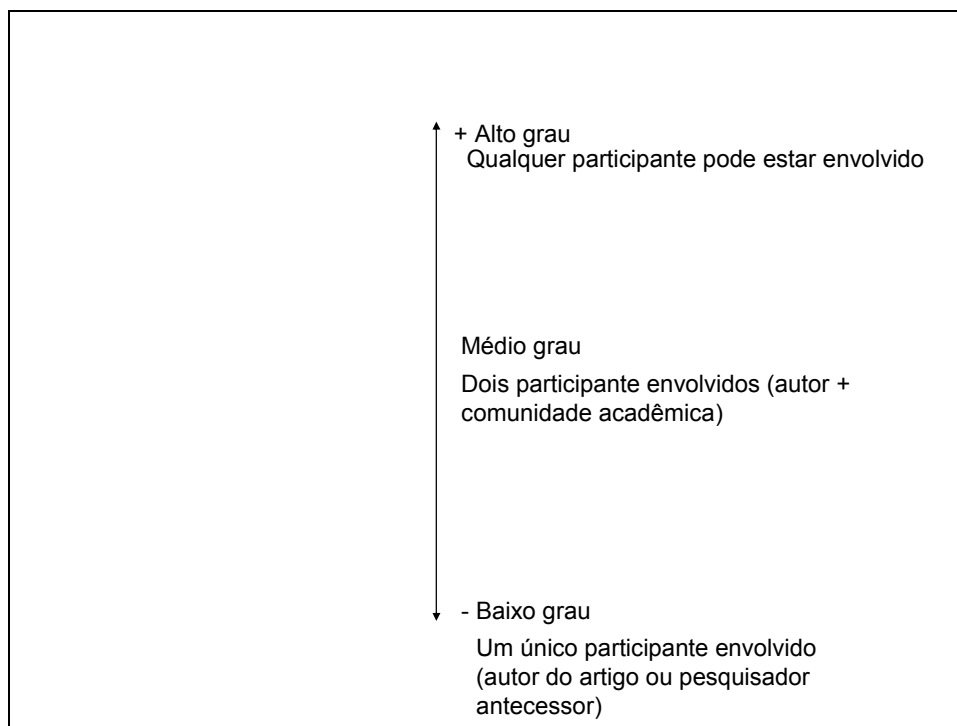


Figura 4: Graus de desfocamento de participantes.

O alto grau de desfocamento ocorre quando há maior imprecisão, quando o autor não é envolvido. É um recuso de não envolvimento; qualquer participante pode estar envolvido. Na escrita acadêmica, não se pode ver a diferença entre os graus alto e médio, porém sabe-se que, em outros gêneros, o desfocamento pode englobar qualquer pessoa. Os exemplos abaixo foram retirados de artigos de jornais:

*Oportuna e realista a reportagem, posto que **vive-se** talvez como nunca uma ditadura das crianças e dos jovens....* (Folha de São Paulo, 10 de novembro de 2012).

*Quando **se trabalha** muito duro, para valer, os resultados aparecem.* (Folha de Pernambuco, 31 de outubro de 2012).

Note-se que o desfocamento dos exemplos acima é de alto grau, pois não se sabe quem está sendo desfocado, trata-se de uma generalização. Com base no contexto de ocorrência, pode-se supor que, no primeiro exemplo, a ditadura é vivida pelos pais de crianças e adolescentes, pode se estender a todos os pais, caracterizados como submissos aos filhos. No segundo, o se desfoca os trabalhadores num todo, sem tratar de um grupo específico.

Voltando para a linguagem acadêmica, chamou-se *desfocamento de grau médio* quando ele cobre um grupo, em geral pesquisadores da área, inferindo-se que o autor e o leitor, sendo da mesma área, e, por isso, partilham dos mesmos conhecimentos, estejam envolvidos na ação. É importante ressaltar que, neste caso, o leigo não está incluído no desfocamento de médio grau. Já o desfocamento de baixo grau ocorre quando algum elemento da oração restringe apenas o envolvimento do autor do artigo ou de um pesquisador, geralmente, colocado fora da oração entre parênteses. É possível pressupor seu envolvimento mesmo que não esteja expresso.

No corpus desta pesquisa, muitas vezes são as circunstâncias ou o tempo verbal os responsáveis tanto pela restrição do desfocamento apenas do autor, como pela ampliação do desfocamento que inclui além do autor, a comunidade acadêmica. É o contexto de ocorrência que permite deduzir esses tipos de desfocamentos por via indireta.

Primeiramente, os processos Materiais que mais ocorrem com *se* são analisados com foco nas diferenças de significados e de acordo com os diferentes graus de desfocamento, para, em seguida, serem analisados os graus de desfocamento e as possíveis particularidades que alguns dos processos Mentais e Verbais possuem que só permitem construções com *se*, não admitindo a construção passiva com o auxiliar *ser*.

#### **4.2.1 Desfocamento de participante em construções com processos materiais**

Nas ocorrências abaixo, pode-se observar a importância do uso de certas circunstâncias na compreensão do significado do *se*:

1. **INTRODUÇÃO** No melhoramento genético utiliza-se autofecundação para se obter uniformidade, recurso muito utilizado no melhoramento de cultivares em cucurbitáceas (COSTA e PINTO, 1977; PINK e WALKEY, 1985; PEIXOTO, 1987; NIENHUIS e LOWER, 1988; LOWER e EDWARDS, 1986; BAGGET e KEAN, 1990; JANSEN e JANSEN, 1990; DELLA VECCHIA et al., 1993). (25625).

2. Com essa técnica, **obtêm-se** plantas haplóides, que se podem tornar férteis com a duplicação do número de cromossomos utilizando-se a colchicina. (25842).
3. Na região de Araucária (PR), **utiliza-se** o sistema de corte anual em cerca de 50% da copa das plantas, tomando-se uma linha imaginária vertical como divisória de cada metade da copa. Considera-se que a planta necessita de dois anos para recuperar a quantidade de folhas de sua copa. (encbmr).

As circunstâncias de modo (1 e 2) e lugar (3), nas ocorrências acima, contribuem para o significado genérico do *se*, ou seja, nessas construções não se sabe quem utiliza ou obtém, mas se pode pressupor que sejam pesquisadores da área e que o autor esteja incluído. Naro (1976) já discutia o traço de grupo que o *se* pode dar às construções. O clítico *se* permite o desfocamento desses participantes que não são relevantes para serem mencionados no artigo científico, por isso pode-se propor chamar casos assim de *desfocamento de médio grau*. Pode-se rephrasear construções como as acima como a 1':

1'. No melhoramento genético os **pesquisadores utilizam** autofecundação para se obter uniformidade, recurso muito utilizado no melhoramento de cultivares em cucurbitáceas....

A passiva com o verbo *ser* não pode ser considerada equivalente à construção com *se*, apesar desses verbos poderem ocorrer nessa construção, o significado não é igual, pois *se* pressupõe a participação de um Ator, neste caso:

1''. No melhoramento genético **foi utilizado** autofecundação para se obter uniformidade, recurso muito utilizado no melhoramento de cultivares em cucurbitáceas....

Hawad (2010) estudou a possível equivalência entre a chamada voz passiva sintética e voz passiva analítica e, para esta pesquisadora, essas construções são formas distintas. O que há de comum entre elas é que ambas podem ser caracterizadas pela não identificação do Ator. A sintética, por sua vez, é uma forma de indefinição extrema das pessoas envolvidas no discurso.

No rephraseamento acima, não se tem um Ator expresso, porém *se* pressupõe um Agente diferente da construção com *se*, que não precisa ter Ator

e, dessa forma, o autor tira o foco na referência de pessoa para destacar a ação, o processo de *fazer* pesquisa. Uma construção com *se* com Ator, como a passiva com o verbo *ser*, é uma construção não aceitável no gênero, posto que não ocorre no corpus de estudo:

1\*. *No melhoramento genético **utiliza-se** (pelos pesquisadores) autofecundação para se obter uniformidade, recurso muito utilizado no melhoramento de cultivares em cucurbitáceas....*

O termo *indeterminado* pressupõe que o falante não consiga presumir quem é, de fato, o Ator do processo. No entanto, com base nas ocorrências do corpus de estudo, pode-se inferir quem são esses Atores que foram desfocados, deixados em segundo plano pelo pesquisador que, possivelmente, escolheu o desfocamento por não ser importante para o relato da pesquisa ou, ainda, por ser conhecido e partilhado na área de estudo.

O significado tradicional de sujeito indeterminado sempre acarreta o significado de Ator não-identificado ou Ator desfocado. A LSF vê os conceitos Sujeito e Ator como elementos distintos, pertencentes à metafunção interpessoal e ideacional, respectivamente.

A conjunção *quando* é frequentemente utilizada nas construções com *se* acompanhadas de verbo no tempo presente e, também, contribuem para o caráter genérico, conforme ocorrências abaixo:

4. *Quando **se aplica** o teste *F* em análise de variância para a fonte de variação tratamentos com mais de um grau de liberdade, **obtêm-se** informações gerais, relacionadas com o comportamento médio dos tratamentos (BANZATTO e KRONKA, 1995). (25657).*
5. *Diferentes estudos (SOUZA et al., 1987; SOUSA, 1994; VERMA e ARYA, 1998) têm mostrado a importância do esterco na composição de substratos para a produção de mudas. Entretanto, quando **se emprega** inóculo de fungo micorrízico **deve-se avaliar**, com mais atenção, a quantidade e o tipo de material empregado como adubo orgânico. (25859).*
6. *Para avaliar o ARM desse último mês, é necessário calcular o Neg Acum do mês anterior adicionado do P - ETP do mês em curso. Essa última condição é mais comum quando **se efetua** o BHC ao longo de*

*anos reais (não com valores normais), ou em escalas de tempo menores que mês para se monitorar o ARM em tempo real. (25672).*

Tanto em 4 e 5, há além da conjunção *quando*, outros verbos com *se* (*obter* e *avaliar*) que também possuem o uso genérico de *aplicar*, *empregar* e *efetuar*, estendendo o significado a qualquer pesquisador da área que efetuar os procedimentos descritos no contexto das ocorrências. Em 5, o uso do modal de alto grau *deve* mostra a obrigação do tipo de avaliação descrito no artigo.

Os autores poderiam optar pelo uso de nominalizações, porém a referência genérica de pessoa dada pelo desfocamento estaria perdida:

*4'. A aplicação do teste F em análise de variância para a fonte de variação tratamentos com mais de um grau de liberdade.....*

Na maioria das ocorrências em que o verbo principal está no tempo presente, como nas analisadas acima, o *se* contribui para o desfocamento de participante, mas não se sabe quem está sendo desfocado de fato. Com base nos contextos de ocorrência, pode-se pensar que sejam os pesquisadores da comunidade científica que partilham do conhecimento da área e compreendem os procedimentos descritos. Não se pode inferir se o leitor está incluído ou não nesse grupo de pesquisadores, partindo-se do princípio que o leitor e o escritor fazem parte de uma mesma comunidade discursiva (Swales, 1990), pode-se pensar que eles podem estar incluídos nesse tipo de *desfocamento de médio grau*.

Foi encontrada uma única ocorrência no tempo presente que não possui esse grau de desfocamento:

*7. RESUMO: Compara-se neste artigo um conjunto de fatos relacionados a interface sintaxe/morfologia em quatro línguas indígenas brasileiras, a saber, Kuikuro, Guarani, Karaja e Tikuna. (Idg068).*

No caso acima, a circunstância de lugar *neste artigo* permite compreender a ocorrência como o desfocamento do participante (Ator) que, neste caso, é o autor/pesquisador do artigo. Nesse contexto o desfocamento não se estende à comunidade científica porque a circunstância restringe ao Ator. Portanto, nesse caso, o desfocamento é de baixo grau.

Ocorrências com o desfocamento de baixo grau são comuns com esse tipo de circunstância e com o verbo no pretérito, como mostram as ocorrências abaixo:

8. *Nesta pesquisa, **optou-se** pela quantificação da manta a partir da média entre os dados observados de volume da manta – calculado a partir da altura da mesma – e de remoção de turbidez, assumindo a mistura com características de um fluido Newtoniano. (eng.san.5).*
9. *Nessa pesquisa **verificou-se** valor de produção de matéria seca para o milho de 11.834 kg ha<sup>-1</sup>. Com relação à crotalaria, essa leguminosa, mesmo não estando em seu florescimento pleno, produz de 10.000 a 15.000 kg ha<sup>-1</sup> (WUTKE, 1993); portanto, o resultado obtido está coerente com a literatura. (25556).*
10. *Nesse trabalho não **se identificou** nenhum híbrido S0 intrapopulacional superior à média dos híbridos comerciais utilizados como testemunhas. Foram identificados apenas três híbridos S0 superiores somente ao híbrido comercial B (Dow657), sendo um híbrido intra A e dois intra B. (25694).*

Os usos das circunstâncias de lugar *nessa pesquisa e nesse trabalho* deixam claro que o desfocamento é do Ator que, nesses casos, é autor/pesquisador responsável pela investigação.

As construções mais comuns, de desfocamento de baixo grau, não possuem esses tipos de circunstâncias, porém nos contextos de ocorrência e com o uso do verbo no passado pode-se pressupor um Ator:

11. ***Observou-se** predominância de *Fusarium semitectum* e de *Alternaria spp.*, no início do armazenamento das sementes, com incidência variando de 63-73% e 7-11% respectivamente. (25964).*
12. *Avaliando somente o efeito da pré-embebição, não **se verificou** aumento na sincronia em relação à testemunha, em ambas as coletas e critérios de germinação (Figura 4). (encacb).*
13. *Por último, **analisou-se** o problema das edificações deterioradas. (m.amb5).*

Sabe-se que o artigo de pesquisa é um texto em que se relata sobre uma pesquisa feita, por isso, os verbos ligados ao processo de *fazer* pesquisa (*observar, verificar e analisar.*) permitem pressupor um Agente, o pesquisador, responsável pelas etapas/ações do trabalho. Nota-se que esses verbos são materiais próximo dos mentais, pois se pressupõe uma *reflexão*, além do *fazer*.

Há ocorrências com uso de modalidade (probabilidade), usadas frequentemente na linguagem científica para evitar o comprometimento do autor em suas considerações. Nota-se que, nas ocorrências abaixo, os modais utilizados são de baixo grau e são acompanhados do *se*:

14. *Identificadas as competências organizacionais e os valores-chave da cultura organizacional, **pode-se investigar** as competências que são requeridas na empresa. (25914).*

15. *A principal conclusão que **se pode extrair** do conjunto desses resultados, em termos de representações sociais, é que a maior parte dos gestores, trabalhadores e dirigentes sindicais pesquisados – exceção feita aos dirigentes sindicais metalúrgicos –detém representações das empresas e dos sindicatos razoavelmente semelhantes... (25918).*

16. *Como **se pode observar**, também nos resultados encontrados por estes autores nas cultivares Prata Anã e Pacovan **verificam-se**, respectivamente, o maior e o menor teor de ácido ascórbico. (25737).*

Nas ocorrências acima, ao contrário das anteriores, não há circunstâncias que permitem pensar que o clítico é responsável pelo desfocamento de médio grau, pois esse desfocamento parece ser mais genérico, estendendo-se também a pesquisadores da área, podendo incluir o leitor.

Há muitas ocorrências no corpus de estudo em que os modais estão ligados ao clítico *se*, uma tendência da variedade brasileira do português, enquanto no português europeu o clítico *se* liga ao verbo e não ao modal.

Ao utilizar um quadro para mostrar as escolhas gramaticais de uma redação acadêmica com base nas metafunções da LSF, Schleppegrell (2004:72) descreve, na coluna interpessoal, os modais como recursos de controle de modalidade, ligados aos significados de atitude como recursos que realizam a *autoridade* no texto.

O desfocamento também ocorre com os verbos no gerúndio e no infinitivo:

17. *Além disso, **fazendo-se** uma análise sêmica em nível frástico (modelo de Pottier), encontramos o lexema "tolerar", elemento eufórico<sup>9</sup> que*

*torna S1, que tolera, superior em relação aos tolerados e à comunidade política. (Idg042).*

18. *Pôde-se calcular a diferença entre esses dois valores, **obtendo-se** a variação angular apresentada pelo canino com o fechamento da alça. Outra variante registrada foi o tempo necessário para a desativação da alça. (odrdp15.2).*

19. *A dificuldade de **se trabalhar** com este modelo reside no fato de que os modelos de apreçamento baseados no conceito da Medida Martingal Equivalente (MME) não são viáveis, pois não é possível montar um portfólio sem risco devido, principalmente, ao fato de que a volatilidade não é um ativo negociável. (econ030).*

20. *Entretanto, ao **se comparar** a produção de sementes por planta, levando em conta a ordem das umbelas, **observou-se** superioridade das umbelas secundárias em relação às primárias e terciárias que não diferiram entre si (1971) na cultivar Brasília; entretanto... (25905).*

Acredita-se que o *se*, em contextos como os das ocorrências acima, pode representar uma marca ainda mais genérica, pois o autor/pesquisador pode não estar envolvido na ação representada. Todos os verbos materiais da tabela 1 possuem ocorrências como as acima. Enquanto há ocorrências em que as circunstâncias contribuem para a interpretação de que o Agente desfocado (Ator, no caso de processos materiais) é o autor/pesquisador do artigo (baixo grau de desfocamento), há outras em que não há elementos que possam definir esse desfocamento, podendo se estender aos pares da área incluindo o autor e o leitor (médio grau de desfocamento). As construções acima parecem expressar maior imprecisão, pois permite pensar que esse uso do *se* seja mais formal e erudito que os anteriores.

Ainda nessas últimas ocorrências, pode-se notar que o clítico *se* pode ser retirado que a construção continua com sentido. Porém, deixa de ter essa marca genérica, de imprecisão de Agente:

19'. *A dificuldade de **trabalhar** com este modelo reside no fato de que os modelos de apreçamento baseados no conceito da Medida Martingal Equivalente (MME)....*

19''. A dificuldade de os **pesquisadores trabalharem** com este modelo reside no fato de que os modelos de apreçamento baseados no conceito da Medida Martingal Equivalente (MME)....

19'''. A dificuldade de **trabalharmos** com este modelo reside no fato de que os modelos de apreçamento baseados no conceito da Medida Martingal Equivalente (MME)....

Em 19'', ao autor está excluído da ação, ao contrário de 19''' em que o autor está, junto com os demais pesquisadores, incluído. As construções 17 a 20 estão próximas de 19'' no que diz respeito ao não-envolvimento do autor.

Diferentemente dos verbos materiais, descritos nesta parte, os mentais ocorrem com menor frequência, conforme aponta tabela 1, e não estão ligados às ações do *fazer* pesquisa, mas às reflexões e considerações a respeito dos resultados, dos métodos e teorias utilizadas. Muitos deles têm seus usos intimamente ligados ao *se*, pois não podem ser expressos na estrutura passiva com o auxiliar *ser*. A relação da escolha do processo e da estrutura é tratada no próximo subitem.

#### **4.2.2 Desfocamento de participante em construções com processos mentais**

O que há em comum nesse grupo de verbos é o fato de serem mentais, mais precisamente, do tipo cognitivo, segundo a divisão de processos mentais de Halliday (2004:210). Para analisá-los, as concordâncias com as formas verbais mais frequentes com *se* foram observadas. Notou-se que o rephraseamento possível (primeira pessoa do plural) não tem exatamente o mesmo significado, isto é, o *nós* parece ser impreciso, podendo *se* referir às pessoas de maneira geral, aos pesquisadores da área ou, até mesmo, ao autor ou aos autores do artigo.

É importante compreender o que uma determinada escolha acarreta nos significados na interação com leitor do artigo científico. Com base nos significados de natureza interpessoal, a inclusão ou exclusão do escritor e do leitor é um aspecto importante para a análise.

Os trabalhos pesquisados discutem o traço semântico humano nas construções com *se*. Ikeda (1980) e Neves (2000) tratam da possibilidade de

inclusão de pessoas no discurso. A primeira pesquisadora sugere que a construção com *se* pode incluir qualquer pessoa, da mesma forma que *a gente*, porém essa equivalência não é exata, pois essa forma inclui obrigatoriamente a primeira e a segunda pessoa, enquanto a construção com *se* apresenta a possibilidade, mas não a obrigatoriedade dessa inclusão. Neves (2000:463) discute que as construções com *se* fazem parte de um conjunto de construções tipicamente genéricas, isto é, de sujeitos maximamente indeterminados, visto que todas as pessoas do discurso foram abrangidas. Para Naro (1976), as construções em que todas as pessoas foram incluídas possuem o traço *grupo*, nomenclatura utilizada pelo autor (op.cit.) para orações com referências genéricas e imprecisas.

Ao observar as ocorrências dos verbos mentais, pensou-se, inicialmente, que eles poderiam indicar representações mais pessoais, como expectativas e observações do próprio autor. Porém, ao observar as ocorrências em seu contexto de uso, percebeu-se que há tanto o uso mais genérico ligado ao médio grau de desfocamento (como as de conhecimentos compartilhados entre a comunidade acadêmica), como o mais pessoal (baixo grau de desfocamento). O contexto e a seção do artigo em que as ocorrências se encontram tornam possível a sua interpretação.

Na ferramenta *concord*, do programa WordSmith Tools (Scott, 2008), há um recurso chamado *plot* que faz marcações de acordo com o local que uma ocorrência ocorre dentro do texto. Por exemplo, se determinada ocorrência ocorre no início do texto, na coluna *plot* estará uma marcação - um traço logo no início da coluna, indicando assim o início do texto. Esse recurso permite o pesquisador saber onde as ocorrências estão no texto, não sendo necessário checar os textos um a um.

Com base na observação das ocorrências do corpus, constatou-se que a maioria das construções com esses processos mentais é utilizada para representar informações compartilhadas entre a comunidade acadêmica, como as abaixo:

21. **Sabe-se** que acima de 90,00% de frutos normais é considerado satisfatório pelos melhoristas durante a avaliação e seleção de cafeeiros em programa de melhoramento... e é por isso que grande parte das

*cultivares comerciais tem porcentagem de frutos normais próximo a 90,00% (25627).*

22. *Há muitos anos, o cafeeiro vem apresentando problemas de atrofia e seca dos ramos, atribuídos a um esgotamento nutricional devido às altas taxas de produção. Entretanto, hoje **sabe-se** que esse problema é causado pela presença da bactéria *Xylella fastidiosa*... (25744).*

23. *Nosso objetivo neste estudo é fazer uma ponte entre a linguística teórica e a linguística aplicada, em particular no que diz respeito à compreensão do funcionamento, ao ensino e à aprendizagem de línguas. Normalmente, **pensa-se** que existe um abismo entre esses tipos de conhecimentos. (ldg102).*

24. *Quando **se pensa** em gestão de resíduos deve-se sempre prevalecer o bom senso, já que tratamento puramente matemático é bastante difícil. (meioamb22).*

Como se vê, o uso do *saber* e *pensar* com *se* introduz um conhecimento compartilhado trazido pela projeção. Apresentar o conhecimento como sendo algo partilhado é um recurso importante na estratégia de envolvimento que pode conferir maior peso ao ponto de vista do autor, pois não é ele sozinho que *sabe* ou *pensa*, mas sim ele e mais alguém e/ou pessoas da área de estudo. Pode-se pensar que, pelo fato de não haver referências a trabalhos e/ou pesquisadores, a proposição apresente um conhecimento partilhado que parece ser estabelecido na área, podendo incluir além do autor, o leitor (médio grau de desfocamento). Porém, também, pode-se pensar que esse não compartilha do conhecimento, estando, portanto, excluído. É importante observar que parece não haver obrigatoriedade de inclusão do leitor.

Destaca-se, em 22, o uso de *entretanto* que é usado para contrastar a proposição inicial. Recurso como esses, em artigos científicos, permitem envolver o leitor ao trazer uma informação que é tida como verdadeira e compartilhada pela comunidade, para contrastar ou justificar, dando maior veracidade à argumentação defendida pelo autor. Em 23, o uso de *normalmente* enfatiza a representação de um pensamento comum na área, que pode não ser o da autora, visto que ela utiliza essa construção como uma justificativa de seu estudo.

Uma diferença entre os usos de *saber* e *pensar* são as ocorrências com *saber* em que a proposição introduzida possui referência a trabalhos de antecessores:

25. *O vírus causador dessa doença não foi ainda isolado em sua forma pura e identificado. No entanto, **sabe-se** que sua transmissão é realizada pelo afídeo *Aphis gossypii* Glover, 1877, sendo essa transmissão do tipo persistente (Costa et al., 1997). (25802).*

26. *Tal resultado não era esperado, pois **sabe-se** que a aplicação de fungicida tende a diminuir as discrepâncias entre os genótipos de aveia, em função de diminuir o efeito danoso causado ao desempenho das cultivares pela ferrugem da folha da aveia (BENIN et al., 2003a). (25646).*

27. ***Sabe-se** que *A. stenosperma* é de ciclo perene e possui 20 cromossomos, incluindo um par denominado par "A" (FERNANDEZ e KRAPOVICKAS, 1994; LAVIA, 1996) diferenciado dos demais da mesma célula por sua condensação na prometáfase... (25884).*

Nesses casos, pode-se entender que a proposição pode apresentar um pressuposto compartilhado por pessoas da área, como nas ocorrências anteriores, visto que esses trabalhos de pesquisadores sucessores foram citados apenas nesses momentos. Pode-se pressupor que o leitor já tenha conhecimento desses trabalhos, portanto compartilha dessa informação com o autor. Esses exemplos de médio grau de desfocamento colaboram com a imprecisão da inclusão ou não do leitor.

Embora haja ocorrências em que não há referências a trabalhos de antecessores, a imprecisão da inclusão ou não do leitor está presente nas ocorrências abaixo:

28. *O que raramente **se considera** é que esse processo opera pela "construção" sistemática das representações sociais que os agentes sociais presentes nas organizações elaboram sobre o trabalho, a empresa, as relações de trabalho, as transformações organizacionais e as inovações tecnológicas (organizacionais e de produção). (25918).*

29. *Por incrível que possa parecer, **nota-se**, historicamente no Brasil, que diante de um considerável acontecimento – geralmente de natureza externa ao país – surgem algumas poucas brechas para expansão tanto*

*das atividades econômicas como de medidas de proteção social. (econ42).*

30. *Na música popular, **percebe-se**, internacionalmente, também, cada vez mais, a interpenetração de línguas. Isso é principalmente notado no rap global, que é parte dos fluxos culturais que hibridizam o mundo. (Idg014).*

Essas ocorrências ao representar as informações de forma partilhada fornecem maior veracidade na seção em que são utilizadas - resenha teórica.

Ainda nessa seção do artigo, encontram-se muitos usos de *entender* e *estimar*.

31. *No país **estima-se** que a área degradada de pastagens esteja na ordem de 60.000.000 ha (OLIVEIRA, 2001) e que, com a recuperação mediante esse sistema venha a ser acrescida a qualidade dos atributos físicos, químicos e biológicos de solo. (25537).*

32. ***Estima-se** que durante os últimos 40 anos cerca de 1/3 do total das terras aráveis do mundo foi permanentemente danificado pela erosão e continua sendo, embora a uma razão de 10 x 10<sup>6</sup> ha ano<sup>-1</sup> (Pimental et al., 1995). (c.agra11).*

33. ***Entende-se** como dormência o estado fisiológico em que uma semente viável não germina quando colocada em condições de ambiente admitidas como adequadas (ROBERTS, 1972).... (25784).*

34. *Pelo “princípio da precaução” **entende-se** “que ele pode exigir ações que limitem as emissões de certas substâncias potencialmente perigosas, sem esperar que uma relação de causalidade seja estabelecida de maneira formal sobre bases científicas” (p.118). (HOURCADE, 1994 apud GODARD 1997m.amb46).*

Assim como os outros exemplos, os acima apresentam a definição de um conceito ou um dado obtido através da pesquisa de outro pesquisador, utilizando para dar maior credibilidade. É importante observar que os pesquisadores antecessores estão no mesmo parágrafo, entre parênteses. O que parece mostrar que, em algumas áreas, nos artigos científicos, evita-se colocar pessoas em posição de Ator, sejam elas estudiosos antecessores ou até mesmo o (s) pesquisador (es) do artigo. Dessa maneira, acredita-se que o

desfocamento nessas ocorrências é de baixo grau – apenas um participante envolvido (os pesquisadores citados em parênteses).

Ainda na parte teórica e, também, na discussão dos resultados, pode-se observar que o uso das circunstâncias restringe o desfocamento para baixo grau, conforme ocorrências abaixo:

35. **Entende-se** aqui "nativos do local" os moradores que nasceram nas próprias comunidades. Apesar de não nascida na praia de Naufragados, a maioria de seus moradores veio de outras localidades que também sofreram influência da cultura açoriana. (bio10).

36. O que **se entende** é que a teoria aqui adotada (Nespor & Vogel, 1986) não obriga a atribuição de acento à palavra fonológica, apenas restringe esse acento a não mais do que um, o que permite não se atribuir acento nenhum. (Idg057).

37. Neste trabalho **considerou-se** que o valor médio do parâmetro EPA menor que 3% já representa um bom ajuste entre as curvas medidas e estimadas. (eng.amb16).

Em casos como os acima, as circunstâncias de lugar *aqui* e *neste trabalho* permitem pensar que a informação que está sendo representada não é compartilhada, mas é do autor, definindo termos usados nos artigos.

Mesmo sem o uso de circunstâncias de lugar, as ocorrências abaixo podem ser consideradas de baixo grau:

38. Não **se notou** diferença nos valores de temperatura-base obtidos pelos diferentes métodos utilizados, ou seja, o da menor variabilidade e o do desenvolvimento relativo. (25751)

39. **Avaliou-se** o relatório final apresentado após a finalização do caso, para a obtenção de informações relacionadas a possíveis dificuldades encontradas durante a mecânica.... (odrdp002).

40. Sendo a referência quase sempre a mesma, **esperou-se** encontrar exemplos do que **se chamou** aqui de "sinonímia textual", isto é, diferentes formas nominalizadas que compartilhariam a mesma referência em um determinado texto. (Idg063).

As ocorrências acima foram encontradas nas partes discussão dos resultados e conclusão, representando ações que, pelo contexto, foram feitas pelo autor do artigo. Em 38 e 39, tem-se a reflexão do autor, sua impressão

(38) e ação (39) durante o processo de pesquisa. Em 40, o autor relata sua expectativa na pesquisa. Nessa mesma ocorrência, há o processo verbal *chamar* acompanhado da circunstância de lugar *aqui* que contribui para o desfocamento de baixo grau. Os processos desse tipo são analisados, em maiores detalhes, no próximo item.

O uso do verbo *acreditar* se assemelha ao de *esperar*, por ser também ser utilizado nas representações das expectativas do autor:

41. *Com esses cuidados, **espera-se** obter uma efetiva movimentação dentária, sem que, contudo, sejam causados danos adicionais aos tecidos de suporte e as raízes dos elementos envolvidos. (od009).*

42. ***Espera-se**, igualmente, que o estudo possa representar um primeiro passo para uma maior eficiência na resolução de referências anafóricas em sistemas de processamento de linguagens naturais. (Idg065).*

43. *Com estes procedimentos, **acredita-se** que não ocorreram perdas por infiltração lateral nas taipas proporcionando condições semelhantes para todos os sistemas de cultivo, refletindo-se assim na economia de água. (meioamb50).*

44. *Portanto, **acredita-se** que este estudo oferecerá subsídios a outros projetos vinculados ao PESB, como a elaboração do Plano de Manejo do Parque ao qual está vinculado o programa de proteção contra incêndios florestais. (meioamb07).*

Foi observado que, com exceção de 44, as demais ocorrências acima estavam na discussão dos resultados ou na conclusão do artigo. Nessas sessões, o desfocamento de baixo grau é encontrado por ser o momento em que o autor, com base na teoria descrita e nos procedimentos adotados, faz suas observações sobre a pesquisa, tais como: limitações, possibilidades de estudo futuro, implicações do estudo, entre outras.

Apesar de terem parte de seus usos ligados ao desfocamento do autor (baixo grau), a maioria das ocorrências dos verbos *esperar*, *acreditar* e *ver* está ligada à representação do conhecimento compartilhado (médio grau de desfocamento), como se pode observar abaixo:

45. *Atualmente **acredita-se** ser derivado de hibridação entre *C. congensis* e *C. canephora*. Como enxerto, empregaram-se duas cultivares de *C.**

*arabica L. - Catuaí Vermelho IAC 81 e Mundo Novo IAC 515-20. (25531).*

46. Normalmente, **vê-se** nesta afirmação de Adorno o sintoma de uma filosofia que persiste em pensar a relação do sujeito ao mundo exclusivamente como confrontação entre sujeito e objeto.... (25473).

47. A bactéria *Xylella fastidiosa* Wells et al. foi detectada pela primeira vez em cafeeiro no Brasil, em 1995, entretanto **acredita-se** que a cultura foi infectada por essa bactéria há muitos anos, embora os sintomas fossem atribuídos a um estresse nutricional. (25700).

Os exemplos representam uma opinião da comunidade científica, os usos das circunstâncias *atualmente* e *normalmente*, nas duas primeiras ocorrências, contribuem para esse significado. Em 47, apesar de não ter circunstâncias como nas anteriores, representa uma crença dos pesquisadores da área.

Há também processos mentais em construções reduzidas, como as abaixo:

48. **Considerando-se** que a semeadura foi bastante tardia (março), com pouca e má distribuição de chuvas durante o experimento, a produtividade média de 821 kg de sementes.ha-1 foi satisfatória. (25879).

49. **Destacam-se** entre as maiores parcelas, as mulheres nas faixas etárias de 25 a 34 anos (37%) e de 45 a 54 anos (40%), **notando-se** uma diminuição entre as duas. (econ.19).

50. Hoje, das diversas comunidades/praias da Ilha, apenas a de Provetá vive da pesca, **sabendo-se** que os donos de barcos também se dedicam ao trabalho com traslado de turistas nas épocas propícias. (m.amb.45).

51. Na brasileira, atribui-se a eles o estatuto de instrumento desencadeador do processo de debate desejado pela fonte prescritora, **esperando-se** que ele sirva de instrumento para o desenvolvimento do agir – decorrente; enquanto na genebrina, o documento é elevado à condição de verdadeiro ator do processo de renovação.... (ldg052).

Assim como ocorre com os processos materiais, casos com verbos no gerúndio ou no infinitivo acompanhados de *se* são responsáveis pela imprecisão em que não se sabe se o autor está envolvido.

Abaixo, as construções com processos mentais no infinitivo que apresentam o mesmo tipo de desfocamento – médio grau:

52. *É importante **considerar-se** também que justamente as regiões mais densas, onde reside parte da população com menor renda, apresentam precariedade em alguns indicadores, como a ausência de pavimentação asfáltica das vias e esgotamento sanitário através de rede.... (m.amb65).*

53. *Do mesmo modo, há que **se notar** a parcela, ainda que modesta, de proposições alocadas em certas especialidades que, na época, eram consideradas "emergentes".... (25246).*

54. *Seria adequado interpretar como "miséria" em uma sociedade a suspensão das atividades produtivas exatamente no ponto em que a estabilidade social está garantida? Parece impossível fazê-lo. No entanto, esta não é a fórmula completa para **se entender** a economia Guaraní. (econ.35).*

É importante destacar que muitos desses verbos mentais não podem ser usados em construções com a passiva com o auxiliar *ser* e, por isso a única maneira de indeterminar, desfocar o Agente, é por meio de uma construção com *se*.

Conforme discutido acima, o que define o grau de desfocamento é o contexto da ocorrência, a seção do artigo e, também, elementos da transitividade como o uso de determinadas circunstâncias que podem restringir esse desfocamento ao autor apenas. Assim como os mentais, há alguns verbais que se comportam de maneira semelhante, conforme mostra a discussão do próximo subitem desta análise.

#### **4.2.3 Desfocamento de participante em construções com processos verbais**

Assim como os processos mentais, os verbais são utilizados para representar um conhecimento partilhado na comunidade científica. Os

exemplos abaixo trazem orações com *falar* seguido de circunstâncias de assunto:

55. Muito **se fala** da necessidade de preservação do meio ambiente e nas obrigações legais em que os empreendimentos devem se enquadrar, porém pouco se definem os custos que tudo isso determina. (m.amb25).

56. Muito **se fala** das consequências clínicas dos procedimentos odontológicos sobre o sorriso, mas pouco se avalia as suas características intrínsecas. (odrdp15.9).

57. Em paralelo, **fala-se** recorrentemente do aumento da receita tributária disponível nas esferas subnacionais, em razão da elevação da carga tributária que subiu de 31,61% do PIB em 2000 para 34,69% em 2003, e 35,74% em 2004, segundo o Tribunal de Contas da União. (econ27).

Nas ocorrências acima, assim como outras analisadas nesta categoria, as circunstâncias contribuem para o desfocamento do participante, neste caso, Dizente (médio grau de desfocamento). Nos dois primeiros exemplos, a circunstância modo-intensidade  *muito* representa como a informação dada é difundida e conhecida na área de estudo. Da mesma forma ocorre, em 57, com o adjunto de frequência *recorrentemente*.

O mesmo ocorre com as ocorrências abaixo, em que o Dizente é desfocado (médio grau):

58. Na verdade, quando **se afirma**, e consensualmente, que Mattoso Câmara foi o introdutor da Linguística moderna no Brasil, o que tal afirmação significa, a rigor, é que, com ele, se inicia uma forma distinta de trabalho com a linguagem entre nós, que se concretiza em um novo discurso, cuja caracterização me proponho aqui. (ldg111).

59. Embora os números sejam contestados por representantes do governo, **afirma-se** que há uma taxa de 90% de desistentes entre os educandos (como aprendizes ou candidatos a treinamento em especialidades) que são encaixados (recrutados) nos termos do esquema dos SETAs. (25279).

60. Este comportamento está de acordo com o divulgado na literatura, onde **assegura-se** que os grupos carboxílicos do modificador reagem com o monômero epoxídico. (pol.).

As projeções das ocorrências acima trazem informações compartilhadas pela comunidade discursiva das áreas de estudo. Como o grau de desfocamento é médio, pode-se pensar que o autor partilha as informações representadas.

Não há apenas ocorrências com médio grau de desfocamento, posto que o uso de circunstâncias pode limitar apenas a participação do autor:

61. **Ressalta-se** aqui a necessidade de acrescentar, em trabalhos dessa natureza, o tratamento sem a aplicação do elemento, para que seja possível determinar o potencial de suprimento do solo e a correlação dessa informação com outras variáveis que possam influenciar a disponibilidade desse nutriente.... (25730).

62. **Propôs-se**, neste trabalho, avaliar o fluxo difusivo de potássio em três solos de texturas distintas, quando submetidos a diferentes níveis de umidade e a compactação, utilizando-se resina de troca catiônica como dreno. (c.agra12).

63. O português tem sido considerado uma língua SVO, como já se afirmou no início deste trabalho. (Idg089).

64. Como **se ressaltou anteriormente**, a sensação que se tem é da consolidação de um grande consenso em torno do desenvolvimento local. (econ20).

65. Como palavras finais, **salienta-se** o fato de que a própria preocupação da comunidade acadêmica de pesquisa em tradução no Brasil com sua própria história e trajetória, conforme atestam, dentre outros, os trabalhos sobre historiografia, já se constitui como evidência da maturação da disciplina no contexto nacional. (Idg118).

As circunstâncias *aqui*, *neste trabalho* e *no início deste trabalho* (Localização – lugar), como (Ângulo), *anteriormente* (Localização - tempo) e *como palavras finais* (Ângulo) restringem a participação apenas ao autor que, nestes casos, é o Dizente dos verbos *ressaltar*, *propor*, *afirmar* e *salientar*.

Ao contrário das ocorrências acima, há muitas com processos verbais em que não há circunstâncias que indicam a participação do autor, porém sua participação é pressuposta com base na análise do contexto:

66. *Para avaliar como um município que teve corte nos incentivos da Lei do ICMS Ecológico opera os sistemas de tratamento e de disposição final de resíduos sólidos domésticos implantados, definiu-se que o estudo*

*também fosse estendido para o único caso registrado com essa particularidade, até a época de desenvolvimento da pesquisa. (eng.amb).*

67. *O melhor ajuste das curvas foi obtido para a camada de 0-20 cm, onde também se crescimento radicular em resposta ao cálcio (Quadro1). **Salienta-se**, no entanto, que o efeito da calagem no aumento do teor de cálcio do subsolo (20 40 cm) também contribuiu para maior absorção de cálcio pelas plantas... (25992).*

68. **CONCLUSÃO** ***Ressalta-se** a importância dos exames de imagem nos casos de ACIA, pois, apesar de ser entidade rara, com sintomas brandos e que não requer tratamento específico, é muito importante fazer o diagnóstico diferencial com o paraganglioma e o colesteatoma... (25762).*

69. *Quanto à representatividade espacial dos exemplares analisados, foi apenas no local 2 que a maioria das espécies ocorreu simultaneamente em ambos os micro-habitats, mas **assegurou-se** a inclusão de indivíduos de mesma faixa de tamanho e das duas formações vegetais em épocas do ano semelhantes. (c.bio6).*

As ocorrências acima, de baixo grau de desfocamento, foram retiradas das sessões *Discussão dos resultados e conclusão*, partes do artigo em que se espera maior envolvimento do pesquisador. Nota-se que, nas duas primeiras ocorrências, os processos são seguidos de projeção, enquanto nas duas últimas são seguidas de nomes, o que mostra que os padrões das mensagens podem variar no mesmo tipo de desfocamento.

Há, também, ocorrências em que a participação do autor é imprecisa:

70. *Assim, **assegurando-se** que uma elevada proporção global de treinamento possa ser sustentada, torna-se possível evitar um círculo vicioso no qual os cortes efetuados pelo empregador no treinamento produzam escassez de habilidades, o que por sua vez elevaria o incentivo ao comportamento "carona", gerando ainda mais escassez. (25381).*

71. *O estresse, devido ao período seco, deve induzir certas mudanças bioquímicas que levam à menor instabilidade dos lutóides, ocasionando maior obstrução ao fluxo de látex e, conseqüentemente, menor*

produção (DEVAKUMAR et al., 1988) praticamente inalterado nas duas épocas avaliadas, diferente do ocorrido nos clones Fx 2261 e GT 1, **salientando-se** o fato de não ter havido redução nos valores de produção. (25633).

72. As sementes apresentaram pequena tolerância ao estresse hídrico simulado pelo PEG, com limite máximo entre -0,4 e -0,6 MPa, **ressaltando-se** que à partir de -0,6 e -0,8 MPa não houve germinação (Tabela 1). (c.agr.12).

Também há ocorrências com essa imprecisão em orações não finitas:

73. É comum **afirmar-se** que o sistema fonológico ou inventário fonêmico do Português contém uma 'série nasal'<sup>12</sup>. A representação aqui admitida para a nasalidade (um desenvolvimento e correções que propus à proposta de Piggott), poderia contribuir para uma melhor interpretação do Português? (ldg035).

74. Apesar de **se afirmar** muito frequentemente que o vocabulário é uma das maiores fontes de dificuldade do leitor em LE, não se tem dados na literatura que mostrem a extensão dessas dificuldades. (ldg090).

75. Para sua elaboração, há necessidade de **se definir** o armazenamento máximo no solo (CAD - Capacidade de Água Disponível), e de se ter a medida da chuva total, e também a estimativa da evapotranspiração potencial em cada período. (25672).

Com base no corpus de estudo, pode-se ressaltar que a correspondência com a passiva analítica gera construções não aceitáveis pela comunidade acadêmica, visto que não ocorrem no corpus de estudo:

71'. ... diferente do ocorrido nos clones Fx 2261 e GT 1, **sendo salientado** o fato de não ter havido redução nos valores de produção.

73'. É comum **ser afirmado** que o sistema fonológico ou inventário fonêmico do Português....

Hawad (2002), ao estudar a possível equivalência entre a passiva com o auxiliar *ser* (analítica) e a passiva com a partícula *se*, discute que certos verbos mentais e verbais não possuem equivalência com a passiva analítica e, portanto, só ocorrem em construções com *se*.

Por isso, orações com esses tipos de verbos não podem representar entidades afetadas por um processo. É importante ressaltar que os

participantes desses processos – Dizente e Experienciador, não têm o caráter de Agente. Acredita-se que o desfocamento destes participantes ocorre, possivelmente, por sua participação ser irrelevante ou, ainda, porque sua identidade poder ser recuperada no contexto.

Os usos dos verbos dessa categoria estão organizados no quadro seguinte:

Tipo/Verbos/ Usos		Descrição de procedimentos feitos na pesquisa	Descrição de aspectos metodológicos	Descrição de aspectos teóricos	Apresentação de conhecimento partilhado	Descrição dos resultados obtidos	Reflexões do pesquisador
Material	Utilizar	X	X				
	Fazer	X					
	Obter	X	X				
	Construir	X	X				
	Aplicar	X	X				
	Determinar	X	X				
	Empregar	X	X				
	Efetuar	X	X				
	Buscar	X					
	Adotar		X	X			
	Usar	X					
	Produzir	X					
	Deixar	X					
	Procurar	X					
	Colocar	X	X				
Material próx. do Mental	Observar	X				X	
	Comparar	X					
	Analisar	X					
	Calcular					X	
	Optar	X	X				
	Estudar						
	Verificar	X					
	Constatar	X					
Mental	Considerar				X	X	
	Notar					X	X
	Ver						X
	Saber				X	X	X
	Perceber						X
	Esperar						X
	Sentir						X
	Estimar				X		
	Pensar				X		X
	Acreditar				X		X
	Entender				X		X
	Salientar			X			X
Verbal	Avaliar	X	X			X	
	Ressaltar			X			
	Assegurar			X			
	Dizer			X			
	Afirmar			X			
	Propor						X
	Definir			X			
	Falar				X		

Quadro 11: Síntese dos processos utilizados em construções com desfocamento de participante.

### 4.3 Categoria 3: SE em construções agnatas

Nesta categoria, são analisadas as construções em que o clítico se ligado a determinados verbos acarreta um tipo de processo diferente do mesmo verbo sem se, como ocorre nos exemplos:

A. *Ele se encontra em São Paulo.*

B. *Ele está em São Paulo.*

O verbo *encontrar*, na construção acima, não tem significado material de *descobrir* ou *achar*, mas sim de *estar*. Neste caso, a estrutura A é agnata de B, isto é, embora possua escolhas gramaticais diferentes, ela tem o mesmo significado de B.

Halliday (1994:121) discute casos como esse na língua inglesa:

C. *He's frightened.* (relacional)

D. *He's been frightened.* (mental)

Em C, o 's é o verbo *be* (ser) relacional e *frightened* (assustado) é um adjetivo de estado. Enquanto em D, 's corresponde ao auxiliar *have* e *frightened* é o processo material ao qual o adjetivo está relacionado.

A relação que C e D estabelecem é de agnação. Do ponto de vista gramatical, essas escolhas são diferentes, porém, do ponto de vista semântico, Halliday (*op.cit*) as denomina *agnatas*. Para a LSF, o fenômeno pode ser explicado não somente indicando como ele está estruturado, mas mostrando como ele está relacionado a outras funções da estrutura linguística, utilizando seu padrão de relações sistêmicas ou *agnatas*.

O conceito de agnato é importante para esta tese, pois permite explicar como um novo significado (relacional e/ou existencial) pode ser criado quando o clítico *se* ocorre, em determinados contextos e com certos tipos de verbos.

De acordo com essa teoria, as construções agnatas são metafóricas, ou, expressões não-congruentes, pois contrastam com o modo congruente e comum de expressão. Para Halliday (2004:592), pode-se entender que há uma escolha típica, porém a língua pode fazer esses realinhamentos criando formas agnatas da mesma unidade semântica.

É importante ressaltar a diferença entre o conceito de agnato e o de sinonímia, pois o termo agnato é usado para mostrar a diferença e a relação, uma vez que sinonímia corresponde ao mesmo significado entre palavras,

como por exemplo: *morrer*, que tem o mesmo significado de *falecer*. Nas construções agnatas, discutidas nesta tese, a diferença corresponde a mudança de significado conforme a estrutura em que um tipo de processo ocorre, gerando uma construção diferente, produzindo um significado equivalente. Consequentemente, as relações entre os participantes também são alteradas, no exemplo acima (A), a relação entre os participantes não é Ator-Meta, e sim Portador-Atributo.

Nesta pesquisa, foi constatado que, quando sem o clítico *se*, verbos que atuam como processos materiais, mentais ou verbais, enquanto acompanhados de *se*, adquirem significado relacional e/ou existencial. São, portanto, entradas lexicais diferentes. De acordo com a teoria sistêmico-funcional, uma unidade semântica pode ser realizada de diferentes formas, por unidades gramaticais distintas. É o que ocorre nas construções desta categoria, por exemplo:

*E. A opção pelo modelo de Dik justifica-se no fato de ser esse autor pioneiro na tentativa de propor uma teoria funcional completa, que, entretanto, ainda se acha em fase de elaboração. (Idg089).*

*Achar*, na ocorrência acima, não tem significado mental (sinônimo de *pensar*) e, também não tem significado de material (sinônimo de *encontrar*), pois como se observa em E', com o clítico *se*, *achar* significa *estar*:

*E'. A opção pelo modelo de Dik justifica-se no fato de ser esse autor pioneiro na tentativa de propor uma teoria funcional completa, que, entretanto, ainda está em fase de elaboração. (Idg089).*

O mesmo fenômeno ocorre com um conjunto de verbos dos quais: *dar, encontrar, achar, fazer, manter, tratar, realizar, manifestar, estabelecer, apresentar, mostrar e tornar* ocorreram no corpus de estudo.

A organização dos dados para a análise foi feita a partir do levantamento das ocorrências do clítico *se* no concordanciador, eliminando as correspondentes aos usos condicionais ou reflexivos, que não são determinadas pelo tipo de processo e sim pela relação entre elementos da oração. As ocorrências foram agrupadas para análise a partir de testes de significado, ligada diretamente a grupos de verbos em suas relações como processo. No exemplo E e E', o item verbal *achar*, pode funcionar de duas formas com o processo mental ou nessa relação agnata, interna na oração.

Nas categorias anteriores, foram analisadas construções com o clítico *se* ligadas ao *desfocamento de participante*, podendo desfocar um único participante (autor do artigo ou autor antecessor) ou se estender a mais de participantes (pesquisadores da área) e, também, foram analisadas construções em que o *se* possibilita representar ações como se elas acontecessem sozinhas - *construções médias*, utilizadas nos artigos científicos para apagar a identidade do autor, expressando assim eventos espontâneos. Nesta categoria, são analisadas as concordâncias em que o uso *se* altera o tipo de processo e, também, as relações entre os participantes.

As ocorrências que permitem serem rephraseadas para construções relacionais e/ou existenciais, possuem significados distintos, em virtude de ocorrem com ou sem *se*. São as com verbos materiais, mentais ou verbais que, quando ocorrem com o *se*, são responsáveis por formas agnatas.

Halliday & Martin (1993:71) já apontavam que certos verbos materiais, no discurso científico, se comportam, predominantemente, como relacionais. A forma agnata é usada para caracterizar elementos nominais como objetos de estudo e abstrações. Pode-se dizer que, na Língua Portuguesa, o clítico *se* parece ser um facilitador de construções agnatas, não só com o uso de verbos materiais com significados relacionais, mas também com mentais e verbais que podem ser utilizados com significado relacional, na caracterização ou avaliação de aspectos da pesquisa, ou ainda, com significado existencial, descrevendo processos da pesquisa através da representação de que algo existe ou acontece, recurso que permite o distanciamento do autor de seu texto.

A observação dos contextos de ocorrência desse conjunto de verbos, que funcionam em mais de uma categoria de processo, possibilitou organizá-los no quadro abaixo:

Verbos	-se				+se							
	Material	Mental	Verbal	Relacional	Relacionais				Existenciais			
					Ser	Estar	ficar	Permanecer	haver	existir	acontecer	começar
1. Encontrar	X					X			X	X		
2. Achar	X	X				X						
3. Fazer	X				X	X						
4. Manter	X							X				
5. Dar	X				X						X	
6. Tratar	X		X		X							
7. Realizar	X										X	
8. Manifestar	X		X								X	
9. Estabelecer	X										X	
10. Tornar	X						X					
11. Apresentar	X		X		X							
12. Mostrar	X				X							
13. Ter				X								

Quadro 12: Resumo dos verbos que ocorrem em construções agnatas com se.

Nota-se que todos os verbos listados funcionam como materiais sem o clítico se, alguns, além de materiais, também possuem significado verbal, como é o caso de *tratar*, *manifestar* e *apresentar*. O verbo *achar* possui significado material e mental. Porém quando esses verbos ocorrem com o clítico se, em certos contextos, podem funcionar como um tipo de processo, como é o caso de *tratar*, que possui significado de *ser*, *achar* com significado de *estar*, *manter* com significado de *permanecer*, *tornar* com significado de *ficar*, *realizar*, *manifestar* e *estabelecer* que ocorrem com significado de *acontecer* e, por fim, os verbos *apresentar* e *mostrar* com significado de *ser*.

A análise desses verbos é feita por grupos de semelhança de acordo com os significados relacionais e existenciais que esses adquirem quando ocorrem com se, levando em conta seus contextos de uso e as seções onde ocorrem nos artigos científicos. Dessa forma, optou-se por iniciar essa análise seguindo os significados relacionais mais ocorrentes – o *ser*, seguido de *estar*, *ficar* e *permanecer*. Em seguida, são tratados os significados existenciais – *acontecer/ocorrer* e o *haver/existir*.

#### 4.3.1 Agnatos com se com significado de ser

Neste subitem, são analisadas construções que quando ocorrem com o clítico *se* adquirem significado relacional de *ser*, como no exemplo abaixo:

*Trata-se de uma máquina confeccionada em fibra de vidro capaz de imobilizar ou abater crustáceos imersos em água doce ou salgada, à temperatura ambiente. (encaos).*

*Tratar* não tem significado material (cuidar), nem verbal (falar), mas relacional: *é uma máquina confeccionada em fibra de vidro...* Este fenômeno acontece com os verbos abaixo:

Verbo	Existenciais		Relacionais		2(E e R)		Desfocamento		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Tratar	0	0	1152	98,5	0	0	17	1,5	1169	100
Apresentar	0	0	666	91,5	0	0	60	8,5	726	100
Mostrar	0	0	589	98	0	0	13	2	602	100
Dar	225	45	4	0,5	145	29	127	25,5	501	100
Fazer	0	0	180	39	0	0	282	61	462	100
<b>Total</b>	<b>225</b>	<b>6,5</b>	<b>2591</b>	<b>75</b>	<b>145</b>	<b>4</b>	<b>499</b>	<b>14,5</b>	<b>3460</b>	<b>100</b>

Tabela 5: Agnatos com *se* e significado de *ser*.

Na tabela acima, os significados, representados pelas colunas verticais, mostram o uso em construções: existenciais, relacionais, com os dois tipos, existencial e relacional - 2(E e R) e, por fim, construções ligadas ao fenômeno desfocamento, discutido na categoria anterior. Como se pode observar, com respeito ao verbo, *dar*, o único, neste trabalho, que ocorre também com significado existencial, por isso ele é discutido neste subitem e, também, no referente aos significados de *acontecer/ocorrer*.

As ocorrências em que os verbos adquirem significado de *ser* são utilizadas, em geral, para definir aspectos da pesquisa tanto ligados aos objetos de estudo, como aos objetivos de pesquisa. Os verbos que ocorrem com esse significado são: *tratar*, *dar*, *mostrar* e *fazer*.

As construções do verbo *tratar*, acompanhadas de *se*, não têm significado material (cuidar, alimentar, por exemplo), mas sim relacional, por isso são agnatas. Nas ocorrências abaixo, *tratar* é utilizado para definir o trabalho desenvolvido:

1. *Trata-se, na verdade, de uma análise, dentro do arcabouço teórico gerativo, das propriedades sintáticas destes verbos, antes tratadas de*

*maneira dispersa e não como subcategoria coerente e estruturalmente significativa dos verbos intransitivos. (Idg103).*

2. **Trata-se**, em linhas gerais, de uma tentativa de complexificar os pontos de vista científico e analítico-interpretativo... (25458).
3. **Trata-se** de uma proposta para a solução de problemas causados pelo acúmulo de rejeitos contendo metais pesados, principalmente cádmio, chumbo e zinco, resultantes das operações da Companhia. (enmaps).
4. **Trata-se** de um recorte nos resultados de pesquisa realizada em Maranguape, a 27km da capital do Ceará... (m.amb58).

Nessas construções, o verbo é seguido de nomes, possui participante (Identificador) recuperável no contexto e, em geral, corresponde ao *trabalho*, ao *artigo* e à *pesquisa*. A relação dos participantes, estabelecida nessas orações, é Identificador e Identificado, que corresponde a *uma análise*, *uma tentativa*, *uma proposta* e *um recorte nos resultados de pesquisa*. Por serem orações identificadoras, a ordem dos participantes pode ser alterada, sem alteração do significado.

Além do significado relacional possibilitado pelos rephraseamentos com *ser* sem alteração do significado, é possível, também, rephrasar com *haver* e ter significados existenciais, conforme pode-se observar:

1'. [O *trabalho*] *é, na verdade, uma análise, dentro do arcabouço teórico gerativo...*

1''. **Há**, na verdade, uma análise, dentro do arcabouço teórico gerativo...

A diferença entre essas duas construções é a relação entre os participantes, enquanto em 1', há a relação entre Identificador e Identificado, em 1'' há apenas um único participante, o Existente. A oração relacional retoma um participante (*trabalho*) que foi mencionado anteriormente, já a construção existencial representa que algo existe ou acontece. Apesar da possibilidade existencial, o significado original não é mantido, em 1'' é representa a existência de uma *análise dentro do arcabouço teórico gerativo* e não que o trabalho de um determinado autor, que pode ser recuperado no contexto anterior, é *análise dentro do arcabouço teórico gerativo*. Essa última construção permite fazer a avaliação de algo, não só mostrando a existência.

É importante observar que os participantes das orações relacionais, assim como existenciais, não possuem caráter de Agente ou de Objeto, ou

seja, um participante não está agindo sobre outro, por isso não há *aquele que faz* e nem *aquele a quem se faz*. A relação, no caso dessas ocorrências, é *y é identificado por x*. Se fosse uma relação atributiva, seria *y é um atributo de x*, conforme explica Halliday (2004:216).

As construções com *tratar* são usadas também na definição de conceitos teóricos nas resenhas teóricas do artigo de pesquisa, conforme as ocorrências:

5. *A seu respeito, Robert Martin (1972:21) nos diz que [partícula negativa ne do francês] se trata de um morfema que ...ne modifie pas le signe de l'énoncé et qui peut être supprimé sans dommage autre pour le sens que celui d'une subtile nuance. (Idg070).*
6. *O que Hegel ensina é que [pertencimento] se trata de uma relação onde a identidade de um se perfaz pela identidade do outro... (enc029).*
7. *Se é verdade que a economia não dispensa um fundamento ético, a tese de Dumont sustenta que se trata de uma base que reforça o caráter autônomo da ciência econômica... (25373).*

Assim como as ocorrências anteriores, as acima são construções identificadoras, os Identificados estão entre colchetes por estarem em períodos anteriores ou estão grifados quando estão no mesmo período.

O verbo *dar*, quando ocorre com *se*, não tem significado material (*oferecer, entregar, pagar*, por exemplo), e sim relacional, também utilizado na definição de aspectos teóricos, conforme exemplos abaixo:

8. *A autonomia não se dá no âmbito da natureza reduzida ao em si de si mesmo, ou seja, enclausurada numa existência determinada. (25480).*
9. *Na escrita, a interação dá-se com um sujeito potencialmente ausente, ainda que desenhado como um interlocutor em potencial, cuja interação não ocorre durante o processamento do texto. (Idg018).*
10. *A sistematização de classificação industrial dá-se segundo uma ou mais características dos bens e serviços produzidos: a partir dos usos a que se destinam, e/ou dos insumos utilizados, e/ou da tecnologia empregada e/ou da organização da produção. (econ1).*

Nos exemplos acima, as construções, com significado de *ser*, são utilizadas para definir aspectos estudados no artigo, mas as construções com *dar* podem descrever também aspectos metodológicos da pesquisa, como se pode observar nas construções abaixo:

11. O monitoramento dos sensores **dá-se** por meio de comparação. Toda vez que existe alteração elevada da leitura de distância realizada pelo sonar, o programa interpreta como posicionamento indevido... (c.agrárias10).
12. Essa eliminação **dá-se** por um mecanismo de checagem, que consiste no apagamento de traços não interpretáveis quando um constituinte, portador de tais traços, se move para uma posição na estrutura sentencial a partir da qual ele pode contrair relações com uma categoria portadora de traço compatível para a checagem e consequente apagamento de tais traços. (ldg097).
13. A recategorização dessa ordem **se dá**, por exemplo, quando a relação entre dois (ou mais) referentes é do tipo todo-parte, classe-membro, hipo-/hiperonímia, associação, metonímia. (ldg016).

Nos exemplos acima, as etapas metodológicas representadas por nominalizações em posição de sujeito (*monitoramento*, *eliminação* e *recategorização*) são usadas em descrições de procedimentos na seção *materiais e métodos* ou *metodologia*, como são chamadas. Nota-se que o uso da preposição *por* parece facilitar também a interpretação existencial (*ocorrer*) nas construções – aspectos que são discutidos no subitem *significados de ocorrer/acontecer* ligados à interpretação existencial.

Ainda na seção *materiais e métodos* ou *metodologia*, as construções com *tratar* são utilizadas não para descrever os procedimentos, mas para descrever os dados, o contexto da pesquisa, os participantes ou objetos da pesquisa, conforme as ocorrências:

14. Como [gravações] **se trata** de dados de taxa de elocução, o gráfico apresenta-se invertido em relação aos dados de z-score observados na Figura 1 para a fala neutra. (ldg013).
15. De modo geral, [a turma de adolescentes] **trata-se** de alunos que vivem em um contexto urbano e que, ao longo de seu percurso de letramento escolar, tiveram não apenas acesso a informação como também a possibilidade de interagir em situações de uso formal e público da linguagem<sup>7</sup>. (ldg017).
16. Como [1997] **se trata** do primeiro ano de produção, há evidência de precocidade da cultivar Catuaí em relação ao conjunto de progênies

*avaliadas; no entanto, é possível selecionar progênies de maturação semelhante a essa cultivar. (25727).*

Construções como as acima são utilizadas na Metodologia ou Descrição dos dados ou participantes da pesquisa. Os dois primeiros exemplos (14 e 15) não são construções identificadoras como as anteriores, são construções atributivas em que uma entidade tem algo atribuído à ela, assim tem-se: *as gravações são de dados de taxa de elocução... e a turma de adolescentes é de alunos que vivem em um contexto urbano... Gravações e Turma de adolescentes* são os Portadores e estão entre colchetes por pertencerem a períodos anteriores à ocorrência.

Em 16, é descrito o primeiro ano de produção da planta estudada por meio de uma construção identificadora, com possibilidade de inversão dos participantes, sem alteração do significado. Há outras construções identificadoras que descrevem instrumentos/equipamentos utilizados na pesquisa:

17. *[o sistema SIAC] Trata-se de uma máquina confeccionada em fibra de vidro capaz de imobilizar ou abater crustáceos imersos em água doce ou salgada, à temperatura ambiente. (encaos).*

18. *Vale destacar, contudo, que [questionário padrão] se trata de um instrumento para medir opiniões, percepções e atitudes, tendo sido estruturado após a realização de numerosas entrevistas, individuais e coletivas, que permitiram identificar as alternativas que constam em cada questão... (25918).*

19. *Como se trata de um processo estatístico, no qual posições são correlacionadas em tempos sucessivos, este método recebeu o nome de Análise de Correlação. (eng.amb2).*

As construções como as acima são utilizadas na descrição dos procedimentos metodológicos, identificando: um equipamento (17), o tipo de questionário (18) e um processo estatístico (19). As escolhas do que está sendo identificado podem revelar o tipo de pesquisa do artigo - pesquisa experimental ou especulativa.

Há, ainda, construções com significado de *ser* que são usadas para resumir/concluir a discussão, tanto na seção discussão dos dados, como na conclusão:

20. **Trata-se** de implementar uma estratégia que permita ao país uma inserção soberana no processo de globalização em curso no mundo. (econ047).

21.... **trata-se** de transformar os jovens em cidadãos ativos, em indivíduos que participam da sociedade nacional, dispostos a defendê-la em tempo de guerra ou renová-la em tempo de paz. (25357).

22. Agora, **trata-se** de ajudar os "excluídos" a se tornarem "cidadãos", de contribuir para que os filhos de imigrantes se transformem em "novos atores sociais"... (25254).

As locuções verbais com *tratar*, seguidas de verbos, são diferentes, pois apesar de ser uma construção relacional, elas têm função de *summing-up*, ou seja, é feito um resumo que inclui uma avaliação, em que não é importante quem acha ou reflete sobre determinado assunto, mas sim a conclusão que é utilizada pelos autores como uma avaliação. Em geral, essas avaliações ocorrem em momentos diferentes do artigo: ao formular hipóteses, concluir a pesquisa e avaliar métodos.

É importante notar que ao usar esse tipo de construção, o leitor espera que seus argumentos conduzam o leitor no que se refere às questões discutidas no artigo. Essas construções são usadas para avaliar ações da pesquisa, em geral na seção metodologia e/ou introdução:

23. Sendo assim, dois outros aspectos merecem destaque especial no conjunto de reflexões apresentadas neste trabalho. Primeiro, **trata-se** de discutir o papel do vocativo, como âncora discursiva, e sua competição com o sujeito da construção. (Idg101).

24. O desenvolvimento das atividades de pesquisa, de ensino e de aprendizagem cumpriu um plano de trabalho disposto em duas fases distintas e complementares. Inicialmente, num período de sete meses, **tratou-se** de constituir um acervo de dados e informações sobre as relações entre ser humano, sociedade e natureza na América portuguesa e no Império do Brasil. (meioamb17).

25. A aprendizagem da valsa consistirá em obter dessas imagens kinestésicas diversas, já antigas, uma nova sistematização que lhes permita inserir simultaneamente no esquema. **Trata-se**, ainda, aqui de desenvolver um esquema em imagens. (25397).

Construções como as acima podem representar o objetivo do trabalho ou as etapas necessárias para a pesquisa. No primeiro exemplo, tem-se a relação de atribuição *um dos aspectos que merecem destaque especial no conjunto de reflexões apresentadas neste trabalho é discutir o papel do vocativo*. Ou, ainda, pode-se pensar na construção:

23'. ... *um dos aspectos que merecem destaque especial no conjunto de reflexões apresentadas neste trabalho é a discussão o papel do vocativo*.

Nota-se que os verbos que acompanham o *trata-se* são ligados a nominalizações, por isso eles permitem o rephraseamento com um nome. Assim tem-se *discussão*, *construção* e *desenvolvimento* respectivamente nos exemplos acima.

O verbo *fazer* (com o clítico *se*) não é utilizado como material, como sinônimo de criar, fabricar, por exemplo. É utilizado como relacional (*ser*) em avaliações, mais especificamente, quando ocorre acompanhado de *necessário*, *preciso* e *possível*, formando uma modalidade objetiva explícita. *Fazer + necessário* é a formulação mais frequente com 81% das ocorrências relacionais e está relacionada à modulação como papéis de atuação que implicam em *obrigação* ou *inclinação*.

Ao usar construções como as abaixo, o autor parece expressar sua opinião de uma forma mais empacotada do que é *necessário* e, ainda, mais empacotada que *eu acho necessário que...* Este recurso, ligado à impessoalidade exigida pelo gênero artigo científico, faz com que a construção metafórica seja preferida à mais congruente. As construções com *fazer* estão ligadas à modulação que implica em obrigação:

26. **Faz-se necessário** *que a abordagem pedagógica vá um pouco mais além e enfoque também a questão da transparência ilocucionária e marcação pragmática para que prováveis tendências para a influência negativa interlinguística e a supergeneralização intralinguística possam ser minimizadas em prol de uma produção mais adequada pragmaticamente. (Idg086).*

27. **Faz-se necessário** *assim mostrar que a cura na clínica lacaniana é indissociável de um movimento de subjetivação que é necessariamente auto objetivação do sujeito em um campo estruturado... (25473).*

28. *Se o crime oferece vantagens a jovens sem perspectivas, sem esperanças e sem adolescência, **faz-se necessária** a criação de condições para que ao menos as mesmas vantagens de recuperação da auto-estima, de saída da invisibilidade e de possibilidade de consumo possam ser oferecidas no lado de cá. (25368).*

As ocorrências acima mostram o posicionamento do autor por meio do uso da modulação. O uso de *faz-se necessário (a)* com verbos pospostos é frequente nos dados. Chama-se a atenção para o 28 que, em vez do verbo posposto como nos anteriores, traz uma nominalização (*criação*) que, para Halliday (1994, 2004), é um recurso utilizado para condensar informação de maneira altamente estruturada, uma construção da gramática funcional que é chave para o entendimento da natureza dos registros acadêmicos. É a expressão de conceitos em uma forma não-congruente.

Nessas ocorrências, o autor mostra seu posicionamento de maneira objetiva nas discussões do artigo científico, podendo se dirigir à área de trabalho, como as duas primeiras (26 e 27) com o posicionamento do autor sobre aspectos das áreas educação e psicologia, respectivamente. Podem também exprimir opinião sobre as ações do governo de maneira geral (28).

Pode-se pensar que o autor partilha esses questionamentos com o leitor de seu artigo, como uma forma de introduzir a discussão ou, ainda, argumentar para convencê-lo a partilhar da mesma idéia.

Muitas vezes, as construções com *faz-se necessário (a)* são utilizadas para representar uma justificativa de uma ação na pesquisa:

29. *Como este último trecho ainda poderia ser insuficiente para que ocorra degradação completa da matéria orgânica, **fez-se necessário** prolongar a distância a ser simulada, possuindo este trecho as mesmas características do trecho 5. (ensanamb).*

30. *Como as características tecnológicas do grão da maioria dos 20 genótipos em estudo já são conhecidas, **fez-se necessário** verificar as variações dessas características entre os anos genótipos de *Triticum aestivum* L. semeados em Ribeirão Preto, nos anos de 1996-97. (25878).*

31. Uma vez demonstrada a possibilidade de separação Zn/Fe, **fez-se necessário**, então, determinar as melhores condições operacionais que maximizem a separação entre os metais. (ensanamb01).

Nas ocorrências acima, a modalidade objetiva explícita *fez-se necessário* tem significado de *passou a ser necessário/foi necessário*, como se acrescentasse uma novidade à pesquisa, podendo ser interpretado como um recurso para justificar a ação do pesquisador.

Em 29 e 30, a conjunção *como* inicia uma oração encaixada que exprime conformidade com a oração principal *faz-se necessário*, mostrando para o leitor que as ações: *prolongar a distância a ser simulada* e *verificar as variações dessas características* se tornaram necessárias nas pesquisas. Em 31, a oração anteposta retoma um achado de um trabalho anterior para justificar a importância da investigação na oração principal.

A utilização do verbo *mostrar* com o *se* também envolve contextos avaliativos, como se pode observar nas ocorrências abaixo:

32. O tubo de esperma **mostrou-se** repleto de espermátides e espermatozóides agrupados, envolto em uma matriz espermatófórica acelular (Fig. 11). A RGS apresentou valor médio de  $0,680 \pm 0,207$  e maior ganho de peso gonadossomático no estágio III. (25410).

33. Análise por infravermelho (FTIR) O espectro da bentonita intercalada com sal de octadecilamina apresenta algumas diferenças quando comparado com o espectro da bentonita sódica. A banda em  $3446\text{ cm}^{-1}$  **mostra-se** bem menos intensa, devido à ausência quase total de água entre suas lamelas. (pol.6).

34. Esse resultado **mostra-se** semelhante ao encontrado no presente estudo, exceto para a maior quantidade de espécies da família Myrtaceae. Entretanto, entre os 58 caixas entrevistados na comunidade de Gamboa, litoral sul do Rio de Janeiro, Figueiredo et al. (1993) catalogaram 90 espécies de 40 famílias botânicas, onde se destacaram Rutaceae, Asteraceae, Lamiaceae e Solanaceae, situação distinta das anteriormente apontadas. (c.bio6).

Nas ocorrências acima, é possível notar um significado menos assertivo, utilizado para caracterizar os resultados obtidos na pesquisa. As construções abaixo foram rephraseadas para discutir os diferentes significados:

34'. *Esse resultado é semelhante ao encontrado no presente estudo...*

34''. *Esse resultado **parece ser** semelhante ao encontrado no presente estudo...*

A construção 34' não deixa dúvidas na avaliação, descreve o resultado da pesquisa com precisão. Enquanto em 34'' o significado não é assertivo, o modal *pode* dá a construção um sentido de possibilidade. Ao optar por uma construção assim, o autor deixa de ser categórico e assertivo, se preserva através da representação de uma possibilidade, deixando o discurso mais polido, característico da linguagem científica.

Entende-se que, os significados das construções com o verbo *mostrar* aproximam-se dos significados das construções 34' e 34'', não há a indicação de uma possibilidade, mas, também, não há a certeza.

As ocorrências de *mostrar* acompanhado de *se* são, em geral, orações atributivas e ocorrem frequentemente na parte final dos artigos, em especial, nas seções *discussão dos resultados* e *conclusão*, como se pode observar nas ocorrências 32 a 34.

As construções com *apresentar* acompanhadas de *se* possuem usos semelhantes às construções do verbo *mostrar*. Também ocorrem no corpus com significado relacional, não importando o tempo verbal:

35. *O tempo de tratamento **apresentou-se** significativamente maior para o grupo que utilizou o aparelho Pendulum, quando comparado ao grupo com extrações de dois pré-molares superiores (Tab. 4). (odrdp15.6).*

36. *Como pode ser observado, o filme obtido **se apresenta** homogêneo, compacto, com estrutura globular. Observa-se também uma série de trincas no filme, produzidas durante o processo de secagem com jato de ar frio. (pol6).*

37. *Diferentemente, em relação às coletas mensais, os números de *C. ribeirensis* **apresentaram-se** significativos ( $p\text{-valor}=0,001$ ). Dezembro foi o mês mais produtivo em comparação a todos os outros meses, com média de 16,5 exemplares na CDC-M/solo. (c.bio12).*

O significado de *apresentar*, nas ocorrências acima, é relacional (*parece ser*) e as orações atributivas são utilizadas para caracterizar e avaliar os resultados, nas seções *discussão dos resultados* ou *conclusão*.

Além de avaliar os resultados obtidos, as construções com *mostrar* também são utilizadas para avaliar o método usado na pesquisa:

38. O *paralelismo formal* **mostrou-se** *significativo na análise, sendo selecionado em primeiro lugar em todas as subamostras. Os fatores de natureza discursiva controlados - determinação do referente, mudança da referência, tipos de discurso - foram dominados pelo paralelismo, que se revelou o condicionador mais poderoso. (Idg083).*

39. A metodologia utilizada **mostrou-se** *bastante útil para classificar os genótipos segundo suas produtividades e seus padrões de resposta, o que contribuiu para um maior discernimento dos seus comportamentos. seleção de genótipos. (25909).*

40. O software IDRISI **mostrou-se** *ferramenta adequada e eficiente na avaliação da cobertura proporcionada pela pulverização na superfície vegetal estudada. (25863).*

Através do uso dos atributos: *significativo, bastante útil e ferramenta adequada e eficiente*, a metodologia ou as ferramentas metodológicas são bem avaliadas pelos seus pesquisadores.

#### 4.3.2 Agnatos com *se* com significado de *estar*

Neste subitem, são analisadas as construções em que certos verbos quando ocorrem com o clítico *se* possuem significado de *estar*. As orações com *achar*, *por exemplo*, quando ocorrem com esse clítico não têm significado material, sinônimo de *encontrar* e nem mental, sinônimo de *pensar*, mas sim relacional, com significado de *estar*:

*Este modo de pensamento se acha livre do "princípio de realidade" e está em relação direta com o "princípio de prazer". (25430).*

Além de *achar*, os verbos *encontrar* e *fazer* também têm significado relacional de *estar* quando ocorre com o clítico *se* em determinados contextos, conforme tabela seguinte:

Verbo	Existenciais		Relacionais		2(E e R)		Desfocamento		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Encontrar	0	0	662	91,3	46	6,3	18	2,5	726	100
Fazer	0	0	180	39	0	0	282	61	462	100
Achar	0	0	86	78	0	0	24	22	110	100
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>904</b>	<b>71,5</b>	<b>46</b>	<b>3,5</b>	<b>318</b>	<b>25</b>	<b>1268</b>	<b>100</b>

Tabela 6: Agnatos com *se* e significado de *estar*.

Como se pode observar, somente o verbo *encontrar* possui significado existencial (haver/existir), os demais ocorrem no corpus com significado de *estar*. Esses três verbos são usados para caracterizar uma situação de momento, o que permite fazer constatações ligadas aos objetos de estudo, às metodologias utilizadas e aos resultados obtidos. Ao contrário do grupo anterior – *significados de ser*, em que o verbo define, o grupo dos *significados de estar* representa o ser em um dado momento.

Essas orações são utilizadas para fazer descrições, atribuindo características a uma entidade, conforme ocorrências:

41. *Diversos moradores do bairro do Barracão pedem-nos reclamemos atenção a quem de direito para o verdadeiro estado de abandono em que **se acha** parte do Município. (25204).*

42. *Em outras palavras, em princípio, ao referir, ao ativar e reativar determinado referente, o autor pode inserir na progressão referencial um ponto de vista único, particular, subjetivo, situado contextualmente. Esse fenômeno **acha-se** no excerto abaixo. (Idg016).*

43. *Na mesma comissão estava presente, também, o deputado Andrade Figueira, um dos principais debatedores do projeto quando este ainda **se achava** na Assembléia Geral. (25348).*

Nos exemplos acima, as orações atributivas são utilizadas para descrever e avaliar aspectos tratados nos artigos, representados pelos Portadores (*explicação, fenômeno, parte do Município e projeto*). Nota-se que os Atributos dos exemplos 42 e 43 são do tipo circunstancial (*x está em a*), em que *estar* em significa *estar em, sobre, para com, acerca, ao longo*, etc.

As demais ocorrências que possuem significado de *estar* também são orações atributivas:

44. *A opção pelo modelo de Dik justifica-se no fato de ser esse autor pioneiro na tentativa de propor uma teoria funcional completa, que, entretanto, ainda **se acha** em fase de elaboração. (Idg089).*

45. Este modo de pensamento **se acha** livre do "princípio de realidade" e está em relação direta com o "princípio de prazer". (25430).

46. Nessa perspectiva, antes da criação do EFG a doação não **se achava** onde mais se falava dela, mas sim entre os próprios profissionais, entre os quais podemos supor que funcionava uma lógica de troca social segundo a qual as trocas não mercantis entre atores levavam tanto reciprocidade como às relações de poder<sup>26</sup>. (25276).

Assim como os exemplos acima que estabelecem relação entre duas entidades (Portador-Atributo), descrevendo aspectos estudados e discutidos nos artigos, parte das ocorrências com *fazer* (19%) também é usada dessa forma:

47. Contudo, a ofensiva da burguesia contra a classe trabalhadora **fez-se** presente como no passado, buscando recompor a taxa de exploração e, dessa forma, a rentabilidade. (econ012).

48. Essa autoridade **faz-se** presente na noção de identidade como instável e como processo, ao invés de entidade, nas teorias de representação de Hall (1997), ou na teoria pós-colonial de Bhabha (1994).... (Idg105).

49. É essa acepção que **se faz** presente no conceito moderno de sociedade, na qual reina a unidade muda, consenso anônimo, opinião única e de ninguém, inviabilizadora do aparecimento de comunidades políticas que tornem possíveis as relações entre pessoas e conexões entre seres humanos livres e ativos. (25482).

A maioria das ocorrências de *encontrar*, com *se*, é de construções relacionais (*estar*). Seus usos estão ligados à caracterização e avaliação dos resultados obtidos na pesquisa, como mostram as ocorrências abaixo:

50. Encontramos um *p*-valor= 0,021484, isto é, o resultado **se encontra** na região de rejeição. (Idg026).

51. Esse resultado **encontra-se** de acordo com o obtido por Barros<sup>3</sup>, que verificou - em uma amostra homogênea em relação ao tipo e à severidade inicial da má oclusão - que a realização de extrações de dois pré-molares superiores... (od\_v15\_6).

52. Dos resultados mostrados na Figura 2 observa-se que à medida que a solução é exposta ao LED, a intensidade da luz proveniente da solução diminui em toda faixa de comprimento de onda investigado, e o pico de

*máxima intensidade, que **se encontra** inicialmente em torno de 500 nm.. (pol.12).*

Ao usar o clítico com o processo *encontrar*, os autores avaliam os resultados obtidos na pesquisa, descrevendo-os sem se representarem nos artigos. A diferença de significado de *encontrar* com e sem o *se* pode ser observada no exemplo 50, em que *encontrar* na primeira oração tem significado de *achar*, descobrir (material) e o *p-valor* é a Meta. Em *encontramos um p-valor= 0,021484*, o Ator (nós) age sobre a Meta, diferente da relação estabelecida na segunda oração - *o resultado se encontra na região de rejeição*, em que o significado do processo *encontrar* é *estar*, representa uma característica/avaliação do *resultado*.

Orações atributivas também são utilizadas para descrever os procedimentos ou materiais utilizados na pesquisa:

53. *Este regime térmico **se encontra** na faixa de temperatura na qual a maior parte das sementes nativas estudadas germina... (cbio6).*

54. *Nela, fica evidenciado que a baixa difusividade térmica do material do molde fabricado em compósito epóxi/alumínio decorre dos baixos valores de condutividade térmica, que para a maioria dos materiais poliméricos **encontra-se** na faixa de 0,1-0,4 W/m×K... (pol4).*

55. *O Jasper Jumper [aparelho] **encontra-se** disponível em 7 diferentes comprimentos, de 26mm (tamanho 1) a 38mm (tamanho 7), com intervalos de 2mm (Fig. 1). (od146\_5).*

Essas orações possuem, em geral, Portadores que remetem a procedimentos ou equipamentos característicos da área de pesquisa que o artigo pertence, fazem parte da seção materiais e métodos ou metodologia.

Os verbos analisados acima, com significado de *estar*, também são utilizados em construções estativas – *estar* + verbo no *particípio passado*. Nestas construções, não há possibilidade de se ter um Agente, pois ele está suprimido, não sendo admissível, podendo gerar uma oração não aceita pela gramática, segundo Givón (1981; 1994). Em termos sistêmicos, pode-se dizer que nas construções estativas, o participante (*Ator*, *Dizente* ou *Experienciador*, por exemplo) está suprimido. As estativas assemelham-se às existenciais, pois possuem apenas um participante na oração:

56. Adotamos a distinção feita por Van Valin e LaPolla (1997) entre as hierarquias de acessibilidade nas línguas nominativo-acusativas e nas absolutivo-ergativas, às quais adicionamos a função de Recipiente. O resultado **acha-se exposto** na Tabela 10:... (ldg008).

57. Já os pacientes paraibanos demonstraram um maior interesse no tratamento cirúrgico (facial) deste caso do que seus respectivos profissionais, o que é perfeitamente compreensível, em se tratando de um caso cuja proeminência nasal parece responder por boa parte da convexidade facial e a oclusão geralmente **se encontra compensada** nestes casos (Quadro 4). (odrdp003).

58. O município de Araruna **encontra-se situado** a 23o 55' de Latitude Sul e a 52o 30' de longitude Oeste de Greenwich, com altitude média de 660 m. (25843).

Como se pode observar, os verbos *achar* e *encontrar* têm significado de *estar* e são acompanhados de verbos no particípio passado indicando um estado. Apesar do significado de *estar*, essas orações diferem das relacionais descritas anteriormente nesta análise, utilizadas para caracterizar, avaliar objetos de estudo, metodologias e resultados obtidos. Em 56, 57 e 58 se têm construções estativas que, assim como as existenciais, descrevem um estado de existência. Os tipos de circunstâncias usadas nas orações acima também se assemelham às usadas nas orações existenciais – *circunstâncias de lugar*.

Ao fazer uso de orações estativas, os autores dos artigos optam por descrever os resultados (como em 56 e 57) ou descrever algo (como o *município de Araruna*, em 58), sem representar uma ação que implica na participação de um Agente.

#### 4.3.3 Agnatos com *se* com significado de *ficar*

O verbo *tornar* é o único que ocorre com significado de *ficar* no corpus desta pesquisa, totalizando 962 ocorrências com significado unicamente relacional. O significado de *ficar* marca uma mudança, algo que passou a ser diferente na área de estudos, ou até mesmo na própria pesquisa.

O verbo *tornar* ocorre acompanhado de *necessário/necessária* em 11,5% das ocorrências e seu uso com o clítico *se* não pode ser considerado

modalidade objetiva explícita, como ocorre com o verbo *fazer*, como se observou em casos anteriores, que também acompanhavam *necessário/necessária*, pois não se trata de uma opinião “disfarçada”, mas uma mudança, algo que era de uma forma passou a ser de outra, como mostram os exemplos:

59. *Ainda que as dificuldades para reagir a ela sejam graves e inúmeras.*

***Torna-se necessário*** refletir sobre esse fenômeno social brasileiro e extrair as suas consequências para o trabalho dos professores. (meioamb17).

60. *Esses autores observaram, por exemplo, que as brotações de Betula pendula têm maior quantidade de galhos do que as plantas intactas na primeira estação de crescimento. Assim, torna-se necessário entender a distribuição de reservas entre as diferentes partes desses dois grupos de plantas.... (encaor).*

61. *Tanto em um caso como em outro, o objeto pode ser definido como estando instalado no seio da diferença temporalmente marcada. Se é assim, torna-se necessário averiguar quais os critérios de seleção exigidos por esta definição do objeto da história.... (25478).*

Essas ocorrências foram retiradas das introduções dos artigos e as mudanças, representadas pela construção *torna-se necessário*, são usadas para representar a importância do estudo que é feito no artigo, como uma justificativa.

Com o mesmo significado de *torna-se necessário*, a formulação *torna-se importante* acompanhada de verbo no infinitivo também é utilizada, como pode ser visto abaixo:

62. ***Torna-se importante*** salientar que com esta (re)leitura, não se está negando o incomensurável valor dos estudos anteriores, pois, graças a eles, as línguas de sinais passaram a ser reconhecidas em seus respectivos países, a circularem nos meios acadêmicos e a serem consideradas como fundamentais para a educação dos surdos. (Idg043).

63. *Considerando o fato de esses biótipos poderem apresentar resistência a outros herbicidas que atuam na mesma enzima, torna-se importante verificar a presença de resistência múltipla a diferentes produtos, cuja*

*atuação se dê em outras enzimas no vegetal, para que a planta daninha possa ser controlada de modo eficaz. (25876).*

64. ***Torna-se importante***, contudo, o estudo da concentração do pigmento fluorescente e da rotina de análise para que os resultados obtidos sejam precisos e representem, adequadamente, a cobertura obtida em pulverização. (25863).

Essas ocorrências, assim como as anteriores, ocorrem com frequência nas considerações finais/conclusão ou, ainda, na introdução. Os exemplos foram encontrados na introdução e destacam a relevância das pesquisas. O último exemplo, por outro lado, é utilizado para mostrar as delimitações do estudo, único que se encontra na conclusão do artigo.

Outra construção usada é *torna-se possível* que ocorre em orações não-finitas (em 65 e 66) ou em orações finitas com sujeito simples (em 67). Diferente das construções anteriores, essa possui uma modalização que faz parte do eixo da *probabilidade e certeza*:

65. *Desta forma, de posse de alguns parâmetros de qualidade de água que podem ser obtidos com certa facilidade, **torna-se possível** estimar a formação de THMs para águas naturais submetidas a processos de cloração de forma relativamente simples, sem que seja necessário o desenvolvimento de complexas equações de regressão que necessitem de elevado número de parâmetros de entrada. (eng.amb6).*
66. *Utilizando o perfil de velocidade, **torna-se possível** determinar a distribuição de concentração da substância no rio a partir da aproximação numérica da Equação 3. (enmabf).*
67. *Hoje, entretanto, o enfoque antropológico permite uma reorientação das problemáticas, reconhecendo que o processo histórico missioneiro foi igualmente marcado por suas origens Guarani. **Torna-se possível**, portanto, a recriação do passado, segundo a memória social e a identidade das minorias culturais... (econ35).*

Essas construções são usadas para expressar mudança decorrente da obtenção de dados para a atividade da pesquisa, representada nas orações encaixadas antepostas (em 65 e 66), ou depois da evolução das descobertas na área, como em 67, causada pela inclusão de *tornar-se possível* o mesmo que *passar a ser possível*. Assim, *tornar* ocorrendo com generalizações, como

o primeiro elemento do sintagma verbal, incluindo o modo e o verbo e, também, funcionando como verbo principal da oração, insere mudança de estado para possibilidade (*algo fica possível/passa a ser possível*). Nos exemplos acima, *torna-se possível* é seguido de verbo no infinitivo ou, como em 67, da nominalização *recriação*. Em 66', *torna-se possível* pode ter como sujeito qualquer pesquisador:

66'. *Utilizando o perfil de velocidade, **torna-se possível** /qualquer pesquisador determinar a distribuição de concentração da substância no rio...*

A maioria das ocorrências de *tornar* (88,5%) é acompanhada de outros atributos como os abaixo:

68. *Entretanto, a utilização de contrastes com essa finalidade **torna-se** trabalhosa à medida que o número de tratamentos aumenta. (25657).*

69. *Dos 10 aos 13 anos, a contribuição dos meninos era de 15% e a das meninas, 12%, diferença que **se torna** significativa dos 14 aos 17 anos quando a contribuição dos meninos passava para 21% e a das meninas para 17% ( $p < 0,001$ ). (econ47).*

70. *Se ainda por cima se acrescentam estruturas de subjetividade em relação ao gênero ou à raça, então o modelo **se torna** complicado demais para ser controlado. (25363).*

71. *Em geral, a incineração não é usada com o intuito único de redução de volume, pois, se comparada com outros processos, ela **se torna** economicamente inviável, quando adotada apenas para essa finalidade. (meioamb34).*

Construções como as acima, com *tornar* + atributo, são utilizadas para avaliar aspectos discutidos e/ou trabalhados na pesquisa, podendo ser um método (em 68 e 70), resultados (em 69) e estudos precursores (70). Destaca-se o uso de nominalizações nas primeiras orações, como: *a utilização*, *a contribuição* e *incineração*, utilizadas para condensar informação.

#### 4.3.4 Agnatos com se com significado de *permanecer*

As construções desse grupo compartilham as características dos verbos *ficar* e *estar*. No entanto, ao contrário das construções com esses verbos que representam só uma mudança de estado ou descrevem uma situação do momento, as construções deste grupo representam uma permanência, uma continuidade.

No corpus de estudo, apenas o verbo – *manter*, quando ligado ao clítico *se*, tem significado de *permanecer*. A maioria das ocorrências desse verbo possui significado relacional, como se pode observar abaixo:

72. *Esse traço mantém-se relevante mesmo nos casos de antecedentes com o traço [-animado] que representam um conjunto com elementos de traço [+animado], como igreja, clube, sindicato, cooperativa, ilustrados nos exemplos 7 e 8. (ldg021).*

73. *A segunda fase é a de sustentação labial. É nessa fase que o sorriso se mantém dependente do estímulo. (odrdpv15.9).*

74. *O conteúdo relativo de água manteve-se praticamente constante nos primeiros sete dias de suspensão da irrigação, quando a umidade do solo esteve entre 16 e 24% (25975).*

Nas ocorrências acima, o clítico *se* ligado ao verbo *manter* permite a interpretação relacional com significado de *permanecer*. Os Atributos *relevante*, *dependente* e *constante* avaliam os Portadores, contribuindo para a descrição do objeto de estudo (72 e 73) e dos resultados obtidos no experimento (74). Os exemplos 73' a 73''', refraseando a construção 73 com diferentes verbos relacionais, mostram que outros relacionais podem ocorrer, com as devidas alterações de significado:

73'. *A segunda fase é a de sustentação labial. É nessa fase que o sorriso é dependente do estímulo.*

73''. *A segunda fase é a de sustentação labial. É nessa fase que o sorriso fica dependente do estímulo.*

73'''. *A segunda fase é a de sustentação labial. É nessa fase que o sorriso está dependente do estímulo.*

73'''. *A segunda fase é a de sustentação labial. É nessa fase que o sorriso permanece dependente do estímulo.*

As construções abaixo, com o verbo *manter*, são utilizadas, no corpus, em descrições de aspectos estudados no artigo, geralmente encontradas nas introduções (75) e na resenha teórica (76 e 77):

75. A Ilha Grande **manteve-se** com uma população estável, à margem de grandes intervenções na natureza, da especulação imobiliária e de grandes fluxos de turismo. (m.amb46).

76. O ensino público universitário **manteve-se** gratuito, embora a ampliação do ensino superior passasse a depender, principalmente, da criação de universidades privadas e pagas. Já em meados dos anos de 1970, as consequências dessas escolhas faziam-se sentir: a proliferação de cursinhos particulares pré-vestibulares, a ampliação da rede privada de ensino primário... (25287).

77. Observa-se, no estudo de Tarallo, que a opção pela relativa padrão se mantém estável nos três primeiros períodos, perdendo terreno no quarto. A relativa com pronome resumptivo **se mantém**, como diz o autor, marginalmente ao longo dos quatro períodos. (ldg022).

As construções 75 e 76 possuem Atributos acompanhando o *manteve-se*, enquanto em 77 não há Atributo, apenas o significado permanência. Além das descrições acima, sobre o ambiente de estudo ou sobre aspectos estudados como o *ensino público universitário* e a *relativa padrão*, construções como essas são também utilizadas para descrever o resultado da pesquisa, em geral, na discussão dos resultados obtidos ou na conclusão/considerações finais. Pode-se observar esse uso nas ocorrências abaixo:

78. O aumento na incidência dos microrganismos esteve associado com a redução na germinação das sementes de café. O fungo *Fusarium semitectum* **manteve-se** em níveis elevados até por 12 meses nas sementes acondicionadas em embalagens de papel kraft e algodão. (25964).

79. O ângulo ANB tende a diminuir nos casos de aumento do ângulo SNB devido à rotação anti-horária da mandíbula. O ângulo ANB **mantém-se** ou aumenta com a rotação horária da mandíbula. (odrdp14.1).

80. Embora tenha havido aumento da reflectância com a retirada do ferro amorfo, a forma das curvas pouco se alterou, revelando que a presença dessa forma de ferro relaciona-se mais com o albedo do solo do que

com a forma da curva. Esse fato fica claro quando se observa a feição de absorção em 850 nm, a qual **se mantém** inalterada, mudando apenas de magnitude. (25823).

Nessas ocorrências, os resultados de pesquisa são representados com base nos experimentos realizados. Isso pode ser observado em 78, na descrição da permanência do *fungo* (Portador) *em níveis elevados* (Atributo), em 79 na descrição do *ângulo ANB* (Portador) e em 80 em que a observação do experimento, permite a descrição da *feição de absorção* (Portador).

#### 4.3.5 Agnatos com se com significado de acontecer/ocorrer

Neste subitem, são analisadas as construções que ocorrem no corpus com significado existencial de *acontecer/ocorrer*. Os verbos que, com o clítico *se*, possuem esse significado são: *realizar*, *manifestar*, *dar* e *estabelecer*, organizados quantitativamente na tabela abaixo:

Verbo	Existenciais		Relacionais		2(E e R)		Desfocamento		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Realizar	173	31	0	0	0	0	385	69	558	100
Dar	225	45	4	0,5	145	29	127	25,5	501	100
Manifestar	124	76,5	0	0	0	0	38	23,5	162	100
Estabelecer	24	22	0	0	0	0	86	78	110	100
<b>Total</b>	<b>546</b>	<b>41</b>	<b>4</b>	<b>0,3</b>	<b>145</b>	<b>10,7</b>	<b>636</b>	<b>48</b>	<b>1331</b>	<b>100</b>

Tabela 7: Agnatos com se e significado de *acontecer/ocorrer*.

Nos artigos, as ocorrências dos verbos *realizar*, *manifestar* e *estabelecer* têm por função discutir aspectos teóricos, descrevendo-os como ocorrem:

81. *Para o autor a "sublimação (repressiva) da sexualidade" difere da "sublimação de Eros" na medida em que a primeira **se estabelece** no contexto de uma sociedade repressiva e a segunda numa sociedade transformada. (25430).*

82. *Rattner caracteriza a globalização como o resultado de um processo histórico cujos fatores dinâmicos são a concentração-centralização do capital, o desenvolvimento dos meios de comunicação... Essa tendência **manifesta-se**, também, na difusão de padrões de organização econômica e social... (meioamb013).*

83. *O ato de intelecção **realiza-se** sem cessar. É difícil dizer onde começa e onde termina o esforço intelectual. (25354).*

84. *Alguns trabalhos comprovam o efeito positivo da adubação orgânica sobre a produção e a qualidade... principalmente em solos de clima tropical, onde a decomposição de matéria orgânica se realiza intensamente (Silva, 2002). (ensebsn).*

Pode-se notar que os verbos acompanhados do clítico *se*, nas ocorrências acima, possuem significado de *acontecer/ocorrer*, sendo que o participante Existente localiza-se à esquerda do verbo e à direita circunstâncias de lugar (em 81) e modo (em 83 e 84). Pode-se pensar que essas ocorrências são construções passivas, porém o significado seria diferente, pois em uma construção passiva, mesmo com o participante omitido (Ator, Dizente, Existente, etc.), se supõe que aquela ação foi feita por um participante humano. Para Said Ali (1966/2008:116), admitir o sentido passivo é admitir a possibilidade de um agente tanto oculto como expreso.

Ao contrário das orações materiais em que um agente age sobre um objeto, o Ator age sob a Meta, as orações existenciais anunciam a existência de algo. Thompson (1996:101), no caso do inglês, discute que as orações existenciais, em geral, têm o verbo *ser*, porém os outros verbos que comumente ocorrem são diferentes de atributivos ou identificadores. A construção mais comum é com *there*, que não tem uma função representacional, mas é necessária como um Sujeito.

Assim como no inglês, em português, em orações deste tipo, o falante renuncia à oportunidade de se representar nos acontecimentos. É uma característica distintiva estrutural que promove um sinal de renúncia, podendo ser visto como um recurso do autor apenas observar, em vez de participar do fluxo informacional do texto. É o caso de orações como 81 de duas maneiras – como uma construção existencial ou passiva:

81'. *Para o autor a "sublimação (repressiva) da sexualidade" difere da "sublimação de Eros" na medida em que a primeira **ocorre** no contexto de uma sociedade repressiva e a segunda numa sociedade transformada.*

81". *Para o autor a "sublimação (repressiva) da sexualidade" difere da "sublimação de Eros" na medida em que a primeira **é estabelecida** no contexto de uma sociedade repressiva e a segunda numa sociedade transformada.*

Mesmo com o Agente omitido, como em 81", há um resquício de Agente, nesse caso, Ator. Isto é, pressupõe-se um Ator que está omitido

porque a ação é mais importante nesse gênero do que o Agente. Por outro lado, nas construções existenciais, não se pressupõe um Agente (Ator, no caso de processos materiais, por exemplo), visto que o autor renuncia à possibilidade de se representar no texto. Esse fenômeno também ocorre nas ocorrências 82, 83 e 84.

Ao contrário das demais ocorrências acima, 81 e 82 podem ainda ser interpretadas com significado estativo:

81". *Para o autor a "sublimação (repressiva) da sexualidade" difere da "sublimação de Eros" na medida em que a primeira **está estabelecida** no contexto de uma sociedade repressiva e a segunda numa sociedade transformada.*

82', *Rattner caracteriza a globalização como o resultado de um processo histórico cujos fatores dinâmicos são a concentração-centralização do capital, o desenvolvimento dos meios de comunicação... Essa tendência **está manifestada**, também, na difusão de padrões de organização econômica e social... (meioamb013).*

Nas orações estativas não há possibilidade de haver um Ator, pois ele está suprimido, não sendo admissível, posto que geraria uma construção não aceitável pela comunidade acadêmica, uma vez que não foi encontrada, no corpus desta pesquisa, nenhuma construção como a abaixo:

81"". *Para o autor a "sublimação (repressiva) da sexualidade" difere da "sublimação de Eros" na medida em que a primeira **está estabelecida pelas pessoas** no contexto de uma sociedade repressiva e a segunda numa sociedade transformada.*

As estativas estão relacionadas à detransitividade, domínio funcional que, segundo Givón (1981; 1994) envolve construções semanticamente menos ativas, menos transitivas, mais estativas que a construção ativa. É importante observar que, do grupo de verbos que têm significados existenciais quando ligados ao se, apenas algumas ocorrências (8,3%) de *estabelecer* podem possuir significado estativo. Nota-se que *estabelecer* é seguido da conjunção *como*:

85. O conceito de gênero **se estabelece** entre nós como uma ferramenta de teorização e de explanação (cf.: Bunzen 2006:153) sobre como a

*linguagem funciona associada a objetivos e atividades para criar e recontextualizar interações sociais. (Idg009).*

86. *Tal especificidade, por sua vez, **se estabelece como** uma forma particular de capital que é convertido nas frequentes transações e injunções entre o campo dos economistas e o campo da economia... (25389).*

As formas no presente de *realizar*, *manifestar* e *estabelecer* são as que podem possuir ocorrências com significado existencial, pois a maioria das ocorrências está no passado e têm significados passivos, à exceção de:

87. *O escoamento **manifestou-se**, primeiramente, no SAC de menor declividade (0,5%), seguindo-se para os demais SACs, na ordem do de menor para o de maior declividade. (enmabn).*

88. *Embora nunca tenhamos concordado com alguns registros da tradição gramatical no sentido de que o imperativo deriva do modo indicativo, não há como negar a homonímia que **se estabeleceu** entre formas do modo indicativo e o imperativo, o que pode provocar, hoje, uma relação mais direta entre imperativo verdadeiro e modo indicativo. (Idg101).*

89. *No ano seguinte, mostraram-se mais evidentes as ações do poder público municipal: a Prefeitura voltou-se para a execução de maiores investimentos na festa, afora aqueles já destinados aos desfiles de escolas de samba. Isto **se manifestou** na tentativa de resgatar o pólo da folia de rua... (encon023).*

90. *Essa valorização de uns e desvalorização de outros configura a dialética da exclusão/inclusão que **se estabeleceu** na Alfa. (25919).*

As ocorrências acima têm significado existencial, assim tem-se: o escoamento *ocorreu* no SAC..., o efeito positivo do hidrocondicionamento *ocorreu* nas sementes..., isto *ocorreu/aconteceu* na tentativa de resgatar.... Assim como os exemplos acima, os seguintes têm significado existencial e também aceitam rephraseamentos para a passiva:

91. *É nesse período que **se realizou** em Chicago, em agosto de 1941, um encontro sobre pesquisa interdisciplinar em comunicação de massa... (Idg027).*

92. *Já em 2000, ano em que **se realizou** o II Encontro em Pelotas, os benefícios desse ensino sobrepuseram-se aos possíveis percalços de*

*sua implantação, sendo uma das proposições estabelecidas, a de que o estudo da língua estrangeira fosse gradualmente estendido às séries iniciais do Ensino Fundamental. (Idg019).*

Diferente das ocorrências acima que são utilizadas para representar a existência de um evento, as orações com significado existencial podem ser utilizadas na descrição de aspectos metodológicos da pesquisa, como se pode observar nas construções abaixo:

93. *O monitoramento dos sensores **dá-se** por meio de comparação. Toda vez que existe alteração elevada da leitura de distância realizada pelo sonar, o programa interpreta como posicionamento indevido... (c.agrárias10).*

94. *Essa eliminação **dá-se** por um mecanismo de checagem, que consiste no apagamento de traços não interpretáveis quando um constituinte, portador de tais traços, se move para uma posição na estrutura sentencial a partir da qual ele pode contrair relações com uma categoria portadora de traço compatível para a checagem e consequente apagamento de tais traços. (Idg097).*

95. *A recategorização dessa ordem **se dá**, por exemplo, quando a relação entre dois (ou mais) referentes é do tipo todo-parte, classe-membro, hipo-/hiperonímia, associação, metonímia. (Idg016).*

Nos exemplos acima, pode-se notar o uso de nominalizações em posição de sujeito e o uso da preposição *por* parece enfatizar o significado existencial das construções:

93'. *O monitoramento dos sensores **ocorre** por meio de comparação.*

93''. *O monitoramento dos sensores **acontece** por meio de comparação.*

Há outras construções com *dar* que ocorrem com o clítico *se* com significado existencial:

96. *Após um período de estabilidade relativa desse padrão, com a coocorrência dos dois marcadores negativos, é possível que o não que antecede o SV seja completamente omitido na fala, via reanálise, tendo com resultado a estrutura SV + não, que, por sua vez, passa a sofrer o processo de gramaticalização, a exemplo do que **se deu** no francês. (Idg054).*

97. *Contrariamente ao que **se deu** com a privatização, quando os editoriais tratam das manifestações, a argumentação constrói uma imagem negativa das manifestações, o que se pode observar nos seguintes recursos... (ldg046).*

98. *Ademais, o acesso à base material necessária à constituição da estrutura industrial não **se deu** livremente no mercado internacional, mas sim dependente fundamentalmente... (econ42).*

Nota-se que nas construções acima não há a preposição *por* nem nominalizações como as anteriores. Pode-se notar, nessas ocorrências, a presença de apenas um participante, o Existente (*processo de gramaticalização, privatização e o acesso*). Nota-se que não se pode fazer rephraseamentos com outros verbos existenciais e nem com relacionais, apenas com o existencial *ocorrer*:

98'. *Ademais, o acesso à base material necessária à constituição da estrutura industrial não **ocorreu** livremente no mercado internacional...*

Construções como as acima são utilizadas para representar uma existência, por isso seu significado existencial.

Além dessas ocorrências com significado existencial, foi encontrada apenas uma ocorrência com significado de *ficar* em uma oração estativa:

99. *Valores maiores indicam que o comprimento total do arco inferior está aumentado e foi observado que os indivíduos com Oclusão Normal apresentaram um arco estatisticamente igual aos com Classe II e com Classe III e estatisticamente diferente aos com Classe I, sendo que neste essa medida **manifestou-se** aumentada. (odrdp017).*

Apesar do tipo de a estativa mais comum, segundo Camacho (2002), ser a formada por *estar* +verbo no particípio passado, *ficar* também forma orações estativas e, nesse contexto, é utilizada para representar o que foi observado na pesquisa.

#### 4.3.5 Agnatos com se com significado de *haver/existir*

A maioria das ocorrências de *encontrar* (91,3%) é utilizada em construções relacionais, com significado de *estar* e, conforme foi mostrado anteriormente nesta análise, são utilizadas para caracterizar e avaliar os resultados obtidos na pesquisa.

No entanto, há uma pequena parte das ocorrências de *encontrar* que pode ter significado existencial, o que corresponde a 6.3%. Pode-se observar, nas ocorrências abaixo, o significado existencial que esse verbo possui:

100. *Em N. Leite (1994) encontra-se uma discussão interessante utilizando essa categorização. (Idg087).*

101. *Em Nietzsche não se encontra a tensão entre o racional e o irracional... (25467).*

102. *Na Biblioteca da Pós-graduação em História, Antropologia e Ciência Política da UFF, encontra-se um livro pouco conhecido do público brasileiro, mas que trata de autor de inegável influência nas historiografias medieval e moderna... (25205).*

Nos exemplos acima, *encontrar* tem significado de *haver* ou *existir* e representa a existência de algo, nesses casos - *uma discussão, a tensão e um livro*. Como se pode observar, os rephraseamentos aceitam tanto o significado de *haver* como o de *existir*:

100'. *Em N. Leite (1994) há/existe uma discussão interessante utilizando essa categorização. (Idg087).*

101'. *Em Nietzsche não há/existe a tensão entre o racional e o irracional... (25467).*

102'. *Na Biblioteca da Pós-graduação em História, Antropologia e Ciência Política da UFF, há/existe um livro pouco conhecido....*

Os primeiros itens das orações acima: *em N. Leite (1994), em Nietzsche e na Biblioteca da Pós-graduação em História, Antropologia e Ciência Política da UFF* são consideradas circunstâncias de lugar.

O mesmo ocorre com o verbo *ter* que sem o clítico *se* funciona como relacional, porém, com esse clítico, pode ter significado de *haver*. Das ocorrências totais, apenas 12% possui esse significado:

103. No diagrama 1, **tem-se** uma forma de ocupação monocêntrica, enquanto no 2 existem diversos núcleos separados espacialmente. (m.amb18).

104. Na Figura 1 **tem-se** a estrutura do corante amaranço e a do corante azul brilhante. (eng.san6).

105. Mas no infinitivo latino **tinha-se** o radical [fatš] e no particípio [fak]. Logo, nas correspondências fonéticas, a evolução foi a seguinte: [tš] > [z] no contexto [a] — [-e]; e [ak] > [ey] no contexto — [t]. (ldg072).

As circunstâncias (lugar), assim como nas ocorrências anteriores, são os primeiros itens das orações que possuem apenas um participante – o Existente. Essas orações são utilizadas para apresentar elementos gráficos (diagrama, figura, quadro, etc.) e discutir aspectos teóricos da pesquisa.

No quadro abaixo, há uma síntese dos diferentes usos e significados desse grupo de verbos descrito nesta categoria com base nas ocorrências do corpus de estudo:

Significados/ Verbos/Usos		Descrição da pesquisa realizada	Definição de aspectos teóricos	Descrição de aspectos metodológicos	Avaliação dos métodos utilizados	Descrição dos resultados obtidos	Discussão de novas possibi- lidades <sup>21</sup>
<b>Ser</b>	Fazer	X					
	Dar		X	X			
	Tratar	X	X	X	X		
	Apresentar			X	X	X	
	Mostrar					X	
<b>Estar</b>	Encontrar			X		X	
	Achar	X				X	
	Fazer						X
<b>Ficar</b>	Tornar	X		X		X	X
<b>Perma- necer</b>	Manter	X				X	
<b>Ocorrer</b>	Realizar		X				
	Manifestar		X			X	
	Dar		X	X	X		
	Estabelecer		X			X	
<b>Haver</b>	Encontrar		X				
	Ter		X				

Quadro 13: Síntese dos usos das construções agnatas.

<sup>21</sup> Novas possibilidades de estudo, de material, etc.

## 5. Considerações finais

Nesta tese, foram analisadas as construções com a partícula *se* em 1225 artigos científicos, de diferentes áreas da ciência, publicados em revistas indexadas na plataforma *scielo*, o mais importante site de periódicos brasileiros, escolhido tendo em vista os rígidos critérios de seleção do site.

A discussão e a análise dos dados, no capítulo 3, mostram que os usos do clítico *se* não estão somente ligados a termos sintáticos descritos tanto em livros didáticos como em gramáticas normativas, mas estão intimamente ligados ao significado que o *se* desempenha no contexto em que está inserido.

O arcabouço teórico e metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional permitiu descrever e analisar os usos do *se* em artigos científicos produzidos em situação real de comunicação, no caso os artigos de pesquisa. O ambiente situacional e o cultural foram levados em conta na análise das escolhas gramaticais feitas nos textos. As metafunções permitiram discutir os significados gerados quando tipos de verbos se ligam ao clítico, bem como discutir a distinção dos tipos de desfocamento de participantes e a ausência de participante agente nos textos.

O instrumento computacional utilizado, o programa *WordSmith Tools* (Scott, 2008), possibilitou o trabalho com uma grande quantidade de textos, fornecendo dados estatísticos e organizando-os a partir do item selecionado *se* para um estudo sistemático e minucioso de cada ocorrência e dos contextos em que ocorrem.

A metodologia utilizada torna o trabalho diferenciado, pois ao contrário de muitos estudos sobre este clítico, resenhados na Fundamentação Teórica da tese, que são baseados em exemplos artificiais, criados para efeito de exemplificação, esta tese conta com um corpus real de artigos escritos para serem compartilhados na comunidade científica nacional.

Retomando a pergunta geral desta tese:

*Quais os diferentes padrões de uso do clítico se em artigos científicos e Como esses padrões se distinguem do ponto de vista semântico e lexicogramatical?*

Tendo em vista o contexto da pesquisa, esta conclusão faz menção aos contextos de estudo. No entanto, essa restrição se deve ao rigor da análise que tanto quanto se pode verificar são válidas, salvo demonstração contrária, para

qualquer contexto de uso do clítico *se*. Foram encontrados três padrões de uso desse clítico que ocorrem em três tipos diferentes de construções: *médias*, *com desfocamento de participante* e *agnatas*.

Nas **construções médias** não se pressupõem um participante explícito; a oração parece ocorrer sozinha, sem um participante com caráter de Agente. Nessas construções ocorre um participante inanimado, em geral, utilizado para apresentar o objetivo da pesquisa, introduzir um conceito teórico, descrever aspectos metodológicos ou, ainda, descrever resultados obtidos.

As construções com **participante desfocado**, por sua vez, podem ser subdivididas em:

- *desfocamento de alto grau* quando todos os participantes estão desfocados, ou seja, um tipo de desfocamento mais geral e, portanto, mais genérico;
- *desfocamento de médio grau* ocorrendo quando a comunidade acadêmica está desfocada, supondo-se que o autor e o leitor, por fazerem parte dessa comunidade, também estão desfocados;
- *desfocamento de baixo grau* que ocorre em orações em que a participação do autor do artigo ou de um pesquisador citado é pressuposta pelo contexto.

Essas construções com participante desfocado são utilizadas para discutir conceitos teóricos, muitas vezes, partilhados pela comunidade acadêmica, descrever ações que fazem parte da pesquisa, como descrever resultados obtidos, aspectos metodológicos e, especialmente, reflexões do pesquisador. São construções que, geralmente, começam por verbos que acompanham o clítico *se* e as circunstâncias são fundamentais para definir o tipo de desfocamento, bem como o contexto de ocorrência.

As **construções agnatas** são realizadas por processos materiais que, ocorrendo em contextos com o clítico *se*, possuem significados diferentes de contextos sem *se* funcionando como processos relacionais e/ou existenciais. Neste corpus, são utilizadas para justificar a pesquisa, definir aspectos teóricos ou metodológicos, avaliando-os, bem como resultados obtidos e novas possibilidades de estudo. Os participantes são: no caso das construções relacionais, portador e atributo ou identificador e identificado e nas existenciais, Existente.

O capítulo de análise se desenvolveu a partir das categorias discutidas, acima e as perguntas específicas foram utilizadas para desenvolver o capítulo de análise e alguns de seus aspectos são tratados nestas considerações finais.

A maioria dos processos é material, ocorrendo nas três categorias de análise - nas construções médias, com desfocamento de participante e nas agnatas. Nesta última, seus significados nas construções com o clítico se são relacionais e/ou existenciais. Em menor número, os processos verbais e mentais analisados quando ocorrem com se também possuem significados relacionais e/ou existenciais em certos contextos. Porém em outros, eles possuem particularidades por não possuem construções passivas (analíticas) ou possuírem baixa frequência no corpus, possuindo apenas construções com o se desfocando participantes que são, muitas vezes, o próprio autor/pesquisador do artigo ou seus antecessores. Esses processos são utilizados para representar reflexões e expectativas dos pesquisadores.

O desfocamento pode ser explicado como um fenômeno característico da linguagem científica, que prima em ser sintética e com foco nas ações, nos processos que envolvem as pesquisas e não em quem as fizeram. O alto grau de desfocamento é responsável pela maior imprecisão, quando todas as pessoas podem estar envolvidas. Apensar desta pesquisa não ter analisado esse tipo de ocorrência no corpus de estudo, sabe-se que, em outros contextos, tais construções ocorrem com frequência. O grau médio é quando o desfocamento cobre um grupo, em geral, pesquisadores da área. Pode-se pensar que o leitor, sendo da mesma comunidade científica, está envolvido. Enquanto o baixo grau de desfocamento se dá quando a oração restringe apenas o envolvimento do autor do artigo ou de um antecessor não mencionado, muitas vezes, apenas colocado fora da oração em parênteses. O tempo verbal, as circunstâncias e, principalmente, o contexto de ocorrência contribuem para essa restrição. Esses elementos permitem pressupor o envolvimento do autor, revelando resquícios de sua participação.

Nos artigos, o desfocamento de médio grau foi utilizado como um recurso que contribui para a argumentação do autor, pois representa um conhecimento partilhado pela comunidade científica, dando maior credibilidade a sua proposição.

Assim como Shibatani (1985), nesta tese, ficou demonstrado que a função primária das construções chamadas indeterminadas e passivas não é a promoção do objeto a sujeito, mas sim a desfocalização do Agente (participante, em termos sistêmico-funcionais) que permite diferentes graus de desfocamento, conforme proposta desta tese. Como já propunha Said Ali (1908), essas construções com se são formas destinadas a calar o Agente.

Vale lembrar que esta tese analisa todos os verbos que ocorrem pelo menos 100 vezes nos artigos, utilizados no corpus de estudo. Além do recurso desfocamento de participantes, o uso das construções médias é responsável por uma aparente ausência de participante, dando a impressão de que a ação aconteceu sozinha, sem a influência de um participante (Ator, Dizente, Experienciador, etc.). Essas construções possuem seres inanimados em posição de participante, no entanto, sabe-se que estes não poderiam praticar a ação. Nas construções médias, há uma clara impessoalização no processo. O item lexical em posição de participante é representado como se fosse o responsável pela ação.

A escolha dessa construção permite um distanciamento maior do autor que, ao utilizar um participante inanimado em posição de sujeito, ele não participa da ação ou, como ocorre na maioria dos casos, deixa-se de mencionar o verdadeiro responsável ou por sua menção não ser importante ou, ainda, por ser imprecisa.

As três categorias de análise propostas nesta tese permitem organizar o sistema abaixo:

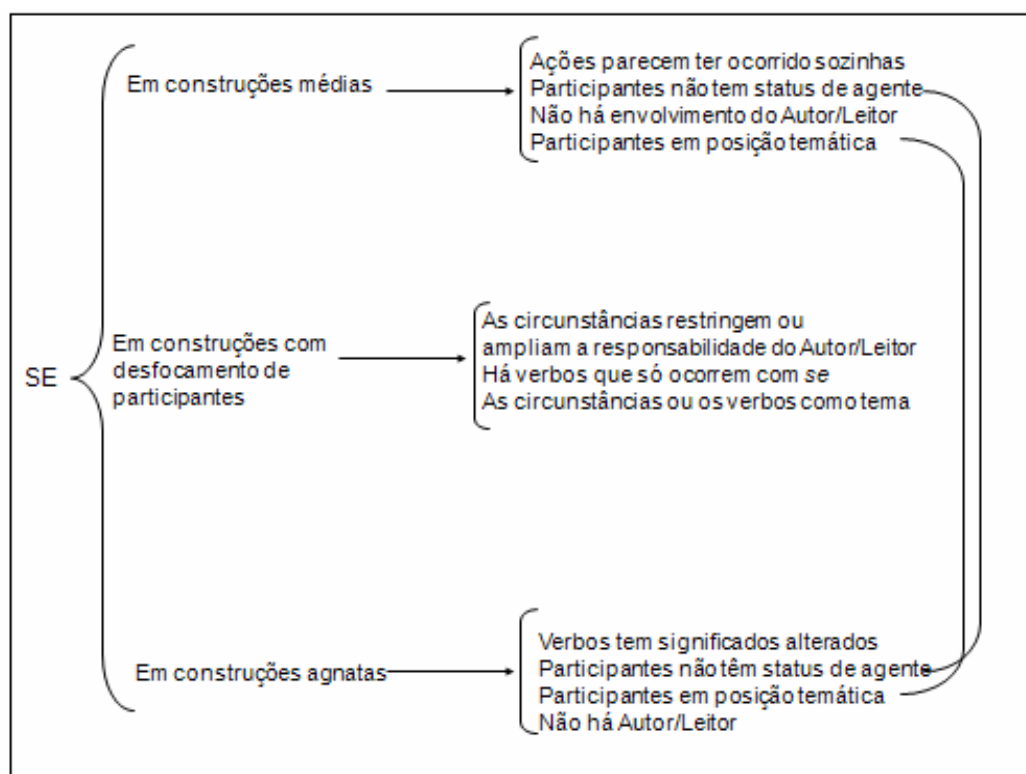


Figura 5: Sistema dos usos do se em artigos científicos.

As três categorias representam construções diferentes que utilizam o clítico e produzem diferentes significados; todos eles estão relacionados às formas de se apagar a voz autoral nos artigos científicos.

Como se pode observar, as categorias um e três possuem semelhanças no que diz respeito aos participantes que não têm status de Agente (Ator, Dizente, Experienciador, etc.) e estão, na maioria das vezes, em posição temática.

Acredita-se que esse sistema possa ser utilizado no ensino de escrita acadêmica ou, até mesmo, adaptado para o uso nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, propondo uma reflexão dos usos do se com base em exemplos reais de gêneros conhecidos pelos alunos.

Julga-se importante um estudo sobre os usos do clítico se em outros contextos, como na mídia impressa, em jornais e revistas de circulação nacional, para analisar se as categorias propostas, nesta tese, podem ser utilizadas para explicar o funcionamento do se mesmo em outros tipos de textos. Espera-se que a diferença entre graus explicitada na categoria dois desta tese, mais precisamente, a diferença entre o alto e médio grau de desfocamento possa ser mais explorada em outros corpora.

Seria interessante também um estudo mais detalhado sobre o uso de orações reduzidas com *se*, que ocorrem com frequência no corpus deste estudo e, parecem ter um significado mais formal e mais impreciso no que diz respeito à voz autoral.

Apesar de utilizar um corpus constituído por artigos científicos de diversas áreas do conhecimento, há a limitação de não ter, de fato, todas as áreas da ciência representadas. Futuramente, as categorias aqui propostas serão testadas em um corpus que contemple todas as áreas da ciência.

Nota-se que o clítico *se* não é o único recurso utilizado, em linguagem elaborada, para desfocar a voz autoral, por isso serão estudados, em pesquisas futuras, outros recursos utilizados para esse fim. Como por exemplo, as metáforas gramaticais (nominalizações) que foram observadas em grande número neste corpus de estudo e são utilizadas para transformar eventos em abstrações. Geralmente, as nominalizações estão em posição temática e são o ponto de partida para a informação nova, enfatizando o processo e desfocando participantes.

## 6. Referências Bibliográficas

ANDERSON, S. 1976. *On the notion of subject in ergative languages*. In: Li. C. (Ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press

ARANHA, S. 1996. *A argumentação nas introduções de trabalhos científicos na área de Química*. Dissertação de Mestrado. PUCSP.

ARANHA, S. 2002. *A otimização da escrita acadêmica através da conscientização textual*. Estudos Linguísticos (São Paulo), São Paulo. v. 1.

ARANHA, S. 2004. *A importância do domínio da língua inglesa e da linguagem acadêmica para a leitura e escrita de textos científicos*. Interciência (Catanduva), Catanduva - SP, v. 1, p. 77-84.

ARANHA, S. 2007. *A busca de modelos retóricos mais apropriados para o ensino da escrita acadêmica*. Revista do GEL (Araraquara), v. 4, p. 97-114.

ARMBRUST, C. 2006. *As funções das construções passivas em editoriais em português e inglês: um estudo a luz da perspectiva sistêmico-funcional*. Dissertação de Mestrado. PUCSP.

ASSIS, R. M. 1980. *Comportamento linguístico do dialeto rural*. Dissertação de mestrado da faculdade de letras da UFMG, Belo Horizonte.

ATKINSON, D. 1996. *The Philosophical Transactions of the Royal Society of London, 1675-1975: A sociohistorical discourse analysis*. Language in Society, v.25, pp. 333-371.

BAGNO, M. 2000. A “subversão herética” do ensino de língua. In: Bagno, M. *Dramática da Língua Portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. São Paulo: Loyola. pp. 219-250.

BAZERMAN, C. 1984. *Modern evolution of the experimental report in Physics: spectroscopy articles in Physical Review, 1893-1980*. Social Studies in Science, 14:163-196.

BECHARA, E. 2000. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.

BERBER SARDINHA, T. 2004. *Linguística de Corpus*. Barueri-SP: Manole.

BERNSTEIN, B. 1971. *Class, code and control*. v.1. Londres: Routledge & Kegan Paul.

BHATIA, V. K. 1993. *Analysing genre: language use in professional settings*. Longman.

BOSQUE, I. & DEMONTE, V. 2006. *Gramática descriptiva de la lengua española*. V. 3. Madri: Espasa Calpe.

CAFFAREL, A., Martin, J. R. & Matthiessen, C. M. I. M. 2004. *Language typology: a functional perspective*. Amsterdam: Benjamins.

CAFFAREL, A. 2006. *A systemic functional grammar of french*. Londres: Continuum.

CAMACHO, R. G. 2002. Construções de voz. In: Abarirre, M. B. & Rodrigues, S. C. A. (org). *Gramática do português falado*. v. 8, pp. 227-316. Campinas: Editora Unicamp.

CAMACHO, R. G. 2003. Em defesa da categoria de voz média no Português. *D.E.L.T.A.*, v. 19.1, pp. 91-122.

CAMARA JR. J. M. 1977. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

CASTILHO, A. T. 1997. A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários*. V. 19, pp.25-64.

CEGALLA, D. P. 1996. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional.

CINQUE, G. 1988. *On si constructions and the theory of Arb*. *Linguistics inquiry*. V. 19, 4.pp. 521-581.

CUNHA, C. & CINTRA, L. 1985. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

d'ALBUQUERQUE, Alair C. R. C. 1984. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. *Tempo Brasileiro*, 78/79.

DE MIGUEL, E. 1992. *El aspecto em la sintaxis del español*. Madri: Ediciones de la Universidad Autônoma de Madri.

DINIZ, C. 2007. *Eu te amo você – O redobro de pronomes clíticos sob uma abordagem minimalista*. Dissertação de mestrado. UFMG: Belo Horizonte.

DIXON, R. M. W. 1994. *Ergativity*. Cambridge University Press.

DUARTE, Y. 1990. As passivas do português e do inglês. *D.E.L.T.A.*, V.6, pp. 139-167.

DUARTE, M. E. L. 2002 *Construções com se apassivador e indeterminador em anúncios do século XIX*. In: Alkmim, T. M. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro*, V. III – Novos Estudos, São Paulo: Humanitas/Fapesp. pp. 155-176.

DUARTE, M. E. L & CAVALCANTE, S. R. O. 2007. *The subject position in Brazilian Portuguese: the embedding of a syntactic change*. Philadelphia: University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics.

EGGINS, S. 1994. *An introduction to Systemic Functional Linguistics*. Londres: Pinter Publishers.

FAIRCLOUGH, N. 2001. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

FARIA, I. H. et al. 1996. *Aspectos da sintaxe do português de Moçambique, introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho.  
[http://www.dgidc.minedu.pt/TLEBS/GramaTICa/variedade\\_africanaPM\\_sintaxe\\_.htm](http://www.dgidc.minedu.pt/TLEBS/GramaTICa/variedade_africanaPM_sintaxe_.htm). Acessado em: 9 de julho de 2009.

GALVES, C. 1987. A sintaxe do português brasileiro. *Ensaaios de Linguística*. vol.13, pp.31-49.

\_\_\_\_\_. 2001. *Ensaaios sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

GIVÓN, T. 1979. *On understand grammar*. New York: Academic Press.

GIVÓN, T. 1994. *Voice and inversion*. Amsterdã: John Benjamins.

GONDIM, E. M. 2011. O uso do clítico na fala culta de Fortaleza. *Revista Entrepalavras da UFC*, ano 1, v.1, n.1, p. 37-47.

GOUVEIA, C. A. M. & BARBARA, L. 2004. Marked or unmarked, that is not the question. The question is: where is the theme? *Ilha do Desterro*, V.46, pp. 155-177.

HALLIDAY, M.A.K.1985. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. 1989. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press.

HALLIDAY, M. A. K. & MARTIN, J. R. 1993. *Writing science: literacy and discursive power*. London: Falmer.

HALLIDAY, M. A. K. 1994. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.

HALLIDAY, M. A. K. 1998. *Things and relations: Regrammaticising experience as technical knowledge*. In J. R. Martin & R. Veel. *Reading science: Critical and functional perspectives on discourses of science*. London: Routledge.

HALLIDAY, M. A. K. 2004. *The language of science*. New York: Continuum.

HALLIDAY, M. A. K. 2004. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold. Third Edition.

HASAN, R. & FRIES, P. H. 1997. *On subject and theme: a discourse functional perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

HAWAD, H. F. 2002. *Tema, sujeito e agente: a voz passiva portuguesa em perspectiva sistêmico-funcional*. Tese de Doutorado. PUC-RJ.

HAWAD, H. F. 2004. *A voz verbal e o fluxo informacional do texto*. D.E.L.T.A., V. 20.1, pp. 97-121.

IKEDA, S. N. 1977. *A função do pronome se*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.

JAEGGLI, O. Tres cuestiones en el estudio de los clíticos: el caso, los sintagmas nominales reduplicados y las extracciones. 1986. In: FERNÁNDEZ SORIANO, O. (Org.). 1993. *Los pronombres átonos*. Madrid: Tauros Ediciones. p.141-172.

JESPERSEN, O. 1968. *The philosophy of grammar*. London: Allen & Unwin.

JOHNS, T. (1992). *It is Presented Initially: Linear Dislocation & Inter-Language Strategies in Brazilian Academic Abstracts in English and Portuguese*. Ilha do Desterro 27. pp.9-32.

KEENAN, E. 1985. *Some universal passives in universal grammar*. CLS 11 pp. 340-352.

KINDAICHI, 1931. *Ainu yuukara gohoo tekiyoo – An outline grammar of the Ainu epic poetry*. Tokyo: Tooyoo Bunko.

LIMA, M. C. 2002. *A voz média no discurso oral do português: uma abordagem funcionalista*. Revista Philologus, V. 23:7, pp. 60-80.

LIMA, M. C. 2005. *Reflexões sobre a medialidade em português*. In: Secções de Linguística. Departamento de estudos portugueses e estudos românicos. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MALINOWSKI, B. 1923/46. *The Problem of Meaning in Primitive Languages*, supplement I to C. K. Ogden and I. A. Richards. *The meaning of Meaning* (8<sup>th</sup> ed, 1946). New York : Harcourt Brace & World, p.296-336.

MANDIKOETXEA, A. 2002. *La semántica de la impersonalidad*. In: Lopes, C. S. 2002. *Las construcciones com se*. Madri: Visor libros.

MANNING, C. D. 1996. *Ergativity – argument structure and grammatical relations*. Stanford: CSLI Publications.

MARTIN, J. R. & VEEL, R. 1998. *Reading science: critical and functional perspectives on discourse of science*. Londres: Routledge.

MONTEIRO, J. L. 1994. *A questão do se*. In: Monteiro, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza, EUFC.

MOTTA-ROTH, D. 1995. *Rethorical features and disciplinary cultures. A genre based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics*. Tese de Doutorado. UFSC.

MOTTA-ROTH, D. 2006. *Escrevendo no contexto: contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional para o ensino de redação acadêmica*. Paper presented at the 33<sup>rd</sup> International Systemic Functional Congress. PUC-SP.

NARO, A. J. 1976. *The genesis of the the reflexive impersonal in Brazilian Portuguese: a study in syntactic change as a surface phenomenon*. *Language* 52:4. pp. 779-810.

NEGRONI, M. M. G. 1996. *La construcción media com se*. *Filologia*. V.29.pp.58-81.

NEGRONI, M. M. G. 1996. *La construcción media com se*. In: Lopes, C. S. 2002. *Las construcciones com se*. Madrid: Visor libros.

NEVES, M. H. M. 2000. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp.

NUNES, J. 1991. Se apassivador e se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, V. 20, pp. 33-59.

NUNES, J. 1995. Ainda o famigerado se. *D.E.L.T.A.*, v. 11.2, pp. 201-240

OLIVEIRA, M. 2005. A natureza do SN e do “clítico” acusativo de terceira pessoa no processo de aprendizagem do PB. *Estudos Linguísticos XXIV*, p.229-234.

\_\_\_\_\_. 2006. Nós se cliticizou-se? In: LOBO, T. et al (Orgs). *Para a História do Português Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, v. VI, Tomo I.

OKUTSU, K. 1983. Why passive? A case study from the point of view of empathy. *Kokugogaku*, v. 132, pp. 65-80.

OTERO, C. P. 1986. *Arbitrary subjects in finite clauses*. In: Keenan, E. 1986. *Formal semantics and natural language*. Cambridge: CUP.

REDONDO, M. J.A. 1974. *Usos do se*. Cuestiones sintáticas y léxicas. Madri: SGEL.

RIZZI, L. 1986. *La monte du subject, le si impersonnel et une règle de réstructuration dans la syntaxe italienne*. Reserarches linguistics. V.4, pp.158-184

ROCHA LIMA, C. H. 2002. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

ROLLEMBERG, V. *et al.* 1991. Os pronomes pessoais e a indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador. *Estudos Linguísticos e Literários*. V. 11, pp. 53-74.

RUWET, N. 1972. *Les constructions pronominales neutres et moyennes*. Théorie syntaxique et syntaxe du français. Paris: Seuil.

SAID ALI, M. 2010. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. 1ª ed. 1908.

SAID ALI, M. 2008. *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. 1ª ed. 1966.

SALVI, G. La formazione della costruzione impersonale in italiano. *Revista de estudos linguísticos da Universidade do Porto*. V. 3, pp. 13-37, 2008.

SCHERRE, M. M. P. 2005. *Doa-se lindos filhotes de poodle – variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola.

SCHLEPPEGRELL, M. J. 2004. *The language of schooling: a functional linguistics perspective*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

SCOTT, M. R. 2008. *Wordsmith Tools v. 5*. Software for text analysis. Oxford: Oxford University Press.

SHERGUE, O. 2003. *Dimensão da variação no discurso médico acadêmico: o artigo de pesquisa a apresentação de trabalhos científicos em congressos*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.

SHIBATANI, M. 1985. *Passives and related constructions: a prototype analysis*. *Language* 61:4. pp. 821-848.

SPINELLI, M. D. P. 2004. *Avaliação e persuasão em abstracts de artigos de pesquisa experimental em medicina*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP.

SUÑER, M. 1983. *On null subjects*. *Linguistics Analysis*. V.9.pp.55-78.

SUÑER, M. 1988. El papel de la concordancia en las construcciones de reduplicación de clíticos. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. (Org.). *Los pronombres átonos*. Madrid: Tauros Ediciones, 1993. p.174-184

SUÑER, M. 2002. *Las passives con se impessoal y la legitimación de las categorías vacías*. In: Lopes, C. S. 2002. *Las construcciones com se*. Madrid: Visor libros.

SVARTVIK, J. 1966. *On voice in the English verb*. Netherlands: Mouton & Co.

SWALES, J. M. 1989. *Language and scientific communication: The case of the reprint request*. *Scientometrics*, v.13, pp. 93-101.

SWALES, J. M. 1990. *Genre analysis – English in academic and research settings*. Cambridge University Press.

SWALES, J. M. & FEAK, C. B. 1999. *Academic writing for graduate students*. Michigan: The University of Michigan Press.

TARALLO, & KATO, M. 1989. *Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intra linguística*. Predição, v. 6. pp. 1-41.

THOMPSON, G. 1996. *Introducing functional grammar*. London: Arnold.

VIVAN, E. 2010. *Principais usos de processos verbais e metáforas interpessoais em artigos de linguística aplicada*. Tese de doutorado. PUC-SP.

YAMAMOTO, T. 1984. English and Japanese passives: a functional approach. B. A. thesis, Kobe University.

ZRIBI-HERTZ, A. 1982. *La construction se-moyen du français et son status dans le triangle: moyen, passif, réfléchi*. Linguisticae investigations.v.6.pp.345-401.

ZRIBI-HERTZ, A. 1987. *La réflexivité ergative en français moderne*. Le français moderne.v.55.pp.23-54.